HOMILÉTICA

Dividimos a matéria em três seções principais:

homilética fundamental

homilética material

homilética formal.

Na homilética fundamental, referimo-nos ao conceito de homilética, ou seja, abordamos questões introdutórias, tais como: origem, significado, tarefa, desenvolvimento histórico, problemas, características, conteúdo e importância da homilética evangélica. O segundo capítulo trata da homilética material, relativa ao material básico para se fazer homilética. O aluno aprende a lidar com as versões em português da Bíblia, incluindo a Bíblia Vida Nova, chaves bíblicas, concordâncias, dicionários, léxicos, comentários, harmonias e panoramas bíblicos. Exemplos práticos e exercícios ajudam o aluno a utilizar o material auxiliar disponível na preparação de mensagens baseadas na Palavra de Deus. O último capítulo refere-se à homilética formal, que analisa a estrutura, a apresentação e as formas alternativas da pregação bíblica. Seguem exemplos e exercícios. Uma bibliografia selecionada conscientiza o estudante a dar prioridade às obras básicas na compra de material evangélico acerca de homilética. O desejo ardente e a oração contínua do autor são no sentido de que o estudante da Palavra de Deus prepare suas mensagens com dedicação, sinceridade e fidelidade, sob a orientação indispensável do Espírito Santo e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2 Co 10.5), para que o evangelho eterno de Jesus Cristo seja pregado, ouvido, entendido e obedecido em nossos dias. "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê..." (Rm 1.16)

ABREVIATURAS

Encontram-se aqui as abreviaturas remissivas e teológicas com as quais o estudante deve se familiarizar.

Abreviaturas remissivas

a. C. antes de Cristo (colocado após o número)

A. D. Anum Dominum (no ano do Senhor; depois de Cristo)

c. circa (cerca de, mais ou menos em)

cap. capítulo

caps. capítulos

cf. confer (compare, confira)

ed. editor

e. g. exempli gratia (por exemplo)

i. e. id est (isto é)

op. cit. opus citatum (obra citada)

s. seguinte

ss. seguintes

v. versículo

vv. versículos

viz. videlicet (a saber)

vol. volume

vols. Volumes

Abreviaturas teológicas

BLH A Bíblia na Linguagem de Hoje

BVN Bíblia Vida Nova

NDITNT Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento

EIBB Edição Imprensa Bíblica Brasileira

ENT Exposição do Novo Testamento

ARA Edição Almeida Revista e Atualizada

ARC Edição Almeida Revista e Corrigida

GeD F. W. Gingrich e F. W. Danker, Léxico do N. Testamento Grego-Português

LRS Lições de Retórica Sagrada

MDC Manual do Culto

NCB O Novo Comentário da Bíblia

NDB O Novo Dicionário da Bíblia

NTI O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo

PB A Pregação Bíblica

PEB Pequena Enciclopédia Bíblica

PES O Preparo e Entrega de Sermões

PMS P. Moreira da Silva, Homilética - A arte de pregar o evangelho

Bibliografia Básica

Para que o aluno esteja em condições de analisar sozinho um termo, estruturar um esboço e familiarizar-se com o texto, fazendo assim uma exegese bíblica, é indispensável que tenha suas próprias ferramentas.

O autor deste manual sugere que o aluno adquira o mais breve possível os seguintes livros, que estão colocados em ordem de prioridade a fim de possibilitar uma compra consciente:

1. Chave Bíblica, Edição Revista e Atualizada, Brasília, S. Bíblica do Brasil, 1970.

2. R. Shedd, ed., A Bíblia Vida Nova, São Paulo, Edições Vida Nova, 1976.

3. F. Davidson, ed., O Novo Comentário da Bíblia, São Paulo, Ed. Vida Nova, 1963.

4. J. D. Douglas, ed., O Novo Dicionário da Bíblia, São Paulo, Ed. Vida Nova, 1966.

5. S. L. Watson e W. E. Allen, Harmonia dos Evangelhos, Rio de Janeiro, JUERP, 1979.

6. W. L. Liefeld, Exposição do Novo Testamento, São Paulo, Ed. Vida Nova, 1985.

7. W. Robinson, A Pregação Bíblica, São Paulo, Edições Vida Nova, 1983.

8. J. Braga, Como Preparar Mensagens Bíblicas, São Paulo, Editora Vida, 1987.

1 A Homilética Fundamental

A homilética fundamental trata das questões introdutórias da matéria, visando uma compreensão objetiva de seus aspectos, tais como: origem, significado, tarefa, desenvolvimento histórico, problemas, características, conteúdo, importância e alvo da prédica evangélica.

ORIGEM, SIGNIFICADO E TAREFA DA HOMILÉTICA

O termo (homilética) deriva do substantivo grego "homilia", que significa literalmente "associação", "companhia", e do verbo homileo, que significa "falar", "conversar". O Novo Testamento emprega o substantivo homilia em 1 Coríntios 15.33 ... as más conversações corrompem os bons costumes.

O termo "homilética" surgiu durante o Iluminismo, entre os séculos XVII e XVIII, quando as principais disciplinas teológicas receberam nomes gregos, como, por exemplo, dogmática, apologética e hermenêutica.

Na Alemanha, Stier propôs o nome Keríctica, derivado de keryx, que significa "arauto". Sikel sugeriu haliêutica, derivado de halieos, que significa "pescador".

O termo "homilética" firmou-se e foi mundialmente aceito para referir-se à disciplina teológica que estuda a ciência, a arte e a técnica de analisar, estruturar e entregar a mensagem do

evangelho.

"A homilética é ciência, quando considerada sob o ponto de vista de seus fundamentos teóricos (históricos, psicológicos e sociais); é arte, quando considerada em seus aspectos estéticos (a beleza do conteúdo e da forma); e é técnica, quando considerada pelo modo específico de sua execução ou ensino."

O termo "homilética" tem suas raízes etimológicas em 3 palavras da cultura grega:

1. Homilos, que significa "multidão", "turma", "assembléia do povo" (cf. At 18.17);

2. Homilia, que significa "associação", "companhia" (cf. 1 Co 15.33); e

3. Homileo, que significa "falar)", "conversar" (cf. Lc 24.14s.; At 20.11,24.26).

A RELAÇÃO ENTRE A HOMILÉTICA E OUTRAS DISCIPLINAS

Como disciplina teológica, a homilética pertence à teologia prática. As disciplinas que mais se aproximam da homilética são a hermenêutica e a exegese.

Enquanto a hermenêutica é a ciência, arte e técnica de interpretar corretamente a Palavra de Deus, e a exegese a ciência, arte e técnica de expor as idéias bíblicas, a homilética é a ciência, arte e técnica de comunicar o evangelho. A hermenêutica interpreta um texto bíblico à luz de seu contexto; a exegese expõe um texto bíblico à luz da teologia bíblica; e a homilética comunica um texto bíblico à luz da pregação bíblica.

A homilética depende amplamente da hermenêutica e da exegese. Homilética sem hermenêutica bíblica é trombeta de som incerto (1 Co 14.8) e homilética sem exegese bíblica é a mera comunicação de uma mensagem humanista e morta.

A homilética deve valer-se dos recursos da retórica (assim como da eloqüência), utilizar os meios e métodos da comunicação moderna e aplicar a avançada estilística. Não se pode ignorar o perigo de substituir a pregação do evangelho pelas disciplinas seculares e de adaptar a pregação do evangelho às demandas do secularismo. A relação entre a homilética e as ciências modernas é de caráter secundário e horizontal; pois as Escrituras Sagradas são a fonte primária, a revelação vertical, o fundamento básico de toda a homilética evangélica.

Por isso, o apóstolo Paulo escreveu aos coríntios: (Eu, irmãos, quando fui ter con- vosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de lingua-gem, ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e sim, no poder de Deus) (1 Co 2.1-5).

O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA HOMILÉTICA

O modelo predominante no período profético era a palavra vinda diretamente do Senhor ("assim diz o Senhor") que os profetas anunciavam e ilustravam em sua próprias vidas: uma prostituta como esposa (Oséias); nomes dos filhos (Is 7.3, 8.3); cinto (Jr 13.1-11); o vaso do oleiro (Jr 18.1-17); a botija quebrada (Jr 19.1-15); a morte da mulher de Ezequiel (Ez 24.15-27). Após o exílio, desenvolveu-se a homilia primitiva, em que passagens das Escrituras Sagradas eram lidas em público ou nas sinagogas (Ne 8.1-18).

Por volta de 500-300 a. C., os gregos Córax, Sócrates, Platão e Aristóteles desenvolveram a retórica, aperfeiçoada pelos romanos na forma da oratória (principalmente Cícero, em cerca de 106-43 a. C.). Jesus, no entanto, pregou o evangelho do reino de Deus com simplicidade, utilizando principalmente parábolas (Mt 13.34s.; Mc

4.10-12, 33, 34) e aplicando textos do Antigo Testamento à Sua própria vida (Lc 4.16-22). Uma análise do livro de Atos revela cinco elementos básicos comuns às mensagens apostólicas: o Messias prometido no Antigo Testamento; a morte expiatória de Jesus Cristo; Sua ressurreição pelo poder do Espírito Santo; a gloriosa volta de Cristo; e o apelo ao ouvinte para que se arrependesse e cresse no evangelho.

A maioria dos cristãos antigos, portanto, seguiu o exemplo da sinagoga, lendo e explicando de modo simples e popular as Escrituras do Antigo Testamento e do Novo. Não se percebe muito esforço em estruturar um esboço homilético ou um tema organizador. A homilia cristã apenas (segue a ordem natural do texto da Escritura e visa meramente ressaltar, mediante a elaboração e aplicação, as sucessivas partes da passagem como esta se apresenta). C. W. Koller, Pregação Expositiva sem Anotações (São Paulo: Mundo Cristão, 1984), p. 21.

As primeiras teorias homiléticas encontram-se nos escritos de Crisóstomo (345-407 A. D.), o mais famoso pregador da igreja primitiva. A primeira homilética foi escrita por Agostinho, em De Doctrina Christiana. Agostinho dividiu-a em de inveniende (como chegar ao assunto) e de proferendo (como explicar o assunto). Na prática, esta divisão sistemática corresponde hoje às homiléticas material e formal.

A Idade Média não foi além de Agostinho, mas produziu coletâneas famosas de sermões, atualmente publicadas em forma de livros devocionais. (A homilética era quase a única forma de oratória conhecida.) O maior pregador latino da Idade Média foi Bernardo de Claraval (1090-1153). Graças a Carlos Magno (768-814), a pregação era feita na língua do povo e não exclusivamente em latim.

A grande inovação da Reforma Protestante foi tornar a Bíblia o centro da pregação. Os discursos éticos e litúrgicos foram substituídos pela pregação evangélica das grandes verdades

bíblicas, versículo por versículo. Martinho Lutero e João Calvino expuseram quase todos os livros da Bíblia em forma de comentários que, ainda hoje, possuem vasta aceitação acadêmica e espiritual. Os líderes da Reforma Protestante deram à pregação um novo conteúdo (a graça divina em Jesus Cristo), um novo fundamento (a Bíblia Sagrada) e um novo alvo - a fé viva.

Enquanto Lutero enfatizava o conteúdo da pregação do evangelho (a justificação pela fé), Melanchthon ressaltava o método e a forma da pregação. Como humanista convertido, Melanchthon escreveu, em 1519, a primeira retórica evangélica, seguida de duas publicações homiléticas, em 1528 e 1535, respectivamente. Melanchthon sugeriu enfatizar a unidade, um centro organizador, um pensamento principal (loci) para o texto a ser pregado. A pregação evangélica deveria incluir: introdução, tema, disposição, exposição do texto e conclusão.

OS PROBLEMAS DA HOMILÉTICA

A palavra de Deus afirma que "a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo" (Rm 10.17). Como é possível, então, que surjam dificuldades quando esta palavra é proclamada?

O problema não está na palavra em si, porque 2a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12).

O problema não está na Palavra de Deus, mas em sua proclamação, quando feita por pregadores que não admitem suas imperfeições homiléticas pessoais! Atualmente, as dificuldades mais comuns da pregação bíblica encontram-se nas seguintes áreas:

Falta de preparo adequado do pregador. Na maioria das vezes, a pregação pobre tem sua raiz na falta de estudo do orador. Muitos julgam ter condições de preparar uma mensagem bíblica em menos

de seis horas, sem o árduo trabalho exegético e estilístico. Pensam que basta ter um esboço de três ou quatro pontos para edificar a igreja, ou acham suficiente manipular as Quatro Leis Espirituais para levar um indivíduo perdido à obediência a Cristo.

Falta de unidade corporal na prédica. Os ouvintes do sermão dominical perdem o interesse pelo recado do pastor quando este apresenta uma mensagem que consiste numa mera junção de versículos bíblicos, às vezes até desconexos, pulando de um livro para outro, sem unidade interior, sem um tema organizador. A falta de unidade corporal na prédica leva o ouvinte a depreciar até a mais correta exposição da Palavra de Deus.

Falta de vivência real do pregador na fé cristã. O pior que pode acontecer ao pregador do evangelho é proclamar as verdades libertadoras de Cristo e, ao mesmo tempo, levar uma vida arraigada no pecado e em total desobediência aos princípios da Palavra de Deus. Por isso, Paulo escreveu: "... esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (1 Co 9.27).

Em outras ocasiões, o pregador talvez esteja vivendo em santificação, mas, ainda assim, quando suas mensagens são apresentadas de forma muito teórica, empregando termos técnicos, latinos e gregos que o povo comum não entende, elas se tornam enfadonhas. No fim do culto, o rebanho admite que seu pastor falou bem e bonito, mas se queixará de não ter entendido nada.

Falta de aplicação prática às necessidades existentes na igreja. Muitas mensagens são boas em si mesmas, mas se tornam pobres na prática, na edificação do povo de Deus. Constituem verdadeiros castelos doutrinários, mas não mostram como colocar em prática, de maneira viável, o ensino da Palavra de Deus, negligen-ciando, por exemplo, oferecer ajuda concreta a uma senhora que, após 35 anos de vida conjugal feliz, perdeu o esposo num acidente de trânsito, na semana anterior.

Falta de equilíbrio na seleção dos textos bíblicos. A maior parte das Escrituras foi praticamente abandonada na pregação eficiente do evangelho. Mais de 95% dos sermões evangélicos pregados no Brasil baseiam-se no Novo Testamento e, em geral, limitam-se a textos evangelísticos, tais como: Lc 19.1-10; Jo 1.12; 3.16; 14.6; Rm 8.28; 2 Co 5.15-21 etc.

Prega-se a verdade, mas não toda a verdade! O alvo do apóstolo Paulo era pregar "o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo" (Ef 3.8).

É bom lembrar que os apóstolos, e com eles a primeira geração da igreja primitiva, utilizavam quase sempre o Antigo Testamento. Eles baseavam suas mensagens naqueles 39 livros, que constituem mais de dois terços de nossa Bíblia atual.

Falta de prioridade da mensagem na liturgia. O culto teve início pontualmente às 19h30, com um belo programa musical seguido de muitos testemunhos empolgantes, várias orações e diversos avisos. Finalmente, às 21h30, quando toda a congregação já estava cansada, o dirigente anunciou: (Vamos agora para a parte mais importante de nosso culto. Com a palavra, nosso pastor, que vai pregar o santo evangelho). O pastor, então, fica constrangido de pregar 40 minutos, pois sabe que ninguém irá agüentar.

A característica principal de um culto evangélico é a pregação da palavra de Deus.

Números especiais bem ensaiados, testemunhos autênticos, avisos, tudo isso é útil e necessário, desde que em seu devido lugar. Devemos zelar para que nossos cultos não se tornem festivais de música popular ou reuniões para avisos, mas, sim, encontros com Deus em Sua palavra! Lutero era muito enfático em afirmar que, onde se prega a palavra de Deus e são ministrados o batismo e a ceia, é ali que se encontra a verdadeira igreja.

Falta de um bom planejamento ministerial. "O pregador eficiente

tem de planejar sua pregação com antecipação. Muitos pastores falam sem nenhum plano ou pro-pósito. Eles simplesmente decidem, a cada semana, quais os tópicos para os ser-mões do domingo seguinte. Algumas vezes, a decisão é feita na sexta-feira ou no sábado. A pregação sem um plano de longo alcance produz diversos resultados negativos:

1. O pregador é colocado sob tensão e ansiedade desnecessárias;

2. Muitos pastores simplesmente pregam os mesmos sermões, domingo após domingo. Eles escolhem um texto novo, mas, no fim, o conteúdo acaba sendo idêntico ao daquele outro velho sermão;

3. Outras vezes, o pregador tem uma idéia boa para um sermão, mas não dá tempo para que ela se desenvolva; e

4. Aqueles que não planejam sua pregação, geralmente cedem à tentação do plágio." P. H. Kelley, Mensagem do Antigo Testamento Para os Nossos Dias (Rio de Janeiro: JUERP, 1980), pp. 10-11.

O bom pregador deve fazer um planejamento anual, incluindo mensagens para os dias especiais (Natal, Páscoa, aniversário da igreja etc.). Dessa forma, ele alimentará a seu rebanho com uma dieta sadia e balanceada.

Outros motivos que resultam em problemas para a homilética. Além das dificulda-des já mencionadas, devemos lembrar que a pregação vem sendo desvalorizada pela secularização que atinge nossas igrejas. Muitas famílias preferem assistir ao "Fantástico", em vez de ouvir uma mensagem simplesmente exortativa e moralista.

Há também a questão da grande diversidade de igrejas e pregadores evangélicos, o que facilita à família recém-chegada optar entre o pregador eloqüente e popular e a igreja com status. Além disso, o estresse do dia-a-dia faz com que, mesmo no domingo, não haja mais o sossego necessário para reflexões espirituais profundas.

AS CARACTERÍSTICAS DA HOMILÉTICA

Charles W. Koller apresenta o conceito bíblico de pregação como

(aquele processo único pelo qual Deus, mediante Seu mensageiro escolhido, Se introduz na família humana e coloca pessoas perante Si, face a face). C. W. Koller, op. cit., p. 9.

Em sua tese, Koller refere-se ao mensageiro (vocação, caráter, função) e à mensagem (conteúdo, poder, objetivo). Na realidade, porém, as características da homilética evangélica não devem restringir-se somente aos pólos mensageiro - mensagem. Três elementos, no mínimo, participam da prédica: o pregador, o(s) ouvinte(s) e Deus. Podemos representá-los por meio de um triângulo, cujos vértices simbolizam o autor, o comunicador e o receptor:

DEUS

PREGADOR OUVINTE/COMUNIDADE

Neste triângulo, o pregador dirige-se a Deus, na preparação e na proclamação da mensagem, e ao ouvinte, sua comunidade evangélica.

O ouvinte recebe a mensagem da Palavra de Deus através da comunicação pelo pregador ou por sua própria leitura.

Deus, por Sua vez, é autor, inspirador e ouvinte da Sua Palavra. Entretanto, é bom lembrar que o triângulo só se completa com um núcleo: este âmago é a palavra do Cristo crucificado (1 Co 2.2). O triângulo, então, deve ser aperfeiçoado da seguinte forma:

DEUS

PREGADOR OUVINTE/COMUNIDADE

Para os evangélicos, Cristo é o centro da Bíblia. Lutero ensinou enfaticamente: (A Escritura deve ser entendida a favor de Cristo, não contra Ele; sim, se não se refe-re a Ele não é verdadeira Escritura ... Tire-se Cristo da Bíblia, e que mais se encon-trará nela?) B. Hagglund, História da Teologia (P. Alegre: Concórdia, 1981), p. 187.

Com a Palavra de Deus, é-nos dado o conteúdo da pregação. Pregamos esta Palavra, e não meras palavras humanas. Na comunicação da Palavra de Deus, lembramo-nos de que nossa pregação deve consistir nessa mesma Palavra: "Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus..." (1 Pe 4.11).

Este falar não é o nosso falar, sendo antes um dom de Deus, um charisma. No po-der de Deus, nosso falar torna-se o falar de Deus: "... tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homem, e, sim, como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes" (1 Ts 2.13; cf. 1 Co 2.4s.; 2 Co 5.20; Ef 1.13).

Concluímos, pois, que o conteúdo da homilética evangélica é a Palavra de Deus. Com ela, é-nos confiado um "tesouro em vasos de barro" (2 Co 4.7). É a responsa-bilidade dos "ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus" (1 Co 4.1), que anunciam "todo o desígnio de Deus" (At 20.27). O conteúdo da pregação apostólica testifica a plenitude do testemunho bíblico. Isto se torna evidente ao analisarmos os sermões de Pedro e de Paulo, no livro de Atos (mensagens de Pe-dro: At 2.14-40; 3.12-26; 4.8-12; 5.29-33; 10.34-43; mensagens de Paulo: At 13.16-41; 14.15-17; 17.22-31; 20.18-35; 22.1-21; 24.10-21; 26.1-23; 26.25-29). Nestes sermões, encontramos um testemunho de seis faces que, com palavras diferentes, repete-se:

1. O testemunho da perdição do homem (o pecado e seu julgamento);

2. O testemunho da história da salvação efetivada por Deus em Jesus Cristo (Sua humilhação, encarnação, sofrimento, morte, ressurreição, exaltação e segunda vinda);

3. O testemunho das Escrituras e da própria experiência;

4. O testemunho da necessidade imperativa de arrependimento e dedicação da vida a Jesus Cristo (confissão dos pecados, fé

salvadora, vida santificada);

5. O testemunho do julgamento sobre a incredulidade; e

6. O testemunho das promessas para os fiéis.

As mensagens apostólicas dirigem-se ao homem integral e convidam-no a uma entrega absoluta a Cristo (consciência, razão, sentimento e vontade).

A IMPORTÂNCIA DA HOMILÉTICA

A igreja viva de nosso Senhor Jesus Cristo origina-se, vive e é perpetuada pela Palavra de Deus (Rm 10.17). Pregar o evangelho significa despertar, confirmar, estimular, consolidar e aperfeiçoar a fé (Ef 4.11ss.). Por essa razão, a prédica é a característica marcante do cristianismo. "Nenhuma outra religião jamais tornara a reunião freqüente e regular de massas humanas para ouvir instrução religiosa e exortação uma parte integrante do culto divino". Para o seminarista e futuro pregador do evangelho, "a homilética constitui a coroa da preparação ministerial" porque para ela convergem todas as matérias teológicas, a fim de originar, vivificar, caracterizar, renovar e perpetuar o cristianismo autêntico.

Além de importante, a homilética é também nobre, "porque se interessa exclusiva-mente pelo bem das almas", A. Nobre, Manual do Pregador (São Paulo: Casa Edi-tora Presbiteriana, 1955), p. 7. que são objeto do amor infinito, da graça remidora e do poder renovador de Jesus Cristo. Durante o COMIBAM 87 (Congresso Missionário Ibero-Americano), o líder evangélico René Zapata (El Salvador) disse :"A pregação é o principal meio de difusão do cristianismo, mais poderosa do que a página escrita, mais efetiva do que a visitação e o aconselhamento, mais importante do que as cerimônias religiosas. É uma necessidade sobrenatural, convence a mente, aviva a imaginação, move os sentimentos, impulsiona poderosamente a vontade. Mas, depende do poder do Espírito Santo. É um instrumento divino; não é resultado da sabedoria humana, não

descansa na eloqüência, não é escrava da homilética". Ultimato nº 192, fevereiro de 1988, p. 7.

A homilética é importante devido a seu conteúdo (a proclamação do evangelho como característica fundamental do cristianismo autêntico), seu lugar central na preparação do ministro evangélico e seu objeto (o bem-estar do homem, criado por Deus).

A NATUREZA DA HOMILÉTICA

É a teoria e prática da pregação do evangelho de nosso bendito Senhor Jesus Cristo, que revela o poder e a justiça de Deus para todo homem que nEle crê (Rm 1.16). O teólogo alemão Trillha as define a natureza prática da homilética como "a voz do evangelho na época atual da igreja de Cristo".

Os termos pregação e pregar vêm do latim praedicare, que significa (proclamar). O Novo Testamento emprega quatro verbos para exemplificar a natureza da pregação:

1. Kerysso, proclamar, anunciar, tornar conhecido (61 ocorrências no Novo Testamento). Está relacionado com o arauto (keryx), "que é comissionado pelo seu soberano... para anunciar em alta voz alguma notícia, para assim torná-la conhecida". NDITNT, vol. III, p. 739.

Assim, pregar o evangelho significa fazer o serviço e cumprir a missão de um arauto. João Batista era o arauto de Deus. Para sua atividade, os sinópticos empregam o termo kerysso: Mt 3.1; Mc 1.4; Lc 3.3.Jesus, por Sua vez, era arauto de Seu Pai: Mt 4.17, 23; 11.1; e os doze discípulos, Paulo e Timóteo, arautos de Jesus: Mt 10.7, 27; Mc 16.15; Lc 24.47; At 10.42; Rm 10.8; 1 Co 1.23; 15.11; 2 Co 4.5; Gl 2.2; 1 Ts 2.9; 1 Tm 3.16; 2 Tm 4.2.

Estas referências bíblicas mostram que a natureza da pregação consiste em quatro características principais:

a. um arauto fala e age em nome do seu senhor. O arauto é o porta-voz de seu mestre. É isto que dá à sua palavra legitimidade, credibilidade e autenticidade;

b. a proclamação do arauto já é determinada. Ele deve tornar conhecidas a vontade e a palavra de seu senhor. O não-cumprimento desta missão desclassifica-o de sua função e responsabilidade;

c. o teor principal da mensagem do arauto bíblico é o anúncio do reino de Deus: Mt 4.17-23; 9.35; 10.7; 24.14; Lc 8.1; 9.2; e

d. o receptor da mensagem do arauto bíblico é o mundo inteiro: Mt 24.14; 26.13; Mc 16.15; Lc 24.47; Cl 1.23; 1 Tm 3.16.

2. Euangelizomai, evangelizar. Quem evangeliza transmite boas novas, uma mensagem de alegria. Assim se caracteriza a natureza da prédica evangélica. O pregador do evangelho é o portador de boas novas, de uma mensagem de salvação e alegria. Ele anuncia estas boas novas de salvação ao homem corrompido por seu pecado (Is 52.7; Rm 10.15). O conteúdo do evangelho é a salvação realizada por Jesus Cristo (Lc 2.10; At 8.35; 17.18; Gl 1.16; Ef 3.8; Rm 1.16; 1 Co 15.1ss.), e seu alcance é o mundo inteiro. O evangelho não deve limitar-se a uma classe especial. Ele é para todos. Todos têm direito de ouvir a mensagem de Jesus Cristo (At 5.42; 11.20; 1 Co 1.17; 9.16).

3. Martyrein, testemunhar, testificar, ser testemunha. O testemunho de Jesus Cristo é outra característica autêntica da prédica evangélica. Jesus convidou seus discípulos para serem Suas testemunhas do poder do Espírito Santo (Lc 24.48; At 1.8). Neste sentido, os apóstolos compreenderam e executaram seu ministério (At 2.32; 3.15; 5.32; 10.39; 13.31; 22.15; 23.11; 1 Jo 1.2; 4.14). A testemunha qualifica-se através da comprovação de sua experiência. Isto lhe dá credibilidade, convicção e liberdade no cumprimento de sua missão. O evangelista diz: (... e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus) (Jo 6.69). Isto significa que somente aquele que experimentou pessoalmente o poder salvador e transformador de Cristo, por meio da fé em Sua pessoa e obra, é qualificado para ser testemunha evangélica. Por isso, a testemunha do Novo

Testamento testifica para outras pessoas aquilo que apropriou pela fé. (E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros) (2 Tm 2.2).

4. Didaskein, ensinar. Encontramos este verbo 95 vezes no Novo Testamento. Seu significado é sempre ensinar ou instruir. O Novo Testamento apresenta-nos Jesus como um grande educador: (Quando Jesus acabou de proferir estas palavras [o Sermão do Monte], estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas) (Mt 7.28, 29). "É o testemunho unânime de todos os escritores sinópticos, que sem dúvida coincide com a realidade histórica, que Jesus 'ensinava' publicamente, i. e., nas sinagogas (Mt 9.35; 13.54 par.; Mc 6.2; 1.21 e passim), no templo (Mc 12.35; Lc 21.37; Mt 26.55 par.; Mc 14.49; cf. Jo 18.20) ou ao ar livre (Mt 5.2; Mc 6.34; Lc 5.3; e pas-sim). Somente Lucas 4.16ss. dá detalhes acerca da forma externa de Seu ensino, viz., ficava em pé para ler um trecho dos profetas, depois se sentava para fazer a exposição, sendo este o costume judaico e rabínico normal (cf. Lc 5.3; Mc 9.35; Mt 5.2). NDITNT, vol. II, p.44. Jesus recebeu Seu ensino diretamente de Seu Pai (Jo 7.16s.).

Os apóstolos também reconheceram a importância do ensino para as igrejas recém-fundadas (At 2.42; 5.28). O alvo do ensino apostólico era firmar os cristãos em sua fé, prepará-los para o serviço e aperfeiçoá-los para a vinda do Senhor Jesus Cristo (Ef 4.11ss.). Os apóstolos reconheciam o ensino como charisma do Espírito Santo (Rm 12.6s.; 1 Pe 4.11).

Concluímos, portanto, que a natureza da mensagem evangélica é explicar a histó-ria da salvação, transparecer a revelação e o plano de Deus para o mundo, a igreja e o incrédulo (At 2.42; 20.20s.; 1Tm 3.2b,4.13; 2Tm 2.24). Note bem que o alvo do ensino apostólico não é a cognição nem simplesmente o conhecimento intelectual, mas o

conhecimento místico, prático, salvador e transformador de vidas, para que sejam santificadas e preparadas a fim de produzirem as boas obras que o Senhor dispôs de antemão para que andassem nelas (1Co 1.5; Ef 2.10; 2Ts 2.15; 2Jo 9).

O ALVO DA HOMILÉTICA

Qual o alvo da mensagem evangélica? Podemos ficar satisfeitos com a mera preparação e apresentação da prédica? Quais os objetivos de tanto esforço na preparação, estruturação, meditação e, finalmente, pregação do sermão?

Para T. Hawkins, "o objetivo da homilética é auxiliar na elaboração de temas que apresentem em forma atraente uma mensagem da Palavra de Deus, com tal eficiência que os ouvintes compreendam o que devem fazer e sejam movidos para fazê-lo". T. Hawkins, Homilética Prática (Rio de Janeiro: JUERP, 1978), pp. 13-14.

Em geral, podemos dizer que o objetivo da mensagem evangélica é a conversão, nutrição, comunhão, motivação e santificação para a vida cristã.

O alvo primário de toda e qualquer mensagem bíblica é a salvação de pecadores perdidos (Rm 1.16). "Em toda pregação, Deus procura primariamente, mediante Seu mensageiro, trazer o homem para a comunhão Consigo". C. W. Koller, op. cit., p. 14.

É por meio da mensagem anunciada, ouvida e crida que os homens são salvos da perdição, da escravidão do pecado e da morte (Rm 10.10,17; Jo 8.34-36). Isso vale tanto para os povos que já a ouviram e creram no evangelho quanto para os povos pagãos. O desejo de Deus é de que (todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade) (1 Tm 2.4). Toda pregação do evangelho, portan-to, deve incluir nitidamente a oferta da salvação. A prédica evangélica também não pode silenciar quanto à situação e ao destino dos perdidos (Jo 3.18, 36; Ap 22.15). Ao mesmo tempo, a pregação bíblica anuncia com convicção a necessidade de

reconhecer, confessar e deixar todo e qualquer tipo de pecado e de idolatria, convertendo-se ao Deus vivo e verdadeiro (Pv 28.13; Rm 10.10; 1 Ts 1.9s.).

Concluímos, pois, que é necessário salientar: a) o testemunho da perdição eterna e depravação total do homem que vive sem Deus ou contra Deus; b) o testemunho da salvação em Cristo Jesus pela fé; c) o testemunho da importância do arrependimento e da conversão ao Deus vivo e verdadeiro; d) o testemunho da regeneração pelo poder do Espírito Santo; e) o testemunho da vida nova e transformada em Cristo; f) o testemunho do senhorio de Cristo em nossas vidas; e g) o testemunho da esperança viva nos discípulos autênticos.

A pregação do evangelho, porém, não se dá por satisfeita em apenas chamar à comunhão viva com o Senhor Jesus Cristo. Após a conversão, a ênfase deve estar sobre as coisas que acompanham a salvação (Hb 6.9). Nutrição, motivação, doutrinamento, perfeição, edificação, consolidação, consagração e santificação devem complementar a pregação evangelístico-missionária (Cl 1.28; 2.6s., Ef 3.17; 4.11ss., 1 Co 3.11). Isto deve acontecer individual e eclesiasticamente (Rm 15.2; 1 Co 14.3s.; Ef 2.21; 1 Pe 2.5s.; 1 Co 3.9). Como indivíduo, o cristão precisa ser aconselhado (At 20.20ss.; Jo 21.15-17; 2 Tm 4.2). Este processo de edificação e consolidação seria impossível sem o doutrinamento (Ef 4.14; Cl 1.11).

O terceiro alvo da pregação evangélica visa a ação diaconal de cada membro do corpo de Jesus Cristo (Ef 4.11ss.; 1 Ts 1.9; Tt 3.8). Faz parte da mensagem neo-testamentária que o cristão envolva-se no serviço de Deus (1 Co 9.13; 2 Co 5.15; Gl 2.20). A verdadeira mensagem evangélica estimula o cristão para as diversas possibilidades ministeriais, sociais e diaconais (At 20.28; 1 Pe 5.2; 4.10; Rm 12.4-8). Resumimos este parágrafo sobre o alvo da homilética com a convicção paulina de jamais deixar de anunciar "todo o desígnio de Deus" (At 20.27).

Perguntas didáticas sobre a homilética fundamental

1. Quais são os assuntos abordados pela homilética fundamental?

2. Quando e onde surgiu o termo homilética?

3. Dê uma definição precisa de homilética.

4. Quais são as origens etimológicas do termo homilética?

5. Qual é a relação entre a homilética e a hermenêutica?

6. Em que sentido a homilética diferencia-se da exegese bíblica?

7. Como você vê a relação da homilética com a retórica, eloqüência, comunicação e estilística?

8. Qual era o conceito homilético na época dos profetas do Antigo Testamento?

9. Que tipo de homilética desenvolveu-se no período pós-exílio?

10. Quem inventou a retórica?

11. Quem aperfeiçoou a oratória?

12. Quais são as características da pregação de Jesus Cristo?

13. Como os apóstolos pregaram o evangelho?

14. Defina e caracterize a homilia cristã.

15. Quem foi o mais famoso pregador da igreja primitiva?

16. Quem escreveu a primeira homilética cristã?

17. Como Agostinho subdividiu a homilética?

18. Quais são os méritos da Idade Média quanto à homilética evangélica?

19. Como Carlos Magno destacou-se no desenvolvimento da pregação do evangelho?

20. Qual foi a novidade na homilética da Reforma Protestante?

21. Como Melanchthon notabilizou-se na história do desenvolvimento da homilética?

22. Cite oito razões pelas quais a homilética constitui um sério

problema em nossos dias.

23. Quantas horas o pregador deve investir na preparação de uma mensagem?

24. Por que ouvimos tantas mensagens pobres?

25. Como entendemos a unidade corporal da prédica?

26. Como a advertência de Paulo, em 1 Coríntios 9.27, está relacionada à pregação do evangelho?

27. O que acontece quando uma mensagem não tem aplicação prática?

28. Quais são as partes das Escrituras abandonadas na pregação evangélica?

29. Como podemos valorizar as mensagens bíblicas baseadas no Antigo Testamento?

30. Qual é a parte principal de um culto evangélico?

31. Quais são os resultados negativos da falta de planejamento das mensagens?

32. Por que o secularismo e o estresse constituem um problema para o sermão evangélico?

33. Quais são as três partes integrantes de uma prédica?

34. Qual é a função do pregador no sermão?

35. Qual é a posição da comunidade na mensagem?

36. Qual é o papel de Deus no sermão?

37. Quem é o centro da mensagem evangélica?

38. Quais são as referências bíblicas que provam que o conteúdo da homilética evangélica deve ser a Palavra de Deus?

39. Ao analisarmos as mensagens de Pedro e de Paulo no livro de Atos, encontramos um testemunho de seis faces que apela para a totalidade do homem e convida-o para uma entrega total a Cristo.

Explique a necessidade, o conteúdo e a importância de cada um desses testemunhos.

40. Como percebemos a importância da homilética?

41. Por que a homilética é a coroa da pregação ministerial?

42. Dê a origem e o significado do termo pregação.

43. Quais são os quatro verbos gregos (e seus significados) que o Novo Testamento emprega para exemplificar a natureza da pregação?

44. Quais são as características bíblicas de um arauto?

45. De que maneira o termo evangelizar caracteriza nossa pregação?

46. Por que a mensagem bíblica deve ser um testemunho?

47. Explique por que a prédica deve ser ensino.

48. Defina o alvo da homilética numa única frase.

49. Qual o alvo primário da mensagem evangélica?

50. Por que o pregador não deve esquecer-se dos alvos espiritual, doutrinário e diaconal na preparação e entrega de seus sermões?

2 A Homilética Material

No primeiro capítulo, ocupamo-nos com a homilética fundamental, isto é, com a natureza da prédica evangélica. Neste segundo capítulo, nossa atenção estará voltada para o texto bíblico em si e para o material básico necessário à homilética. Na homilética material, o aluno irá familiarizar-se com as diversas versões da Bíblia em português, aprenderá a usar os tópicos e rodapés da Bíblia Vida Nova, desenvolverá técnicas para a utilização da chave bíblica e da concordância, e perceberá o valor auxiliar de dicionários, léxicos, comentários, harmonias e panoramas bíblicos na preparação de uma mensagem. Exemplos práticos e exercícios ajudarão o aluno a apreender as técnicas homiléticas mais modernas, a fim de comunicar com clareza e eficiência a Palavra de Deus.

A BÍBLIA, MATERIAL BÁSICO DO SERMÃO

A Palavra de Deus é a fonte singular para a pregação bíblica. A prédica evangélica alimenta-se, baseia-se, origina-se, inspira-se e motiva-se na Palavra de Deus, porque ela é o grande e inexorável reservatório da verdade cristã. C. W. Koller, op. cit., p. 41. Deus fala através da Bíblia. Ela é o instrumento único e infalível pelo qual Deus revela Sua vontade: Lâmpada para os meus pés... e luz para os meus caminhos (Sl 119.105). Portanto, para o pregador do evangelho, não há nenhum motivo pelo qual deva desviar-se da Palavra de Deus. O pregador é o profeta divino que anuncia a mensagem de Deus para sua geração. Quando o povo vai à igreja, deseja ouvir a Palavra de Deus interpretada com fidelidade e relevância quanto às necessidades atuais.

A Bíblia é um livro de variedade literária singular. Nela se encontra uma verdadeira biblioteca, com 66 livros contendo leis, histórias, poesias, profecias, literatura de sabedoria, narrativas, alegorias, parábolas, textos apocalípticos, biografias, crônicas, dramas, enigmas, visões, mensagens, cânticos, conversas, cartas, ensinamentos, orações, exclamações, interrogações, disputas, discursos e até convenções.

Tudo isso oferece material suficiente para a pregação bíblica em qualquer circunstância ministerial ou eclesiástica.

A Bíblia em seu significado fundamental. Quando baseada na revelação da Palavra de Deus, nossa pregação tem um significado salvador. A pregação é a proclamação das boas novas das Escrituras Sagradas. Como a revelação especial de Deus é a Palavra de Deus, a pregação deve originar-se, basear-se e motivar-se na Palavra de Deus.

Precisamos ser lembrados e conscientizados de que todo nosso conheci- mento da verdade encontra-se na Palavra reveladora de Deus, não em nós. O homem natural não entende nada de Deus (1 Co 2.14), mas o homem salvo leva cativos seu conhecimento, pensamento e inteligência à obediência de Cristo (2 Co 10.5). O

centro da Bíblia é a revelação de Jesus Cristo. Toda revelação bíblica culmina em Jesus Cristo. Em Seu falar e agir, em Seu sofrimento e em Sua morte e ressurreição nEle foi revelada a vontade salvadora de Deus.

No fato de Deus ter revelado Sua vontade salvadora em Seu Filho, Jesus Cristo, está dado o conteúdo primordial de nossa pregação. O apóstolo Paulo descreveu este princípio homilético com as seguintes palavras: Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado (1 Co 2.2). Por isso, nosso centro e alvo da pregação do evangelho é Jesus Cristo, que é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente (Hb 13.8; ARC).

Agora, fica evidente por que nem todas as passagens bíblicas são igualmente recomendáveis para a escolha de uma mensagem. De seu centro, do próprio Senhor Jesus Cristo, é-nos dada a prioridade dos livros bíblicos para nossa pregação. Não estamos dizendo com isso que existam partes mais ou menos importantes dentro das Escrituras Sagradas ou que algumas passagens sejam mais valiosas do que outras. Queremos apenas indicar que nem todas as passagens são adequadas para um culto evangelístico ou, por exemplo, para o Natal, a Semana da Pátria, o aniversário da igreja, um casamento ou um culto fúnebre.

A seguir, apresentamos algumas referências bíblicas. Verifique para que ocasiões seriam apropriadas: Ne 9.22-25; 2 Sm 1.19-27; Js 24.16-28, 31; At 2; Lc 2; Jó 19; Hb 1.1-3; Rm 8.39; 1 Pe 2.13-17; Tg 3.13-18; Ne 6.9; 2 Cr 6.4-10; 2 Rs 5.1-15; 1 Rs 11.1-8; Js 8.30-35; Gn 12.1-9; Jo 1.12; 2 Co 5.17-21; Sl 23; Jo 3.1-6; Jo 3.7-13; Jo 3.14-15; Jo 3.16; 17.8-16; 2 Rs 6.8-23; 14.

Nem sempre a pregação evangélica pode apresentar toda a história da salvação. Ela se fundamenta praticamente em um texto básico, i. e., numa parte pequena, em comparação com tudo o que Deus revelou no restante da Bíblia. Mas esse texto breve é estudado, interpretado e comunicado no contexto bíblico e em harmonia com a

Palavra de Deus, em sua totalidade.

Assim, nossa pregação deve ser textual (i. e., fiel ao texto pelo qual optamos), escriturística (i. e., bíblica, em seu contexto doutrinário e ético), cristológica (i. e., em seu conteúdo principal) e prática (i. e., em sua aplicação às necessidades reais de nossas igrejas).

A escolha do texto do sermão. Quando falamos do texto do sermão, referimo-nos a uma parte específica das Escrituras Sagradas, que desejamos estudar para depois expô-la a nossos ouvintes. O texto do sermão pode ser apenas uma palavra, ou então uma frase, um pensamento, um versículo, alguns versículos interligados ou consecutivos, um salmo, uma ilustração, um ou mais capítulos inteiros das Escrituras Sagradas, ou ainda um personagem.

Para um pregador iniciante, a escolha do texto do sermão pode tornar-se um verdadeiro pesadelo, algo absolutamente desnecessário. O texto é-nos dado nas Escrituras Sagradas. Como testemunhas e arautos de Cristo, fomos incumbidos de anunciar o evangelho do reino de Deus. Como ministros e embaixadores de Cristo, exortamos os ouvintes a se reconciliarem com Deus (2 Co 5.20).

Todavia, precisamos reconhecer que dependemos do Espírito Santo na escolha do texto. Não podemos selecionar a passagem sozinhos ou sem recorrer à obra do mestre. Por isso, a oração é indispensável. Se escolhêssemos sozinhos um texto bíblico, estaríamos correndo o risco de nos limitarmos a nossos assuntos ou passagens preferidas. Mas, para a escolha do texto propício, além da oração pessoal e da direção do Espírito Santo, temos o auxílio de: textos apropriados para a época eclesiástica (Advento, Natal, fim de ano, Páscoa, Ascensão, Pentecoste, aniversário da igreja, campanha evangelística, dia de missões); as senhas diárias dos irmãos morávios (Editora Sinodal); a exposição de livros inteiros da Bíblia; a meditação sobre biografias bíblicas; as mensagens acerca de temas doutrinários ou éticos da Bíblia; as devoções particulares; o serviço e

o aconselhamento pastoral; uma situação crítica na igreja; algum livro teológico que estudamos; temas específicos relacionados às necessidades da igreja; e o calendário anual de pregação.

Vale a pena observar também as seguintes regras práticas na escolha de seu texto:

a) escolha-o com, pelo menos, uma semana de antecedência;

b) evite optar por textos difíceis, polêmicos ou de linguagem pomposa e extravagante;

c) não se limite apenas ao Novo Testamento, como faz a maioria dos pregadores;

d) varie os livros bíblicos, a fim de não negligenciar nenhum dos 66; e

e) uma vez escolhido o texto, não mude mais, a não ser que o Espírito Santo assim indique claramente.

A seguir, apresento quatro exemplos com os quais você poderá colocar em prática algum dos auxílios e regras mencionados acima:

Caso 1: Sua igreja passa por um período de crescimento numérico notável. Muitas pessoas são recém-convertidas, mas nem todas romperam com as práticas pecaminosas da vida anterior. Quais textos seriam apropriados para melhorar a situação?

Caso 2: O Natal se aproxima e você não deseja pregar novamente sobre Lucas 2. Quais as alternativas que lhe restam para a escolha de tal mensagem?

Caso 3: Você nota um desinteresse geral em sua congregação quanto à freqüência regular nos cultos semanais de estudo bíblico. O que você pode fazer para estimular a igreja a participar do estudo bíblico?

Caso 4: Você está expondo o livro de Neemias e terminou no domingo passado o capítulo 2. Como você vai definir a extensão de seus textos para o restante dos capítulos nas próximas semanas?

A EXEGESE DO TEXTO DO SERMÃO

O árduo trabalho de preparação da mensagem bíblica começa com a transparência do texto escolhido. O processo que gera essa transparência chama-se exegese.

Exegese é um termo técnico teológico empregado para definir o trabalho de exposição de um texto bíblico. A palavra exegese deriva do substantivo grego exegesis, que significa declaração, narrativa, exposição, explicação, interpretação. Para os gregos, os exegetai eram os intérpretes e expositores oficiais da lei sagrada. Platão, Leis, 759 c, e, 755 a. O termo exegese firmou-se mundialmente a partir do século XIX, indicando a atividade teológica de expor um texto da Bíblia.

O texto bíblico apresenta-se numa língua estrangeira (hebraico, aramaico ou grego) e inserido numa cultura, história e contexto social totalmente diferentes da realidade brasileira.

A fim de expormos com objetividade, temos de interpretar o texto no horizonte de seu autor, com seu contexto e sua cultura, para depois aplicá-lo ao horizonte do ouvinte do século XX. Todos os textos bíblicos têm suas características específicas, dadas por Deus. É evidente que as expressões paulinas predominantes não são as mesmas usadas por Pedro, João ou Tiago, que a literatura poética é diferente da profética e que o texto de Gênesis difere daquele de Samuel, embora ambos os livros façam parte dos registros históricos. Devemos reconhecer e descobrir as características específicas de qualquer texto bíblico, vencer a estranheza (barreira cultural) e descobrir o cerne do texto, superando nossos preconceitos e suposições individuais a fim de expô-lo de maneira fiel e objetiva, conforme as necessidades de nossas igrejas.

A mensagem bíblica encontra-se no texto bíblico em si, não em nós. Somos apenas portadores da mensagem divina presente na Bíblia. Por isso, temos de bombardear o texto bíblico com perguntas, analisá-lo, expô-lo e interpretá-lo, se quisermos comunicá-lo.

Tomemos como exemplo a Parábola do Semeador, em Mateus 13. Por que o semeador semeia à beira do caminho e em solo rochoso? Será que o semeador é negligente ou mal treinado nas técnicas agrícolas? Quanto à Parábola das Dez Virgens, em Mateus 25, podemos perguntar: quais são as tarefas das virgens? Por que algumas têm óleo e outras não? Atos 8 relata a história do encontro de Filipe com o eunuco. Onde fica a Etiópia? Quem é o eunuco? Por que ele era eunuco? Por que viajou para Jerusalém? Qual a distância entre a Etiópia e Jerusalém? Lemos em Lucas 2 que os pais de Jesus puseram-no numa manjedoura. O que é uma manjedoura? Por que os pais não usaram uma rede ou uma esteira?

A necessidade da exegese ilustrada

(Veja o gráfico na edição impressa)

Assim, a nossa pregação torna-se bíblica quando nos submetemos à autoridade do texto, ouvimos e obedecemos a seus princípios e ordens, analisamos criteriosamente suas palavras, seus costumes e seus personagens, interrogamos seu contexto histórico, cultural e bíblico, esclarecemos as dúvidas que surgem na primeira leitura e apropriamo-nos de seu conteúdo pela fé.

O ponto de partida da exegese é o texto. Seu alvo é uma exposição bíblica compreensível para os ouvintes. A finalidade da exegese é dispor os elementos a serem expostos de maneira clara, lógica, seqüencial, progressiva e estética, de sorte a formar um conjunto convincente. PMS, p. 41. O alvo da exegese é duplo: compreensão por parte do pregador e compreensão por parte do ouvinte.

BÍBLIA ----------» PREGADOR ----------» OUVINTES

Na pregação do evangelho, expomos a idéia principal, o cerne de um texto bíblico. É praticamente impossível apresentar cientificamente todos os pormenores e detalhes de um texto bíblico. Não podemos sobrecarregar nossos ouvintes nem fazer da mensagem bíblica um discurso puramente acadêmico. O importante é limitar-se ao

significativo e essencial num texto bíblico. A exegese científica é um trabalho indicado para os comentários, para os cursos de mestrado e para os professores de seminários evangélicos. A exegese do pregador é uma tarefa limitada ao essencial do texto, à compreensão popular da igreja e objetiva uma mensagem de aproximadamente 30 minutos. Nessa exegese limitada, é legítimo pesquisar os termos principais com mais atenção, deixando de lado expressões secundárias.

Contudo, uma simples exposição mecânica ou técnica do texto bíblico não produz automaticamente os resultados desejados pela congregação. É preciso fazer a exegese sob a orientação divina, num espírito de submissão, obediência e oração. A exegese bíblica é uma atividade espiritual que exercemos na presença de nosso Senhor Jesus Cristo.

Então, como fazer a exegese de um texto bíblico? Os dez passos didáticos expostos a seguir o ajudarão a exercer e desenvolver a arte da exegese bíblica:

1. Leia o texto em voz alta e em espírito de oração várias vezes (o grande pregador Dr. Campbell Morgan costumava ler pelo menos 50 vezes a passagem que ia expor), comparando-o com versões bíblicas diferentes para obter uma maior compreensão de seu conteúdo.

2. Reproduza o texto com suas próprias palavras, sem olhar na Bíblia, para verificar se realmente entendeu o conteúdo (Bezzel memorizava todos os textos sobre os quais pregava).

3. Observe o contexto imediato e o remoto (veja pp. 38ss.).

4. Verifique a forma literária do texto (história, milagre, parábola, ensino, advertência, promessa, profecia, testemunho, oração, introdução etc.) e tente estruturá-

lo (e. g., Ef 1.1-2; 15-23; Lc 4.38-39).

5. Determine o significado exato de cada palavra básica, com sua origem e seu uso pelo autor e no restante do testemunho bíblico (e. g., Rm 3.21-31; 5.1).

6. Anote peculiaridades do texto (palavras que se repetem, contrastes, seqüências, conclusões, perguntas, teses) e faça uma comparação sinótica, caso o texto pertença aos evangelhos (veja pp. 35-36).

7. Pesquise as circunstâncias históricas e culturais (época, país, povo, costumes, tradição; e. g., Ap 19.15).

8. Elabore as mensagens de cada versículo ou termo principal por meio de versículos paralelos (em palavras e assuntos), de seu núcleo, de sua relação com a história da salvação, de perguntas didáticas (quem, o que, por que etc.) e de comentários bíblicos, léxicos, dicionários e manuais bíblicos (e. g., Mt 12.38-42).

9. Estruture o texto conforme seu conteúdo principal e organizador e suas seções secundárias (e. g., Lc 19.1-10).

10. Resuma o trabalho exegético feito até este ponto com a frase: O assunto mais importante deste texto é...

Você deve memorizar estes dez passos didáticos e aplicá-los na preparação de qualquer estudo bíblico ou mensagem da Palavra de Deus. Você não pode dispensar-se dessas etapas. Sua negligência seria como a de um mecânico ignorante que conserta um carro sem usar suas ferramentas!

Exemplo 1: Mateus 9.9-13

1. Após ter lido o texto várias vezes e comparado suas palavras com versões bíblicas diferentes, resuma a impressão geral do trecho.

2. Qual o contexto dessa passagem?

a. contexto imediato de Mateus 9

b. contexto do evangelho de Mateus (os capítulos anteriores e posteriores)

c. contexto remoto do livro inteiro (a estrutura do evangelho de Mateus)

3. Como esse texto poderia ser estruturado?

4. Faça uma comparação textual com várias versões bíblicas, anotando as diferenças.

5. Faça uma comparação sinótica desse texto para descobrir a cronologia dos acontecimentos, o material peculiar e os trechos omissos de cada um dos evangelistas.

a. o material peculiar de Mateus

b. o de Marcos

c. o de Lucas

d. o material omisso de Mateus

e. o de Marcos

f. o de Lucas

g. a cronologia sinótica

h. resumo em uma só versão

6. Explique os costumes alfandegários romanos.

7. Qual era a relação entre judeus em geral e os publicanos e pecadores?

8. Qual era a atitude de João Batista frente aos publicanos e pecadores?

9. Como Jesus Se relacionava com os publicanos e os pecadores?

10. Quem eram os fariseus (origem, atitudes, crenças, posição)?

11. Por que os fariseus opuseram-se a Jesus (v. 11)?

12. Fale sobre Cafarnaum (lugar, origem, significado, tamanho, importância).

13. Quem era Mateus (ou Levi; ligações familiares, profissão, religião, características, menção nos evangelhos)?

14. No versículo 9, qual o significado do verbo ver, empregado por Jesus, em relação à vocação de Mateus? Será que os autores dos demais evangelhos usam esse verbo em outras circunstâncias?

15. Quais as conseqüências implícitas do ato de seguir a Jesus?

a. conforme Lc 5.28

b. conforme Mt 19.21

c. conforme Lc 19.1-10

16. Segundo os versículos 10 e 11, quais os motivos de Mateus ao convidar Jesus à sua própria casa?

17. Por que os judeus consideravam os publicanos e pecadores indivíduos de segunda classe?

18. O que significa a frase: ... come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?

19. Como Jesus descreve Sua missão nos versículos 12 e 13, e qual seu significado?

20. Por que Jesus citou Oséias 6.6?

21. Quais as diferenças entre Oséias 6.6 e sua citação feita por Jesus?

22. Em que e por que revela-se na ação de Jesus a misericórdia divina?

23. Quais as implicações do fato de chamar os pecadores?

24. Será que os fortes e justos não precisam da misericórdia divina? (Consulte alguns comentários.)

25. Qual a origem, o significado e o uso do termo bíblico misericórdia? (Consulte o NDB, o NDITNT e o NTI.)

Exemplo 2: Mateus 8.1-4

Use as dez regras didáticas expostas anteriormente para elaborar esta exegese.

1. Em espírito de oração, leia o texto em voz alta diversas vezes. Em seguida, anote o primeiro impacto que a passagem causou em você.

2. Agora, repita o texto com suas próprias palavras, sem olhar na Bíblia, para verificar se realmente compreendeu seu conteúdo.

3. Observe os contextos imediato e remoto.

4. Verifique a forma literária do texto e tente estruturá-lo.

5. Determine o significado exato de cada palavra básica, assim como sua origem e seu uso na Bíblia.

6. Anote as peculiaridades do texto (palavras que se repetem, contrastes, seqüências, conclusões, perguntas, teses) e faça uma comparação sinóptica com Marcos 1.40-45 e com Lucas 5.12-16.

7. Pesquise as circunstâncias históricas e culturais (época, país, povo, costumes, tradições) desse texto.

a. O que era a lepra na época neotestamentária?

b. Qual a função do sacerdote com respeito à lepra?

c. Qual a responsabilidade do sacerdote num caso de cura da lepra?

d. Que povo presenciou o milagre da cura de um leproso?

8. Desenvolva o significado de cada versículo ou tema principal.

v. 1: "seguiram"

a. O que significa o verbo "seguir" no Novo Testamento?

b. O que significa o verbo "seguir" aqui?

v. 2: "eis"

a. Como o Novo Testamento emprega esse termo?

b. Qual seu significado aqui?

v. 2: "adorou-o"

a. Qual o significado do verbo "adorar" na Bíblia?

b. Como se deve adorar? (Consulte dicionários e comentários bíblicos, a chave bíblica e a BVN.)

c. Que atitude é expressa na adoração?

v. 2: "se quiseres"

a. O que o leproso quis dizer com essa frase?

v. 2: "purificar-me"

a. Qual o significado da purificação na Bíblia?

b. Qual a importância da purificação na lei de Moisés?

c. Por que o leproso desejava ser purificado?

v. 3: "tocou-lhe"

a. Que atitude de Jesus é expressa por esse verbo?

b. Qual o significado desse verbo para o leproso?

v. 3: "quero"

a. O que Jesus quer?

b. Qual é a vontade de Jesus?

v. 3: "imediatamente"

a. Qual o significado dessa palavra?

b. Quantas vezes aparece no evangelho de Mateus?

v. 4: "não digas a ninguém"

a. Por que Jesus fez essa proibição?

b. Isso acontece em outras ocasiões no Novo Testamento?

v. 4: "fazer a oferta"

a. Por que esta oferta é necessária?

b. Qual sua finalidade?

c. Será que o Novo Testamento também relata esse costume em outras partes?

9. Estruture o texto conforme seu conteúdo principal e organizador e de acordo com as seções secundárias.

a. O leproso pede ajuda:

_ ele se prostra diante de Jesus

_ ele confia na vontade e no poder de Jesus

b. Jesus concede a cura:

_ Ele toca o leproso

_ Ele cura o leproso

_ Ele envia o leproso ao sacerdote

10. Resuma o trabalho exegético desenvolvido até aqui com a seguinte frase: O assunto principal desta passagem é... (ou esse texto fala sobre...)

INSTRUÇÕES PRÁTICAS PARA A EXEGESE

Os preparativos fundamentais. Antes de iniciar o trabalho detalhado de exegese, o aluno precisa familiarizar-se com o texto escolhido. É impossível conhecer alguém sem gastar tempo e mostrar interesse pela pessoa. As boas relações não surgem da noite para o dia, mas desenvolvem-se à medida que as partes interessam-se uma pela outra, comunicam-se, passeiam juntas, dialogam. Para nos familiarizarmos com qualquer texto bíblico, precisamos relacionar-nos com a passagem escolhida, gastar tempo, meditar, prestar atenção nas palavras, orar. Familiarizar-se com um texto bíblico é um processo lento, demorado, mas gratificante. Charles Haddon Spurgeon, o rei dos pregadores ingleses do século XIX, disse a seus estudantes que, se não conseguissem pregar pelo menos 50 vezes sobre o mesmo texto, isso indicaria que ainda não haviam compreendido tal passagem em sua plenitude.

Observemos os seguintes passos metodológicos a serem seguidos

para nos familiarizarmos com um texto bíblico específico:

Obtenha uma sólida impressão inicial do texto.

a. Leia o texto escolhido em voz alta diversas vezes.

b. Leia versões bíblicas diferentes (EIBB, ARA, ARC, BLH).

c. Memorize o conteúdo principal ou até todos os versículos.

2. Esclareça o contexto.

a. Anote o que precede o texto.

b. Observe o que segue o texto.

c. Verifique qual o tema predominante dos contextos imediato e remoto.

É importante distinguir o contexto imediato (dentro do mesmo capítulo) do contexto remoto (dentro de alguns capítulos ou até do livro inteiro).

A palavra contexto deriva dos termos com e texto. No contexto, consideramos tudo o que vem com o texto, ou seja, frases anteriores e posteriores, versículos anteriores e posteriores, capítulos anteriores e posteriores. H. W. Robinson define o contexto como o arcabouço mais amplo no qual uma passagem ocorre. Pode ser tão estreito como um parágrafo ou capítulo, mas em última análise inclui o argumento maior do livro. PB, p. 51.

Nossas perguntas quanto ao contexto são estas:

1. Como a passagem se relaciona com o material a seu redor e com o contexto remoto?

2. Como a passagem se relaciona com o restante do livro?

3. Como a passagem se relaciona com a Bíblia como um todo?

4. Como a passagem se relaciona com a cultura, o momento histórico e o pensamento teológico da época em que foi escrita?

* Veja o gráfico na edição impressa

O contexto do capítulo 3 (da mesma carta) fala da excelência do ministério da nova aliança. Devemos apenas sublinhar a palavra ministério cada vez que aparece em 2 Coríntios 3 e 4 para perceber que este é o cerne do assunto exposto por Paulo.

Exemplo 2: Lucas 15.11ss.

No contexto, descobrimos que Lucas relata três parábolas que se referem a coisas perdidas: a ovelha perdida, a dracma perdida e o filho perdido. Só falta esclarecer teologicamente o termo perdido e relacioná-lo aos publicanos e pecadores de Lucas 15.1 para obter o núcleo organizador de Lucas 15: o amor de Jesus pelos pecadores perdidos.

Em textos sinópticos, deve-se fazer uma comparação resumida, observando o material peculiar e os trechos omissos de cada evangelista, elaborando uma cronologia dos acontecimentos. Para isso, pode-se usar a obra Harmonia dos Evangelhos, de S. L. Watson e W. E. Allen. A finalidade de uma sinopse ou harmonia dos evangelhos é a organização da matéria dos quatro evangelhos canônicos em colunas paralelas, de modo a facilitar sua comparação nos trechos em que tratam do mesmo assunto e o realce da matéria peculiar a cada um deles, bem como as diferenças de estilo dos autores. Procura-se também dispor em ordem cronológica a narrativa, para que seja conexa e contínua no maior grau possível à história da vida de Jesus. W. E. Allen, prefácio à segunda edição de S. L. Watson e W. E. Allen, Harmonia dos Evangelhos (Rio de Janeiro: JUERP, 1979).

Exemplo: Jesus prediz que Pedro o negará

Marcos 14.27-31	Mateus 26.31-35	Lucas 22.31-34	João 13.36-38
27 Então lhes disse Jesus: Todos vós vos escandalizareis, porque está	31 Então Jesus lhes disse: Esta noite todos vós vos escandaliza- reis comigo;	31 Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como	36 Perguntou-lhe Si-mão Pedro: Senhor, para onde vais? Res- pondeu Jesus:

escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas. 28 Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia. 29 Disse-lhe Pedro: Ainda que todos se escandalizem, eu jamais! 30 Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes. 31 Mas ele insistia com mais veemência: Ainda que me seja neces-sário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. Assim disse- ram todos.	porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão disper-sas. 32 Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia. 33 Disse-lhe Pedro: Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim. 34 Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. 35 Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. E todos os	trigo. 32 Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos. 33 Ele, porém, respondeu: Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão, como para a morte. 34 Mas Jesus lhe disse: Afirmo-te, Pedro, que hoje três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante.	Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás. 37 Replicou-lhe Pedro: Senhor, por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida. 38 Respondeu Jesus: Darás a tua vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes.

	discípulos disseram o mesmo.		

3. Estruture o texto.

Você se prepara para falar sobre Marcos 5.1-20. Após ter lido diversas vezes o texto em voz alta, esclarecendo seu contexto imediato e o remoto, depois de ter feito a comparação sinótica, você se voltará para a estrutura do texto:

a. a chegada à terra dos gerasenos (v. 1);

b. a manifestação do geraseno endemoninhado (vv. 2-5);

c. o endemoninhado na presença de Jesus e sua libertação (vv. 6-13);

d. o relatório dos porqueiros e a reação dos gerasenos (vv. 14-17);

e. a petição do curado e a resposta de Jesus (vv. 18-19); e

f. o testemunho do curado (v. 20).

4. Observe o conteúdo total do livro que abrange o texto escolhido.

Agora, você relaciona o texto com o restante do livro bíblico, a fim de verificar a linha principal da mensagem. Suponhamos que você esteja preparando uma mensagem sobre Romanos 5.1-11. Vamos relacionar este trecho com o restante da epístola. Assim, percebemos que o assunto-chave da epístola aos Romanos é a justificação pela fé, que se relaciona com a justiça de Deus.

1	2	3	4	5
1.1-3.20	3.21-5.21	6-8	9-11	12-16
A necessidade de justiça	Bases, meios e benefícios da justiça	O efeito da justiça	A justiça na his-tória de Israel	A justiça prática
O que somos por natureza	Como sermos salvos	Como o cristão deve		Como o cristão deve

		viver		viver

A exegese lingüístico-gramatical. Concluído o trabalho de preparação, precisamos expor o texto lingüística e gramaticalmente. A exegese lingüística busca a etimo-logia e o significado de uma palavra, enquanto a exegese gramatical procura ver o termo em relação ao restante da frase ou do versículo. A pergunta fundamental na exegese lingüístico-gramatical é sempre esta: O que realmente está escrito?

Os passos da metodologia da exegese lingüístico-gramatical são os seguintes:

a. Traduzimos o texto de seu original hebraico ou grego.

b. Definimos os termos principais de um texto (e. g., Rm 3.21-31) com a ajuda de um dicionário hebraico ou grego juntamente com o NDITNT, para compreendermos sua origem, seu desenvolvimento, seu uso e seu significado bíblico e cultural.

c. Comparamos algumas versões e traduções diferentes (ARA, ARC, EIBB, BLH, BJ).

d. Subdividimos as orações em seus componentes: sujeito, objeto, expressão principal, adjuntos adverbiais, frases secundárias; então, verificamos como cada um se relaciona com o restante do versículo.

e. Observamos as particularidades do texto: repetições de palavras, contrastes, interrogações, conseqüências, afirmações etc.

f. Diferenciamos os substantivos dos verbos, advérbios e pronomes; a voz passiva da ativa; o subjuntivo do indicativo etc., para obtermos uma compreensão maior.

Alguns exemplos

a. Romanos 5.10

Que verbo aparece duas vezes? Em que tempo aparece este verbo? Qual a origem e o significado deste verbo em grego? (Verifique no NDITNT, vol. IV, pp. 69-78.)

Efésios 2.20 Quais são os verbos? Em que tempo se encontram estes verbos? Quais são os substantivos? Quem é o sujeito? Quem é o objeto? Qual é a frase principal? Quais são as frases secundárias?

Gálatas 2.20 Qual é o verbo que se repete? Em que tempo esse verbo se encontra? Em que tempo encontra-se o termo crucificado?

Tiago 4.7-10 Quantos imperativos encontramos nesta passagem? Quais são os pronomes encontrados nesta passagem?

Apocalipse 1.18 Observe e determine todas as formas verbais e os substantivos deste versículo.

Agostinho estabeleceu a regra: Distingue tempora et concordabis Scriptura. Esta regra é nossa tarefa na exegese gramatical!

A exegese histórico-cultural. A tarefa da exegese histórico-cultural é explicitar da-dos e circunstâncias históricos, costumes e tradições que se originaram em outra cultura. A pergunta fundamental na exegese histórico-cultural é sempre esta: Quais circunstâncias históricas e culturais precisam ser analisadas e compreendidas?

A metodologia da exegese histórico-cultural segue os seguintes passos:

a. Esclarecemos o pano de fundo histórico (e. g., de uma carta neotestamentária ou de um livro profético do Antigo Testamento).

b. Traçamos as conexões históricas será que o texto relaciona-se com acontecimentos anteriores?

c. Definimos o lugar e a época do fato.

d. Explicamos as tradições e os costumes (e. g., Mt 3.12; Ap 19.15).

e. Observamos a situação geográfica (e. g., Mc 5.20).

Alguns exemplos

a. Atos 17.18 fala dos epicureus e estóicos. Analise as filosofias dos epicureus e estóicos, com o auxílio das seguintes obras:D. S. Boyer, Pequena Enciclopédia Bíblica, São Paulo, 1975, pp. 278-279. NDB,

vol. 1, pp. 505-506, 555. BVN, nota de rodapé em At 17.18, p. 165.

b. João 7.37 fala da festa dos tabernáculos. Pesquise essa festa através dos versículos bíblicos paralelos, da chave bíblica, do rodapé da BVN, do NDB, da PEB e de outros comentários.

A exegese teológico-pneumatológica. Além das exegeses lingüístico-gramatical e histórico-cultural, devemos familiarizar-nos também com a exegese-teológico-pneumatológica.

A tarefa da exegese teológico-pneumatológica é analisar os termos do texto da maneira teológica, bíblica, espiritual e doutrinária.

As perguntas-chave na exegese teológico-pneumatológica são:

a. Qual o ensino ou mensagem desta frase ou versículo?

b. Quais são as referências bíblicas que apóiam ou confirmam este ensino ou princípio?

c. Quais as afirmações bíblicas que explicam melhor o significado deste ensino?

d. O que Deus deseja expressar aqui?

Na exegese teológico-pneumatológica, o exegeta depende da operação e direção do Espírito Santo. A mensagem é descoberta pelo Espírito Santo, que nos ilumina (1 Co 2.12-13).

A metodologia usada pela exegese teológico-pneumatológica é a seguinte:

a. Esclarecemos os termos principais em relação ao testemunho inteiro das Escrituras.

b. Determinamos o cerne do versículo.

c. Observamos o indicativo da atuação divina.

d. Correlacionamos o texto com a mensagem cristológica (o Cristo prometido, encarnado, crucificado, morto, ressurreto, glorificado, exaltado, presente, que vem outra vez, consumador, rei, sacerdote, profeta).

e. Definimos a finalidade prática do versículo.

Alguns exemplos:

a. 2 Coríntios 5.21 termos principais: pecado, fazer pecado, justiça de Deus;

b. 1 João 4.9 termos principais: manifestou, amor de Deus, Filho unigênito, mundo, viver;

c. Jeremias 17.7 termos principais: Senhor, confiar, esperança, bendito;

d. Filipenses 4.4ss. o cerne é perto está o Senhor;

e. Lucas 18.9-14 o cerne é este desceu justificado para sua casa;

f. João 2.1ss. o cerne é ele... manifestou a sua glória;

g. Colossenses 3.12ss. quais são as afirmações indicativas da atuação divina?;

h. Filipenses 2.6-11 quais são as afirmações cristológicas?;

Lucas 11.5ss.; 18.1ss.; 1 Tm 2.1ss.; Mt 18.19ss. qual a finalidade destes versículos?

A exegese auxiliar. Sua tarefa é utilizar ferramentas secundárias, além da Bíblia, para aprofundar a compreensão de um versículo bíblico. Tais ferramentas são: versículos paralelos, chaves bíblicas, concordâncias, Bíblia Vida Nova, dicionários, comentários e um atlas bíblico, entre outras.

Nesta seção, aprenderemos, de maneira prática, a usar as ferramentas secundárias na exegese.

Quase todas as versões modernas da Bíblia portuguesa contêm, além do texto tra-duzido dos manuscritos antigos, a divisão em capítulos e versículos, títulos em le-tras itálicas e uma indicação simplificada de versículos paralelos. Na ARA, na ARC e na EIBB, os versículos paralelos encontram-se no rodapé de cada página (no ca-so da ARC e EIBB, de forma bem marcada, através de um linha

divisória no texto).

Os versículos paralelos abordam os mesmos assuntos, referem-se às mesmas palavras-chave, usam passagens correlatas (profecia e cumprimento), explicam ou apresentam em sinônimos a mesma idéia. A finalidade dos versículos paralelos é fornecer ao leitor bíblico uma pequena chave bíblica móvel.

Há, porém, dois tipos de paralelismo: o paralelismo de palavras e o paralelismo de assuntos ou tópicos. No paralelismo de palavras, estas são idênticas, seja literalmente ou no sentido, enquanto, no paralelismo de assuntos, as palavras contêm apenas o mesmo tópico ou idéia, sem usar termos iguais.

Exemplo de paralelismo de palavras:

Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus (At 17.1).	
Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessa-lonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo: Graça e paz a vós outros (1 Ts 1.1).	Porque até para Tessalônica mandastes não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades (Fp 4.16).

Exemplo de paralelismo de assuntos, idéias ou tópicos:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra (Mt 28.19).		Tem no seu manto, e na sua coxa, um nome inscrito: Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (Ap 19.16).
Tudo me foi entregue por meu pai (Mt 11.27a).	... assim como lhe conferiste autoridade sobre toda carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste (Jo 17.2).	Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu; para ser Senhor, tanto de mortos como de vivos (Rm 14.9).
E lhe deu autoridade para julgar, porque é o	E pôs todas as cousas debaixo dos seus pés	O sétimo anjo tocou a trom-beta, e houve no

Filho do homem (Jo 5.27).	e, para ser o cabeça sobre todas as coisas... (Ef 1.22).	céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos (Ap 11.15).

Chaves bíblicas

Atualmente, existem quatro chaves bíblicas evangélicas no Brasil, representando as versões bíblicas mais divulgadas:

1. A chave bíblica baseada na ARA, da Sociedade Bíblica do Brasil, de 1970.

Esta chave bíblica compreende cerca de 7.000 verbetes, com mais de 45.000 referências a passagens bíblicas e 51 biografias de personagens bíblicos.

2. A chave bíblica baseada na ARC, da Sociedade Bíblica do Brasil, de 1985.

Em organização e estilo, esta chave bíblica é semelhante à anterior.

3. A concordância bíblica abreviada da Imprensa Bíblica Brasileira.

Esta concordância baseia-se na EIBB e substitui a chave bíblica da mesma editora. Todavia, é bom lembrar que trata-se de uma chave bíblica comum. A vantagem desta edição é sua excelente impressão e a qualidade superior da capa e do papel usado, sendo possível àquele que tem boas condições financeiras.

4. A concordância bíblica abreviada da Editora Vida, de 1982.

Esta obra baseia-se na ARC, sendo mais ampla do que a chave bíblica comum. Tem uma qualidade boa e um preço acessível. Compreende ainda alguns mapas para orientar o leitor na geografia bíblica.

Entretanto, como se usa uma chave bíblica?

Suponhamos que você deseje pregar sobre Hebreus 12.14: Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. Primeiramente, você procura na chave bíblica, em ordem alfabética, o substantivo santificação, encontrando muitos versículos que empregam este termo. Em segundo lugar, busca a forma verbal dessa palavra, que é santificar, e novamente encontrará muitas referências. Depois, poderá ainda procurar outros derivados da raiz sant, como santificado, santo, santíssimo, santuário. Todas estas referências lhe oferecerão um amplo entendimento do uso da palavra santificação e de palavras derivadas ou que se assemelham a ela.

Lembre-se de que as palavras citadas numa chave bíblica vêm em ordem alfabética. Sob cada palavra-chave consta, em ordem bíblica, uma lista de referências e textos em que essa palavra aparece. Nas linhas extraídas do texto bíblico, as palavras figuram em forma abreviada, dando-se em tipo itálico tão somente sua primeira letra, com exceção dos verbos, que figuram segundo sua declinação... Com relação a palavras importantes que têm sinônimos ou outros termos com significados semelhantes ou intimamente relacionados com ela no texto, tais sinônimos constam logo em seguida à palavra-chave, com a indicação V. (veja-se). Luiz A. Caruso, na apresentação da *Concordância Bíblica Abreviada* (São Paulo: Ed. Vida, 1982), p. 5.

A concordância bíblica é a mais completa chave bíblica que existe, consistindo em nada menos do que uma grande chave bíblica com 300.000 verbetes, em mais de 1.000 páginas. A concordância bíblica arrola e cita, em ordem alfabética, com indicação do livro, capítulo e versículo em que se encontram, os verbetes que você procura. P. W. Schelp, na apresentação da Concordância Bíblica (Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1975) p. v. Tal obra ajuda minuciosamente. A minúcia, contudo, não desce a preposições, conjunções, pronomes e muitos advérbios, desde que não exerçam papel na interpretação do texto. Mas, se tais palavras receberam certa significação no

contexto, razoavelmente figuram na concordância, como por exemplo Lucas 11.23: 'Quem não é por mim, é contra mim'; Mateus 16.13: 'Quem diz o povo ser o Filho do homem?', casos em que a preposição 'contra' e o pronome interrogativo 'quem' receberam a devida consideração. P. W. Schelp, ibid., p. v. Em outras palavras, enquanto a chave bíblica apresenta somente os paralelismos de palavras, a concordância arrola também os paralelismos de assuntos, idéias e tópicos.

"Uma concordância bíblica é instrumento indispensável para qualquer leitor da Bíblia. Em primeiro lugar, localiza passagens que alguém procura nas Escrituras. Suponhamos que alguém se recorda de que a Bíblia, em certo lugar, fala do 'encontrar-se com Deus'. Mas onde? Basta procurar o verbete 'encontrar' e, passando os olhos sobre a lista de passagens sob este verbete, logo notará Am 4.12 e lerá: 'Israel, para te encontrares com'. Consultando agora o texto na Bíblia, terá a oração: 'prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus'. Esta mesma passagem aparece quatro vezes na concordância sob os verbetes preparar, Israel, encontrar e Deus. Por esta razão, o livro é bem mais volumoso que a própria Bíblia.

Se houver interesse em saber se em outros lugares a Bíblia menciona encontro com Deus, a concordância imediatamente cita 1 Ts 4.17, onde se lê que os santos, que vivem ainda no dia do Juízo Final serão arrebatados entre nuvens 'para o encontro do Senhor nos ares'.

Outra finalidade da concordância bíblica é auxiliar o leitor da Bíblia no estudo de assuntos ou tópicos bíblicos. Tomemos, para esclarecer, o verbo 'salvar', mui freqüente na Bíblia, e estudemos o seu uso, a sua significação. O leitor terá, imediatamente, uma surpresa com a grande lista de passagens citadas; e, juntando a este verbete ainda as dos verbetes 'salvação' e 'Salvador', terá diante de si várias páginas, todas referentes a 'salvar', prova eloqüente de que a idéia da salvação eterna do homem predomina em toda a Escritura

Sagrada, é aliás a finalidade única. Que esta grande verdade fique gravada na mente e no coração de todos quantos venham a manusear esta concordância bíblica.

Logo em seguida, notará o leitor que em toda a Bíblia, quando se trata do sentido passivo do verbo 'salvar', foi usada, quase sem exceção, a forma 'ser salvo', e não 'salvar-se', pois esta, ainda que expressão bastante popular, é ambígua, tendo também o sentido reflexivo, 'salvar-se a si mesmo'. De acordo com a Palavra de Deus, a nossa salvação, em toda a sua totalidade, é obra do Espírito Santo (Ef 2.8: '... pela graça sois salvos').

Ainda quanto ao uso do verbo salvar é notório, pelas referências, que em numerosos casos, foi ele empregado em sentido secular (salvar a vida, de inimigos, de perigos, do mar, da morte, dos perseguidores, 'o povo salvou Jônatas'); mas o verbo 'salvar' foi empregado especialmente com referência à salvação da alma para a vida eterna (salvar a vida, a alma, salvar do pecado, da ira de Deus, da morte eterna). Também o sujeito do verbo 'salvar' é o mais diverso: Deus, o Filho de Deus, o Filho do homem, o Senhor, a fé, o evangelho, a Palavra de Deus, a graça divina. P. W. Schelp, op. cit., p. vi.

Exemplos práticos:

Regeneração 1 Pe 1.3

Paralelismos de palavras: 1 Pe 1.23; Tt 3.5 (Mt 19.28)

Paralelismos de assuntos: nascer: 1 Jo 2.29; 1 Jo 3.9; 1 Jo 4.7

nascer de novo: Jo 3.3, 7

nascer do Espírito: Jo 3.5, 6, 8

recém-nascidas: 1 Pe 2.2

nascido de Deus: 1 Jo 3.9

Veja também vida: Jo 11.25; Rm 6.8, 11; Gl 2.20, 5.25

vida de Jesus: 2 Co 4.10 vida eterna: Jo 3.15s.; 10.28; Rm 6.23;

1 Tm 1.16; At 13.48; 1 Tm 6.12

vida quieta: 1 Tm 2.2 vida com Cristo: Cl 3.3

vida incorruptível: Hb 7.16

vida em seu nome: Jo 20.31

vida de Deus: Ef 4.18

A Concordância Bíblica apresenta também as referências principais de mais de mil personagens, abrangendo os acontecimento principais de suas vidas e evitando menções biográficas de caráter secundário.

Nem sempre você encontra paralelismos de assuntos na concordância bíblica. Neste caso, você deve refletir sobre quais verbetes expressam a mesma idéia. Por exemplo, no caso de José, a concordância bíblica diferencia entre José, o patriarca (filho de Jacó), José de Arimatéia e José, marido de Maria, mãe de Jesus.

Outro exemplo: Maria de Betânia, em João 11.1ss.

a. Referências na Concordância Bíblica:

Lc 10.39 Tinha ela uma irmã, chamada Maria...

Lc 10.42 Maria, pois, escolheu a boa parte...

Jo 11.1 Betânia, da aldeia de Maria e Marta...

Jo 11.2 Esta Maria, cujo irmão Lázaro...

Jo 11.19 ter com Marta e Maria, para as consolar...

Jo 11.20 Maria, porém, ficou sentada em casa...

Jo 11.28 retirou-se e chamou Maria...

Jo 11.31 estavam com Maria em casa e a consolavam...

Jo 11.32 Quando Maria chegou ao lugar onde...

Jo 11.45 que tinham vindo visitar Maria...

Jo 12.3 Então Maria, tomando uma libra de...

b. Esboço homilético sobre Maria de Betânia

Assim, você pode estruturar um estudo bíblico para um grupo de senhoras, por exemplo, da seguinte maneira:

Tema: Maria de Betânia, um exemplo de fé, sinceridade e amor cristão:

1. sua família (Lc 10.28; Jo 11.1; 12.1s.);

2. o seu ouvir a palavra de Jesus (Lc 10.39; 10.42);

3. a sua confiança em Jesus em tempos de angústia (Jo 11.1s.; 11.32);

4. a sua obediência ao chamado divino (Jo 11.28s.); e

5. o seu ato de amor e gratidão (Jo 12.3ss.).

A Bíblia Vida Nova

O objetivo da Bíblia Vida Nova é colocar ao alcance dos leitores e estudiosos da Palavra de Deus, em um só volume, todos os auxílios possíveis para uma compreensão maior da Bíblia. BVN, p. 3.

Além do texto da ARA, a Bíblia Vida Nova apresenta referências nas margens esquerda e direita para o estudo de tópicos, notas de rodapé em forma de pequenos comentários e auxílios homiléticos, um índice da enciclopédia de assuntos, baseado no New Topical Textbook, em ordem alfabética, uma enciclopédia de assuntos com mais de 20.000 tópicos e 4.200 temas, análise e introdução aos 66 livros da Bíblia, um esboço doutrinário da fé cristã e 15 mapas com indicações sobre as jornadas de Israel, as viagens de Jesus, de Pedro e de Paulo, além da cidade e do templo de Jerusalém.

O ponto de partida da Bíblia Vida Nova foi a famosa Bíblia Thompson. A enciclopédia de assuntos foi ampliada pelas referências dos temas principais da Bíblia encontrados no New Topical Textbook. BVN, p. 3.

As análises e introduções aos 66 livros da Bíblia são da Holman Study Bible. As notas de rodapé foram elaboradas por professores e pastores brasileiros; parte delas foi traduzida da Thompson Topic Bible, e as demais, escritas diretamente em português.

A primeira edição da Bíblia Vida Nova surgiu em 1976, sendo seu editor responsável o Dr. Russell P. Shedd. Seu manuseio é simples e as instruções de uso, bastante claras:

a. As referências impressas à esquerda dos tópicos no A. T. indicam o início de uma corrente de referências.

b. As referências à direita do tópico dizem respeito à próxima referência do mesmo assunto.

c. Os tópicos são sugestões de assuntos que a pessoa poderá pesquisar, usando primeiro o índice para encontrar o número do assunto na Enciclopédia, para depois localizar as referências ao assunto em toda a Bíblia. Os números nas margens das páginas do N. T. correspondem à completa coleção de referências na Enciclopédia.

d. O termo veja indica outros assuntos paralelos...

As notas são pequenos comentários preparados como o intuito de ajudar os leitores na compreensão do texto, bem como constituem sugestões para esboços de sermões sobre a passagem em pauta.

Todos os assuntos, com seus subtítulos, são organizados em ordem alfabética com seu número no lado direito que corresponde à coleção de referências na Enciclopédia.

Na Enciclopédia ajuntam-se mais de 20.000 tópicos e subtópicos abordando 4.218 dos temas e personagens principais da Bíblia. Esta seção serve como chave bíblica, um resumo de tudo o que a Bíblia ensina sobre os assuntos alistados, uma fonte de doutrina bíblica e base para estudo e pesquisa. BVN, p. 4

Nas páginas 286-327 do apêndice, o leitor da Bíblia Vida Nova encontrará uma pequena introdução para cada um dos 66 livros da

Bíblia, apresentando seu tema principal, um esboço, a data, o autor e outras questões introdutórias relevantes.

As páginas 328-345 abordam, de maneira resumida, simples e clara, um esboço geral da doutrina cristã; é um minicompêndio de introdução à teologia sistemática:

a) Deus em Sua revelação, Sua natureza e Sua atuação; b) o homem em seu estado original e no estado do pecado; c) o Redentor e a redenção; d) a experiência da salvação pessoal; e) a vida coletiva dos remidos na igreja; f) o porvir. BVN, p. 4.

Nas páginas de 347-368, o leitor encontrará 15 mapas orientando sobre as jornadas de Israel no deserto, as viagens de Jesus durante Seu ministério público, as viagens de Pedro, as viagens missionárias de Paulo, a cidade de Jerusalém e seu templo.

Dicionários

Na exegese bíblica, o uso de bons dicionários é indispensável para que sejam obtidos resultados claros, seguros e atualizados. Os dicionários foram elaborados por teólogos de renome internacional, que dominam bem as línguas originais das Escrituras Sagradas e possuem um vasto conhecimento teológico, histórico, cultural e arqueológico. Faremos menção de algumas obras de destaque, como segue:

O Novo Dicionário da Bíblia (NDB), publicado em 1962 por Edições Vida Nova, é a versão em língua portuguesa do The New Bible Dictionary, editado pela Tyndale Fellowship for Biblical Research, em associação com a Inter-Varsity Fellowship (ABU). O NDB é um tesouro de conhecimento bíblico, reunindo os resultados especializados de uma equipe de 139 eruditos entre os maiores do atual mundo evangélico. Profunda pesquisa contemporânea e originalidade destacam-se em cada página. NDB, v. I, p. 5. O NDB já foi publicado em francês, espanhol, português e alemão.

A Pequena Enciclopédia Bíblica de O. S. Boyer, combina em uma só

obra um dicionário (definindo quase todos os vocábulos bíblicos), uma chave bíblica, uma introdução breve aos 66 livros da Bíblia, um atlas bíblico simples e uma mini-enciclopédia bíblica. A primeira edição em português foi lançada em 1966, pela Imprensa Metodista de São Paulo. A grande vantagem desta obra magnífica consiste em sua brevidade, precisão e simplicidade. Por sua originalidade prática e seu preço razoável, a obra ganhou muitos adeptos e leitores entre os leigos brasileiros, embora mostre muita dependência do NDB.

Após mais de dez anos de pesquisa bíblica, o Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (NDITNT) surgiu pela primeira vez em 1965, na Alemanha, editado por Lothar Coenen. Este volume tem se estabelecido como obra padrão de referência entre teólogos, ministros, estudantes e todos aqueles que se preocupam com um entendimento mais preciso dos ensinos da Bíblia. NDITNT, vol. I, p. 11.

A obra original alemã foi traduzida, ampliada e editada por eruditos evangélicos da Inglaterra e da América do Norte, em 1975. A versão portuguesa, traduzida por Gordon Chown, surgiu entre 1981-1984, em quatro volumes. Para o bom uso desta volumosa obra exegética, devem ser lembradas algumas informações quanto à estrutura geral, escopo e transliteração.

A obra inteira é dividida em artigos tendo títulos em português dispostos em ordem alfabética. Estes, por sua vez, contêm um ou mais estudos dos termos relevantes no grego do Novo Testamento, agrupados em palavras-chaves. Assim, o artigo sobre Batismo, Lavar divide-se em estudos separados conforme as palavras-chaves gregas baptizo, louo, e nipto. Para ajudar a fácil referência, a palavra-chave em grego é colocada numa caixa no início do estudo... Em cada caso, seguem-se as formas principais das palavras gregas associadas e seus cognatos, que são citadas tanto em letras gregas como em transliteração, juntamente com seus equivalentes básicos lexicográficos.

Cada artigo é dividido em três seções principais, caracterizadas pelas letras CL, indicando uma discussão da palavra em grego clássico e secular, AT, conforme o emprego no Antigo Testamento, e NT, tratando com o uso no Novo Testamento...

O mesmo método de estudo é seguido para cada palavra-chave grega separada, excetuando-se ocasionalmente quando a palavra não ocorrer ou não for relevante em grego secular (como no caso de certos nomes próprios) ou no Antigo Testamento. Bibliografias se acrescentam a todos os artigos de maiores proporções...

O dicionário é expressamente teológico em sua intenção. Informações históricas, geográficas e arqueológicas, que são apropriadas num dicionário geral da Bíblia, aqui se incluem à medida em que são teologicamente relevantes. A ênfase principal recai sobre a elucidação de termos. Por esta razão, este dicionário não faz nenhuma tentativa no sentido de resumir a teologia de Paulo, João ou dos evangelhos sinópticos, nem de pesquisar as influências sobre os escritores individuais como sendo objetos de estudo. Mesmo assim, atenção é dada ao ponto de vista distintivo que qualquer escritor específico possa ter com relação a termos particulares. Certo número de nomes próprios foi incluído na proporção em que têm significado teológico especial no Novo Testamento...

Este dicionário é planejado para ser empregado tanto pelo estudante de grego quanto por aqueles que não têm nenhuma base anterior em línguas antigas. Por esta razão, todas as palavras em grego e hebraico são citadas em transliteração. As palavras gregas são dadas em letras gregas com a apropriada transliteração no título de cada palavra-chave grega. Daí por diante, somente as transliterações aparecem. As palavras hebraicas são citadas em transliteração somente. Uma chave às transliterações é dada na página 49. NDITNT, vol. I, pp. 12-13.

O Léxico do Novo Testamento Grego/Português. Em 1952, W. Bauer, professor em Göttingen, publicou a volumosa e acadêmica obra

Griechisch-Deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der übrigen urchristlichen Literatur, contendo 1.780 colunas. Logo, o léxico ganhou fama mundial por sua extensa pesquisa e erudição científica, sendo traduzido para o inglês, em 1957, e reeditado em 1979. Em 1984, surgiu a versão abreviada em língua portuguesa, com 232 páginas, editada por Vida Nova, numa tradução de Júlio Paulo Tavares Zabatiero.

O alvo desta versão é fornecer os significados dos vocábulos gregos sem entrar em discussões de hermenêutica e teologia. GeD, p. 5.

Comentários

Da mesma forma como o aluno da Palavra de Deus precisa do professor, o professor nas Escrituras precisa de professores. PB, p. 44.

Os comentários oferecem amplas informações sobre antecedentes históricos, culturais e lingüísticos do texto bíblico, bem como questões teológicas e filosóficas, que se mostram práticas e relevantes na história da teologia ou no pensamento da atualidade. Os comentários escritos por eruditos evangélicos conservadores foram elaborados por homens de fé, com o intuito de servir a igreja de nosso Senhor Jesus Cristo.

Em português, os comentários evangélicos mais conhecidos e disponíveis são:

- O Novo Comentário da Bíblia (Edições Vida Nova)

- A Série Cultura Bíblica (Edições Vida Nova)

- O Comentário Bíblico Moody (Impresa Batista Regular)

- O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo (Milenium)

- O Comentário Bíblico Broadman (JUERP)

- A Bíblia Fala Hoje (ABU)

- A Bíblia Explicada (CPAD)

É bom verificar alguns aspectos antes de comprar um comentário:

a) Veja se a série é de confiança evangélica. Isto se percebe pelo nome do autor, pela observação do conteúdo ou pela editora que o publica.

b) Recomenda-se, num primeiro momento, a aquisição de apenas uma série de comentários, talvez os seis volumes de O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. Posteriormente, é bom escolher uma série alternativa, para não depender de uma só tendência teológica.

c) Ao entrar para o ministério, é aconselhável comprar comentários de várias editoras evangélicas, mas sempre seletivamente, e relacionar a compra com o livro bíblico que está sendo exposto na igreja.

A Chave Lingüística do Novo Testamento Grego é um comentário especial. Esta obra, de Fritz Rienecker e Cleon Rogers, surgiu pela primeira vez na Alemanha, em 1938.

Fritz Rienecker, ex-diretor da Academia Evangélica de Giessen, autor de um famoso comentário conservador sobre o evangelho de Lucas, professor de grego e exegese bíblica no Seminário Teológico de St. Chrischona, em Basiléia, na Suíça, faleceu antes de ter conseguido publicar duas outras chaves, uma de conceitos teológicos e outra histórico-cultural. Mais de 90.000 chaves lingüísticas da edição alemã foram vendidas, devido à sua alta popularidade entre pastores, pregadores, professores e seminaristas. Em 1982, surgiu a versão inglesa de Cleon Rogers e, em 1985, foi publicada a edição brasileira.

A Chave Lingüística do Novo Testamento Grego foi preparada para eliminar ao máximo as barreiras enfrentadas pelos que já estudaram um ou mais anos de grego, mas que continuam a sentir dificuldades em ler e aproveitar o texto inspirado. A Chave foi idealizada para poupar o trabalho moroso de buscar palavras menos comuns no

léxico e respostas sobre sintaxe nas gramáticas. F. Rienecker e C. Rogers, Chave Lingüística do Novo Testamento Grego (São Paulo: Edições Vida Nova, 1985), p. viii.

Atlas bíblico

O Pequeno Atlas Bíblico, de H. H. Rowley, contém mapas do Antigo Oriente Próximo, de Canaã antes da conquista israelita, da viagem para a Terra Prometida, de Israel em Canaã, dos dois reinos, dos lugares arqueológicos, dos seis grandes impérios (egípcio, assírio, babilônico, persa, grego, romano), de Jerusalém no tempo de Jesus Cristo, da Palestina na época de Jesus Cristo, das três viagens missionárias de Paulo e de sua viagem a Roma, das igrejas primitivas, da propagação e extensão do cristianismo, do cristianismo e das grandes religiões do mundo.

Depois destes 24 mapas coloridos, seguem-se dois diagramas sobre os períodos históricos e os avanços e retrações da igreja.

"A finalidade deste Atlas Bíblico é ajudar o estudioso da Bíblia a conhecê-la melhor. Considerando-se que a geografia exerce forte influência na história, grande parte da Bíblia, particularmente do Antigo Testamento, não será adequadamente compreendida a não ser quando vista no contexto geográfico próprio. H. H. Rowley, Pequeno Atlas Bíblico (São Paulo: ASTE, 1966), p. 3.

Finalmente, agora chega o momento de concluir a exegese bíblica e resumir o trabalho feito até aqui. Muitas pessoas perguntam como podem resumir uma exegese bíblica que forneceu tanto material. Logo se torna evidente que jamais poderemos colocar tudo o que foi reunido e pesquisado dentro de uma mensagem de meia hora. Todo material oriundo dos preparativos fundamentais, da exegese lingüístico-gramatical, da exegese histórico-cultural, da exegese teológico-pneumatológica e da exegese auxiliar não cabe dentro de uma só prédica. Algumas sugestões práticas podem nos orientar:

a) escolha apenas o material relevante ao tema de sua mensagem;

b) limite-o ao essencial, ao cerne de sua mensagem;

c) evite questões puramente teóricas ou técnicas que não edificam a congregação;

d) estruture o texto conforme o material básico.

Portanto, resuma os resultados exegéticos, ressaltando o cerne da exegese, e em seguida parta para o esboço da mensagem.

FORMAS ESPECÍFICAS DE EXEGESE

A variedade de formas específicas de exegese bíblica é resultante das épocas diversas em que o texto bíblico originou-se, das formas literárias distintas existentes na própria Bíblia, da classificação dos livros bíblicos (históricos, poéticos, proféticos etc.) e de autores que representam camadas sociais diferentes (reis, lavradores, pescadores, profetas, apóstolos, poetas, músicos, acadêmicos).

A exegese do Antigo Testamento

Qual a relação entre o Antigo e o Novo Testamentos? Qual dos dois testamentos é o mais importante? Em que consiste a unidade essencial entre os dois testamentos? Por que o Antigo Testamento às vezes parece-nos tão difícil?

Em comunhão com Seus discípulos e em Suas mensagens, Jesus referiu-Se várias vezes ao Antigo Testamento (Mt 22.39-45; 21.42s.; Lc 24.26s.; 44-46; Mt 27.46). No Antigo Testamento, Jesus percebeu o futuro de Seu caminho; o Antigo Testamento era a palavra da qual Jesus vivia, em que Ele meditava, até na hora de Sua morte. A igreja primitiva alimentava-se do Antigo Testamento e reconheceu nele a Palavra de Deus (At 17.11; 1 Ts 4.13; 2 Tm 3.14ss.; At 2.17ss., 25ss.; 34s.; 4.25s.; 7.3ss.; 13.41, 47).

O Antigo Testamento testifica a revelação de Deus na história de Seu povo, Israel, do qual viria o Salvador (Jo 4.22; Gl 4.4). Israel recebeu, preservou e anunciou as promessas do Messias vindouro.

O Antigo e o Novo Testamentos complementam-se porque tratam da

mesma história e plano de salvação, do mesmo Messias, embora com perspectivas diferentes (profecia e cumprimento). O que isto significa para a exegese?

Na exposição de textos do Antigo Testamento, partimos do fato de que todos culminam na vinda do Messias. Nem sempre os textos dão um testemunho direto a respeito de Jesus, o Filho de Deus e Messias prometido, mas todos testificam os caminhos de Deus com Seu povo até que, na plenitude dos tempos, Ele enviou Seu Filho para a salvação de todo aquele que nEle crê (Gl 4.4).

Os textos históricos do Antigo Testamento revelam o amor infinito de Deus para com Seu povo escolhido, Israel, e testificam também a majestade de Deus na criação e sustentação do mundo como lugar da revelação divina. Finalmente, os textos históricos revelam a pedagogia divina no juízo e na graça, na desobediência e na submissão. Muitos deles possuem um significado tipológico em relação a Jesus Cristo: Melquisedeque (Gn 14), o sacrifício de Isaque (Gn 22), o sofrimento e a exaltação de José (Gn 37ss.), a serpente de bronze (Nm 2), a salvação de Jonas (Jn 1 ss.), o tabernáculo (25-31 e 37-40) e o maná (16).

Exercícios

1. Leia cuidadosamente João 3.14-15.

2. Compare as afirmações de João 3.14-15 com Números 21.4-9.

3. De que maneira Jesus faz uma comparação entre Números 21 e Seu próprio discurso, relatado por João, no capítulo 3 de seu evangelho?

4. Como Jesus relaciona Números 21 com Sua obra salvadora?

5. Apresente um esboço tipológico de Números 21 à luz de João 3.14-15.

Na exposição dos textos históricos do Antigo Testamento a exegese bíblica segue o modelo das dez regras metodológicas apresentadas anteriormente. Além dessas dez regras, o exegeta deve se lembrar

de mais alguns aspectos.

Na exegese de textos históricos do Antigo Testamento, a exegese histórico-cultural é de suma importância. Os acontecimentos históricos, as afirmações doutrinárias, as recomendações éticas, os costumes e os princípios espirituais são mais bem compreendidos no horizonte da época em que o evento realmente ocorreu.

Lembre-se de que desde que a Escritura originou-se num contexto histórico, só pode ser compreendida à luz da história bíblica. W. A. Henrichsen, Princípios de Interpretação da Bíblia (São Paulo: Mundo Cristão, 1983) regra 18, p. 56.

As perguntas a seguir podem ajudá-lo a compreender melhor o texto histórico em seu horizonte passado:

1. Por que este texto foi incluído no Antigo Testamento (e. g., 2 Rs 21.19-26)?

2. Qual o testemunho deste texto (e. g., 1 Cr 25-26)?

3. Qual seu aproveitamento pessoal ao ler este texto (e. g., 1 Sm 23.15-18)?

A exegese de textos do Antigo Testamento procura também relacionar os acontecimentos ao plano de salvação, à história da salvação. Sabemos que Deus revelou Seu plano de salvação progressivamente através da história do Antigo Testamento, culminando na vinda de Jesus Cristo.

Nem todos os textos do Antigo Testamento contêm o testemunho cristológico ou referem-se de maneira direta ao Messias prometido, mas mesmo assim testificam o caminho de Deus na história que leva a Cristo (Jo 5.39). Portanto, o exegeta deve analisar o Antigo Testamento, procurando Cristo nele.

Exercícios

1. Como você relaciona as afirmações sobre o anjo do Senhor, no Antigo Testamento, com a pessoa de Cristo? (Primeiramente, você

procura todas as referências do Antigo Testamento a respeito do anjo do Senhor, com o auxílio de uma concordância bíblica. Depois, relaciona as afirmações com a pessoa e a obra de Cristo.)

2. Qual a relação entre a rocha, de Êxodo 17.6, e Cristo? (Veja também 1 Coríntios 10.4.)

3. Com que base relacionamos o Salmo 8.4-5 com Cristo?

4. Por que o Salmo 16.10 fala da ressurreição de Cristo?

5. O que o Servo do Senhor, em Isaías 42.1-9; 49.1-13; 50.4-10ss.; 52.13-53.12, tem a ver com Jesus Cristo?

Muitos textos do Antigo Testamento contêm diretrizes práticas para a atualidade, porque neles não se revela a vontade de Deus apenas para a época em que foram escritos, mas também para as situações específicas de hoje. Nisto se vê o caráter eterno da Palavra de Deus!

Com as seguintes perguntas, você pode analisar um texto histórico do Antigo Testamento:

- Que mensagem este texto contém para nossa época?

- Como as diretrizes, as ordens e os exemplos deste texto apóiam o ensino do Novo Testamento?

- De que maneira os princípios revelados neste texto são normativos para a igreja do século XX?

A literatura sapiencial do Antigo Testamento encontra-se principalmente nos chamados livros poéticos: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares. Estes livros poéticos originaram-se no período áureo da história dos hebreus, na era teocrática de Davi e Salomão. Sendo bastante genéricos em sua natureza, não estão intimamente relacionados a incidentes particulares da história de Israel, exceto alguns salmos e a história de Jó.

O teor principal dos textos poéticos é o ensino voltado para indivíduos e para a congregação da antiga aliança. Os textos poéticos abordam todas as questões e fases da existência humana, a

alegria e o sofrimento, a comunhão fraterna e a solidão, as vitórias e as derrotas, o louvor e a depressão. Por isso, são muito apropriados para casamentos, funerais, aniversários, trabalhos da mocidade e, principalmente, para estudos bíblicos.

Na exposição de textos poéticos, levamos em consideração o paralelismo hebraico, que se apresenta sob as seguintes formas:

1. O paralelismo perfeito ou sinônimo: este paralelismo ocorre quando uma linha ou um dístico compõe-se de duas partes que se correspondem perfeitamente. Neste caso, a segunda linha repete com palavras diferentes o pensamento da primeira (e. g., Sl 52.3; Sl 90.9).

2. O paralelismo antitético: no paralelismo antitético, uma das partes é contrária à outra, como é o caso da maioria dos 376 versos entre Provérbios 10.1 e 22.16. Na versão em língua portuguesa, a segunda parte geralmente inicia com a conjunção adversativa mas (e. g., Pv 15.20-22).

3. O paralelismo imperfeito: neste, uma das unidades de pensamento numa parte não tem correspondência na outra (e. g., Sl 1.5).

4. O paralelismo sintético ou progressivo: aqui, não se trata de qualquer paralelismo; há somente ritmo de som e não de pensamento. Às vezes, a segunda linha complementa a primeira, oferecendo ambas um pensamento completo (e. g., Sl 27.6).

5. O paralelismo simbólico: este se caracteriza pelo fato de que uma parte utiliza o sentido literal e a outra, o figurado, ou vice-versa (e. g., Sl 103.13).

6. O paralelismo gradativo: reconhecido por uma parte ou linha repetida em outra, sendo esta o novo ponto de partida para outro membro ou linha (e. g., Sl 29.1; Sl 29.9).

7. A disposição estrófica: as disposições estróficas são marcadas, em nossa versão em língua portuguesa, por meio de versículos, letras

em itálico, estribilhos ou repetições (e. g., Sl 46.7, 11). Às vezes, a Bíblia Hebraica usa o arranjo acróstico, onde cada versículo ou linha segue a ordem do alfabeto hebraico (e. g., Sl 111; Sl 112). O Salmo 119 contém 22 estrofes, tendo cada uma oito dísticos.

Quanto aos textos proféticos do Antigo Testamento (Isaías a Malaquias), estes se relacionam diretamente com a história presente e futura de Israel e, às vezes, com a história da humanidade inteira. Os textos proféticos testificam a ação divina na história de Israel e na história do mundo, proclamam a vinda do Messias, trazendo salvação para judeus e gentios, a futura restauração de Israel e a glória eterna do Messias entre as nações.

Numa maneira especial, o apóstolo Pedro fala da importância dos textos proféticos (1 Pe 1.10-12; 2 Pe 1.16, 19-21). Para ele, os textos proféticos do Antigo Testamento são significativos porque alumiam nosso caminho na escuridão desta vida (2 Pe 1.19a) e porque são necessários como tais, em todo o tempo, até que venha o dia preciso do surgir da estrela da alva (2 Pe 1.19b). Os textos proféticos do Antigo Testamento também são importantes porque constituem um guia seguro da vontade de Deus (2 Pe 1.20s.) e transmitido por homens movidos pelo Espírito Santo (2 Pe 1.21b).

Em 1 Pedro 1.10-12, percebemos as dificuldades cronológicas na interpretação de textos proféticos. Pedro afirma que os profetas do Antigo Testamento viram os sofrimentos de Cristo (1 Pe 1.11b-Sl 22; Is 53) e Sua glória (1 Pe 1.11c-Sl 24; Is 60), mas não compreenderam todas as suas implicações e pormenores (1 Pe 1.12a). Só a pregação apostólica, mediante a iluminação do Espírito Santo, era capaz de esclarecer a plena revelação (1 Pe 1.12b).

Na interpretação de textos proféticos do Antigo Testamento, enfrentamos estas mesmas dificuldades cronológicas. A razão disso encontra-se nas características inerentes às profecias bíblicas. Em primeiro lugar, a profecia bíblica é progressiva, cumprindo-se, muitas vezes, aos poucos. Veja a maneira como o nascimento de Cristo foi

profetizado no Antigo Testamento, começando com a semente da mulher (Gn 3.15), limitando-se à linhagem de Sem (Gn 9.25-27), depois à de Abraão (Gn 12.1-3), Isaque (Gn 21.12), Jacó (Gn 25.23), Judá (Gn 49.8-12), Davi (2 Sm 7.12-16), Emanuel (Is 7.14), ao tempo em que iria nascer o Messias (Dn 9.24-26) e, finalmente, à cidade (Mq 5.2).

Outras profecias têm um cumprimento parcial e um cumprimento pleno e final. Tomemos como exemplo a promessa feita a Davi em 2 Samuel 7.12-16. Por meio da história, sabemos que a promessa foi cumprida parcialmente em Salomão, que levantou e inaugurou o magnífico templo. Todavia, sabemos que o templo salomônico não permaneceu; foi destruído juntamente com Jerusalém, em 587 a. C., por Nabucodonosor. Tiago, porém, citando o profeta Amós (Am 9.11-12), declara que o tabernáculo de Davi será reedificado na volta do Senhor (At 15.16).

Uma terceira dificuldade na exposição de textos proféticos encontra-se nas profecias simbólicas (Gn 2.16s.; Os 11.1; Mt 2.15; Ml 4.4-5; Is 40.3-4).

Finalmente, encontramos ainda profecias não cumpridas, como Isaías 65.17-25 e Zacarias 14.1-21.

A seguir, algumas recomendações práticas para a exposição de textos proféticos do Antigo Testamento:

1. Faça uma pesquisa histórica exata e ampla do texto profético, para melhor compreender os motivos que levaram o profeta a anunciar tal profecia.

2. Uma análise textual precisa é de suma importância para que se compreendam a intenção e o conteúdo da profecia.

3. Lembre-se de que você não conseguirá entender todos os pormenores e implicações de um texto profético, porque alguns aspectos ainda não se cumpriram.

4. Relacione sempre os textos proféticos com a história da salvação,

com o Messias prometido na primeira e na segunda vinda de Cristo e com Seu povo escolhido.

5. Busque as passagens correlatas no Novo Testamento.

6. Observe bem as ilustrações, metáforas, visões, expressões e atitudes simbólicas dos profetas.

7. Tenha o máximo de cuidado com os números. Lembre-se de Marcos 13.32. Nada de especulações!

8. Favoreça a interpretação literal dos textos proféticos, a não ser que o contexto ou outra parte das Escrituras permitam a interpretação simbólica.

9. Considere que os textos proféticos possuem cumprimento, ou cumprimentos parciais e finais.

10. Ore bastante e conscientize-se de que, na exegese profética, você depende de maneira mais acentuada da direção do Espírito Santo.

11. Consulte vários comentários, para não exagerar na exposição.

12. Lembre-se de que o centro da mensagem profética gira em torno da pessoa e da obra salvadora e consumadora de Jesus Cristo.

A exegese do Novo Testamento

A exegese do Novo Testamento difere daquela do Antigo Testamento pelo fato de o Messias já ter vindo. Enquanto o Antigo Testamento revela de maneira progressiva a vontade de Deus na história, por meio de Israel, o Novo Testamento proclama as boas novas de salvação, realizadas em Jesus Cristo, para todo aquele que nEle crê, independentemente de sua raça, cor, origem, status social ou educação. No Antigo Testamento, Israel é o recipiente das revelações e promessas divinas, e os profetas, seus transmissores. No Novo Testamento, Jesus e os apóstolos são os transmissores, e a Igreja é a receptora das revelações divinas para as nações. Na exposição do Novo Testamento, é bom diferenciar entre textos

sinópticos em geral, relatos de milagres, discursos, epístolas e textos proféticos. Uma pesquisa objetiva desses gêneros literários nos ajudará a reconhecer melhor suas características inerentes, sua ênfase teológica específica e suas dimensões éticas.

Os primeiros três evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas) são chamados sinópticos, porque fornecem uma sinopse, i. e., uma vista geral dos mesmos acontecimentos. O problema surge da relação aparente entre esses três evangelhos, quando sujeitos a uma pesquisa comparativa. Ao processar-se a comparação, levantam-se certas perguntas que merecem uma análise cautelosa e detalhada, antes de se tirar qualquer conclusão definitiva:

- Por que encontramos estas diferenças?

- Qual dos sinópticos contém mais pormenores?

- Quais as afirmações idênticas?

- Como se explicam as diferenças?

- Qual o material peculiar de cada sinóptico?

- Qual o material omisso de cada sinóptico?

- Como se explicam o material peculiar e o omisso?

- Qual a cronologia dos acontecimentos de cada sinóptico?

Estas questões não são colocadas para gerar desconfiança ou espírito crítico em relação à Palavra de Deus, mas, com a atitude certa, ajudam o pregador a se conscientizar da riqueza da pesquisa bíblica. Desta maneira, possibilitam que ele seja mais bem informado, obtenha respostas inéditas, que vão além de uma leitura casual, e esclareça melhor o pano de fundo histórico e a intenção ao ser relatado o acontecimento.

Todos os sinópticos narram a vinda do reino de Deus na pessoa e obra de Jesus Cristo. Eles testificam a encarnação do Filho de Deus e a pessoa do Messias prometido, relatam Seus discursos, ensinos e milagres, falam extensivamente de Seu sofrimento vicário na cruz

(25% do material sinóptico) e de Sua poderosa ressurreição e gloriosa volta no fim dos tempos.

Os sinópticos proclamam as boas novas de Jesus Cristo e convidam os ouvintes para o arrependimento e a fé: O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos, e crede no evangelho (Mc 1.15).

Apresentamos algumas recomendações práticas para a exposição de textos sinópticos:

1. Leia cuidadosamente o texto básico em todos os sinópticos, com o auxílio da Harmonia dos Evangelhos ou, então, com três Bíblias abertas ao mesmo tempo.

2. Faça uma comparação sinóptica. Anote qualquer material peculiar e omisso de todos os textos paralelos.

3. Tente harmonizar os textos sinópticos. Caso não seja possível, explique as diferenças. Neste processo, as Notas e Comentários à Harmonia dos Evangelhos, de E. Gioia, são de grande utilidade.

4. Consulte comentários evangélicos de confiança.

5. Não se perca nos pormenores, mas verifique o núcleo comum entre os textos sinópticos, e. g., o ensino fundamental a se aprender, a lição moral a se praticar, o exemplo digno a ser seguido, a mensagem bíblica a ser crida, o desafio prático a ser obedecido.

Os milagres, por sua vez, são manifestações sobrenaturais da intervenção onipotente e misericordiosa de Deus na natureza e na história. A. Almeida, Manual de Hermenêutica Sagrada, p. 97. Todos os milagres do Novo Testamento são expressões do poder do reino de Deus (Mt 12.28) e atos de misericórdia e compaixão.

Em termos gerais, pode ser dito sobre as obras de Jesus que, em sua relação integral para com Sua missão, em sua freqüência e em sua maneira autoritativa, elas são distintivamente messiânicas... Os milagres dos apóstolos e de outros líderes da Igreja do Novo Testamento originaram-se na solidariedade de Cristo com Seu povo.

Foram obras realizadas em Seu nome, em continuação a tudo quanto Jesus começara a fazer e a ensinar, no poder do Espírito que Ele enviou da parte do Pai. Há um elo íntimo entre esses milagres e a obra dos apóstolos ao testificarem acerca da pessoa e da obra de seu Senhor; fazem parte da proclamação do reino de Deus, e não são uma finalidade em si mesmos. NDB, vol. II, p. 1044.

Os sinais (grego: semeion) são atos milagrosos que têm por finalidade revelar um propósito. O sinal visa o poder operante por trás de si mesmo, visa a glória e grandeza de Jesus (Jo 2.11). Não é o sinal que é importante, mas seu causador. O sinal tem um duplo propósito: objetivamente, revelar a glória de Cristo (Jo 2.11) e, subjetivamente, gerar a fé nos discípulos (Jo 2.11). Não é o sinal que é importante, mas a revelação do poder do reino de Deus através dele, visando a glória de Deus e a fé do ouvinte.

A primeira dificuldade dos relatos de milagres está na apologia. A autenticidade dos milagres sempre foi posta em dúvida, principalmente por motivos filosóficos, desde Descartes e Kant. Por outro lado, é preciso mencionar que muitos milagres relatados no Novo Testamento são críveis à luz da psicologia moderna e da medicina psicossomática.

Não existe qualquer razão a priori para que se suponha que Jesus não lançou mão daqueles recursos da mente e do espírito do homem que atualmente são utilizados pelos psicoterapeutas. NDB, Vol II, p. 1043. Portanto, o bom uso da apologética numa prédica sobre milagres não faz mal algum, principalmente na presença de universitários e estudantes, desde que ela seja bem fundamentada e não tome a maior parte do sermão.

O segundo problema da pregação sobre milagres está na aplicação. Se os milagres são atos poderosos e misericordiosos de Deus, que intervêm na natureza e na história para mostrar que Seu reino é chegado, então eles contêm lições espirituais correlatas. Em potencial, os milagres bíblicos são parábolas em ação. A. Almeida,

Manual de Hermenêutica Sagrada, p. 97.

Infelizmente, muitos pregadores possuem a tendência de alegorizar e espiritualizar os milagres. A ressurreição física do filho da viúva de Naim, por exemplo, transforma-se de repente, e ele se torna o filho morto nos delitos e pecados que passa pela ressurreição espiritual (Jo 5.24); ou a multiplicação dos pães (Mt 14.13-21) passa a ser um mero símbolo do envolvimento social da igreja; o andar sobre o mar (Mt 14.22-33) torna-se um símbolo de como vencer os problemas do século XX; a pesca maravilhosa, um estímulo para as missões transculturais; a tempestade acalmada (Mc 4.35-41), a vitória sobre as tempestades de nossa vida. É verdade que Jesus também pode acalmar as tempestades em nossas vidas, mas somente esta aplicação reduz o impacto do fato histórico de que Jesus realmente silenciou as forças ferozes da natureza. Ela ignora também o clímax da história, que não está no milagre, mas na reação dos discípulos: 'Eles, possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?' A intenção da história é concentrar a atenção no poder sobrenatural de Jesus e, no final das contas, na questão da Sua identidade. É triste ver um pregador que defenderia até à morte a doutrina da divindade de Cristo não dar a esta doutrina seu lugar de direito nesta parábola. Limitar-se a uma suposta aplicação espiritual das tempestades em nossas vidas resulta em uma redução da mensagem cristológica poderosa que ela contém. ENT, p. 129.

A seguir, algumas recomendações práticas para a exegese de textos que narram milagres:

1. Siga primeiro os dez passos metodológicos, apresentados anteriormente.

2. Se o milagre faz parte dos textos sinópticos, observe as instruções para a exposição destes registros, nas páginas anteriores.

3. Interprete os milagres como manifestações sobrenaturais da intervenção onipotente e misericordiosa de Deus, e não como meras

parábolas ou símbolos.

4. Interprete os milagres literalmente, a não ser que o contexto bíblico permita uma aplicação simbólica. Cuidado para não alegorizar e espiritualizar os milagres.

5. Relacione os milagres com a real identificação de Jesus Cristo e sua mensagem do reino de Deus.

As 21 epístolas neotestamentárias foram dedicadas às igrejas primitivas, i. e., às igrejas que se originaram entre o Pentecoste e o fim da era apostólica (33-100 A. D.). As cartas do Novo Testamento revelam a sã doutrina dos apóstolos (At 2.42):

a) o ensino sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo (cristologia Cl 1; Fp 2; 1 Tm 3.16; Tt 2.11-14; 1 Pe 3.18);

b) o ensino sobre a depravação total do homem e sua salvação pelos méritos de Cristo (soteriologia Rm 1-3; Rm 6.23; Ef 2; 1 Co 2.14);

c) o ensino sobre as conseqüências do senhorio de Cristo em nossas vidas e da obediência diária a Cristo (santificação, ética Rm 12-16; Ef 4-6; 1 Jo 1-5; 1 Tm 4; 1 Ts 5);

d) o ensino sobre a identidade, o lugar e o propósito da igreja local (eclesiologia Ef 1-6; 1 Co 3.11);

e) o ensino sobre nosso futuro glorioso (escatologia 1 e 2 Ts; 2Pe 2 e 3; 1Co 15); e

f) o ensino sobre a atuação do Espírito Santo na vida do cristão e da igreja local (pneumatologia Rm 12; 1 Co 12-14; Ef 4.11-16).

Todas as epístolas têm um pano de fundo histórico, cultural e eclesiástico em que se originaram. Para a exegese de epístolas, oferecemos as seguintes recomendações práticas:

1. Exige-se transparência entre o ensino bíblico e a situação local e o momento histórico e cultural. Exemplos: a questão dos cabelos, do ósculo santo, do falar da mulher na igreja, do vinho, do véu.

2. Distingue-se claramente entre normas para situações locais e

verdades transculturais permanentes. Exemplos: Rm 13.1-7; Ef 4.28.

3. Analisam-se detalhadamente os conceitos ou tópicos teológicos. Exemplos: propiciação, remissão, santificação, sumo sacerdote, pastor, bispo, presbítero.

Por fim, os textos proféticos do Novo Testamento encontram-se principalmente no livro de Apocalipse, do apóstolo João, além de capítulos que contêm alusões proféticas, tais como: Mt 24-25; Mc 13; Lc 21; Rm 11; 1 Co 15; 1 Ts 4-5; 2 Ts 2; 2 Pe 2-3.

Na exposição desses textos, seguimos as seguintes recomendações:

1. Observamos, em primeiro lugar, as dez regras metodológicas.

2. Fazemos uma pesquisa observando os aspectos históricos, culturais e eclesiásticos do texto, para melhor compreendermos os termos, as idéias expostas e os pensamentos do autor.

3. Entendemos que não é possível compreender todos os pormenores e implicações do texto.

4. Relacionamos as profecias neotestamentárias com a pessoa e a obra de Jesus Cristo, com Sua amada Igreja, com o futuro do povo escolhido, Israel, e das nações, ou seja, com a história da salvação.

5. Buscamos também as passagens bíblicas correlatas, tanto dentro do Novo como no Antigo Testamento.

6. Observamos e analisamos bem as ilustrações, metáforas, visões, expressões e atitudes simbólicas, indagando em quais partes das Escrituras encontram-se as mesmas idéias e tópicos.

7. Diferenciamos com clareza a parte histórica da profética, além dos comentários do autor.

8. Favorecemos a interpretação literal, a não ser que o contexto ou outra parte das Escrituras permitam a interpretação simbólica.

9. Entendemos, com base na perspectiva profética, que há profecias com cumprimento parcial e final.

10. Oramos bastante e conscientizamo-nos de que, na exegese de textos proféticos do NT, dependemos de maneira especial e mais acentuada da direção do Espírito Santo.

11. Consultamos vários comentários, mesmo de opiniões opostas à nossa convicção, para não exagerarmos na exposição.

12. Enfatizamos a interpretação da mensagem apocalíptica Cristo e Sua obra salvadora e não um calendário pormenorizado para campeões de curiosidade escatológica.

A exegese de figuras

Parábola deriva da forma verbal paraballo, do grego parabole, que significa: jogar ao lado de, comparar lado a lado, colocar lado a lado com, manter ao lado de, pôr coisas lado a lado, figurar, tipificar, ilustrar através de. (Você encontra mais informações no NDB, vol. II, pp. 1200-1203 e no NDITNT, III, p. 448.)

A parábola é uma narrativa baseada na experiência diária (natureza, comércio, cultura, agricultura, família, trabalho), cuja finalidade é transmitir verdades morais e religiosas. A parábola é uma espécie de alegoria apresentada sob a forma de narração. A parábola contém basicamente uma só verdade principal, e não um complexo de verdades, como a alegoria.

O termo parabole ocorre 50 vezes no Novo Testamento, das quais 48 nos sinópticos e duas na Epístola aos Hebreus (9.9; 11.19).

Encontramos as parábolas preponderantemente nos sinópticos e devemos associá-las com o ensino de Jesus e a vinda de Seu reino.

As parábolas sinóticas dividem-se literariamente, na maioria das vezes, em três partes:

1. a parte introdutória (comentário quanto à parábola a seguir);

2. a parte ilustrativa (apresentação básica da parábola); e

3. a parte interpretativa (explicação, interpretação da parábola).

Exemplos:

parte introdutória	parte ilustrativa	parte interpretativa
Lc 15.3	Lc 15.4-6	Lc 15.7
Lc 18.1	Lc 18.2-5	Lc 18.6-8
Lc 18.9	Lc 18.10-13	Lc 18.14
Mt 13.24	Mt 13.24-30	Mt 13.36-43
Lc 10.25-29	Lc 10.30-35	Lc 10.36-37
Lc 15.11a	Lc 15.11b-32	
Lc 16.11a	Lc 16.1b-8	Lc 16.9-13

O primeiro objetivo das parábolas é de dimensão profética. Já no Salmo 78.2, Asafe profetizou: Abrirei os meus lábios em parábolas, e publicarei enigmas dos tempos antigos. O evangelista Mateus afirmou que esta profecia foi cumprida em Jesus, quando escreveu: Todas estas cousas disse Jesus às multidões por parábolas, e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei cousas ocultas desde a criação [do mundo] (Mt 13.34-35).

O segundo propósito das parábolas é de dimensão psico-espiritual. O evangelista Marcos relata que, por meio do ensino de parábolas, Jesus despertou em Seus discípulos maior atenção, um desejo mais intenso de compreender as verdades do reino de Deus (Mc 4.10-12).

O terceiro fim também é de dimensão psico-espiritual, só que desta vez no sentido contrário; não para despertar a fé, mas para ocultar a verdade aos indiferentes e incrédulos ignorantes (Mc 4.12).

O quarto e último propósito é o mais significativo, por ser de dimensão messiânica, i. e., Jesus falou em parábolas para revelar o segredo messiânico (Mc 4.11, 33-34). Através do ensino das parábolas, Jesus revelou o mistério do reino de Deus (Mc 4.11). Este

mistério é a identificação de Sua própria pessoa como o Messias, o Filho de Deus, o Salvador deste mundo.

Estes são os passos metodológicos na exposição das parábolas bíblicas:

1. Quando possível, divida a parábola em suas três partes: introdução, apresentação e aplicação.

2. Verifique e compare a parábola com os outros evangelhos sinópticos.

3. Determine a principal intenção (ponto central) da parábola.

4. Certifique-se de que, ao explicar as diferentes partes secundárias da parábola, elas estejam em harmonia com seu objetivo primário.

5. Ao explicar o texto, use somente as partes fundamentais da parábola.

A exposição de parábolas torna-se problemática quando o pregador acha que deve expor todos os pormenores e detalhes da narrativa. Desta maneira, chega a interpretações fantasiosas, fazendo uma superelaboração da parábola, mas perdendo seu sentido primordial.

É característico das parábolas bíblicas transmitir apenas uma verdade principal. As partes secundárias devem ser interpretadas em harmonia com o assunto principal.

Outro problema na exposição de parábolas surge quando o pregador simplifica demais, não dando atenção aos detalhes. No caso da parábola do semeador, encontramos a semente e os tipos de solo em que foi lançada. Torna-se evidente que o ponto principal não é o semeador, mas as reações diferentes que a semente (a Palavra de Deus) encontra quando semeada (anunciada). A parábola fala de quatro atitudes diferentes diante da pregação da Palavra, embora seu propósito seja ilustrar as reações humanas diante da proclamação (Lc 8.4-15).

Um terceiro problema na exposição de parábolas está na negligência

ou não-observância do contexto. Às vezes, é o contexto que determina o âmago da parábola. Tome-se, por exemplo, a parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37). Ela tem seu pano de fundo histórico não no assalto, mas na discussão entre Jesus e o intérprete da lei (Lc 10.25, 37).

As parábolas não são a única forma de figura que o Novo Testamento emprega para ilustrar o ensino de Jesus Cristo. Também encontramos, várias vezes, alegorias. Embora as parábolas sejam uma espécie de alegoria, a alegoria bíblica distingue-se um pouco da parábola bíblica.

A palavra alegoria vem do grego allegoria, que significa fala figurativa. A alegoria é uma figura retórica que geralmente consta de várias metáforas unidas, representando cada uma das realidades correspondentes. Costuma ser tão palpável a natureza figurativa da alegoria que uma interpretação ao pé da letra quase se faz impossível. E. Lunde, P. C. Nelson, Hermenêutica, p. 77.

A alegoria bíblica geralmente se caracteriza como uma metáfora extensa. A alegoria neotestamentária contém a interpretação em si mesma: Eu sou a videira verdadeira (Jo 15.1); vós sois o sal da terra (Mt 5.13).

A alegoria é o uso figurativo e a aplicação de fatos imaginários ou históricos, enquanto a parábola já é esse fato imaginário ou histórico. A parábola emprega as palavras no sentido literal, enquanto a alegoria as emprega no sentido figurado.

As alegorias do pão dos céus (Jo 6.51-65), do bom pastor (Jo 10.1-18) e de Sara e Agar (Gl 4.21-31) são três exemplos clássicos no Novo Testamento.

Analisaremos apenas a alegoria paulina em Gálatas 4.21-31:

Em primeiro lugar, notamos que o próprio Paulo diz que sua ilustração é alegórica, ao escrever: Estas cousas são alegóricas (Gl 4.24).

Em segundo lugar, observamos que Paulo interpreta o verdadeiro sentido da alegoria: Estas cousas são alegóricas: porque estas mulheres são duas alianças (Gl 4.24). O resto da alegoria apresentamos com o quadro da página seguinte:

As duas alianças ilustradas nos dois filhos de Abraão

LEI EVANGELHO

Hagar, escrava = Antigo Testamento Sara, livre = Novo Testamento

Sinai = lei Jerusalém = evangelho

Ismael, filho da carne = sob a lei Isaque, filho da promessa = sob o evangelho

Ismael, perseguidor = os legalistas Escrituras = libertador

Eis algumas recomendações práticas na exposição de alegorias bíblicas:

1. Nunca force um versículo bíblico para a exposição alegórica.

2. Não faça exposições alegóricas para provar sua inteligência.

3. Lembre-se de que as alegorias são metáforas extensas, que geralmente contêm várias verdades. Diferencie as metáforas da alegoria em si e exponha-as em separado, mas dentro de uma unidade de pensamento que corresponda ao texto e ao contexto.

4. Divida a alegoria em todas suas partículas para ver o pensamento-mestre do raciocínio bíblico.

5. Use um gráfico para relacionar as minúcias da alegoria e cristalizar seu núcleo.

Existem ainda outras figuras, a saber:

a. Tipologia: a palavra tipologia é derivada do termo grego typos, que pode ser traduzido por impressão, imagem, exemplo. As

tipologias do Antigo Testamento encontram suas devidas interpretações nas passagens correlatas do Novo Testamento. As tipologias do Novo Testamento interpretam personagens, objetos, fatos ou acontecimentos históricos do Antigo Testamento, que se tornam verdades espirituais, como, por exemplo, Jonas (Mt 12.38-42), a Páscoa (1 Co 10.1-4), a arca (1 Pe 3.20-21), a serpente (Jo 3.14) e Adão (Rm 5.14; 1 Co 5.7). Assim, temos:

fatos, personagens eventos históricos Nm 21.9 14.22 Nm 20.11 Jn 2 Gn 6

tornam-se

símbolos e verdades espirituais Jo 3.14 1 Co 10.1-2 1 Co 10.3-4 Mt 12.38-42 1 Pe 3.20-21

Apresentamos algumas recomendações práticas:

1. Exponha a passagem bíblica tipologicamente apenas quando os próprios autores bíblicos o fizerem.

2. Lembre-se de que interpretações do Novo Testamento que separam as passagens do Antigo Testamento de seu contexto histórico, ignorando desta maneira o progresso da verdade e da obra de Deus no contexto do Antigo Testamento, estão erradas, não importa quão 'espirituais' possam parecer. ENT, p. 135.

b. Metáfora: a metáfora é uma figura de retórica que consiste no transporte, por analogia, de um nome, de um atributo ou de uma ação, de um objeto para outro, a que não é literalmente aplicável. Dicionário Enciclopédico Brasileiro, 1946, p. 1116. Por exemplo: Eu sou a porta (Jo 10.7); eu sou o pão da vida (Jo 6.35); eu sou o caminho (Jo 14.6); vós sois a luz do mundo (Mt 5.14); edifício de Deus sois vós (1 Co 3.9, 16).

Pelo fato de as metáforas não poderem ser explicadas literalmente, surgem as seguintes recomendações práticas:

1. Separe as partículas externas da metáfora dos princípios internos.

2. Separe o físico do metafísico.

3. As verdades aplicáveis da metáfora sempre se referem às suas características internas.

c. Sinédoque: a sinédoque é uma figura de retórica que confere a uma frase maior ou menor extensão do que geralmente se atribui: o todo pela parte ou a parte pelo todo, o plural pelo singular ou o singular pelo plural, o gênero pela espécie ou a espécie pelo gênero, o sujeito pelo atributo ou o atributo pelo sujeito, a matéria pela forma ou a forma pela matéria, o abstrato pelo concreto ou o concreto pelo abstrato. Exemplos:

Naqueles dias foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se... Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade (Lc 2.1,3); porque, tendo nós verificado que este homem é uma peste, e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo, sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos (At 24.5).

Uma análise precisa destas duas passagens logo nos convencerá de que as expressões todos, todo o mundo, toda a população não podem referir-se ao mundo inteiro, mas, sim, a todos no mundo conhecido naquela época, i. e., todos do Império Romano.

Outro exemplo encontra-se em 1 Coríntios 11.26, quando o apóstolo Paulo diz: ... beberdes o cálice... Ninguém pode beber um cálice, mas todos podem beber do cálice.

d. Metonímia: a metonímia, outra figura de retórica, é usada quando se designa um símbolo em referência a uma verdade espiritual ou moral. Exemplos:

... o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado (1 Jo 1.7). Todos nós sabemos que o sangue não purifica, mas suja as roupas. É preciso usar muito sabão e ter bastante paciência para limpar uma roupa suja de sangue. Todavia, é verdade que o sangue de Jesus nos purifica, porque a Bíblia ensina que sem o

derramamento de sangue não há perdão dos pecados (Hb 9.22). Você pode encontrar outros exemplos em Lucas 16.29 e João 13.8.

e. Prosopopéia: a prosopopéia é uma figura que dá vida, ação, movimento e voz às coisas inanimadas, e põe a falar pessoas ausentes ou mortas; personificação; (fig.) discurso empolado ou veemente. Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa (São Paulo: FENAME, 1973), p. 1081. Exemplo:

... onde está, ó morte, o teu aguilhão? (1 Co 15.55)

... o amor cobre multidão de pecados (1 Pe 4.8).

f. Ironia: a ironia é uma afirmação ou comparação sarcástica, quando se expressa algo contrário à verdade ou àquilo que se quer dizer. Exemplo:

Várias vezes, de maneira sarcástica, o apóstolo Paulo chama os falsos mestres de os tais apóstolos (2 Co 11.5; 12.11). Na verdade, os hereges não são apóstolos, mas agem como se fossem. Com a expressão tais, Paulo realmente quer dizer que eles não são apóstolos de modo algum!

g. Hipérbole: as hipérboles são exageros (majorações) de uma verdade menor ou diminuições (minorações) de realidades mais amplas. Exemplo:

Há, porém, ainda muitas outras cousas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos (Jo 21.25). É evidente que este versículo é um exagero, pois, em termos físicos, o mundo é bem maior do que todos os atos e discursos públicos sobre Jesus que se poderiam registrar. A verdade não está no significado físico-literal da afirmação, mas no fato de que o apóstolo João não conseguiria relatar todos os atos e discursos de Jesus.

h. Fábula: a fábula é uma narração alegórica cujos personagens principais são animais. A fábula quase não é empregada nas Escrituras Sagradas. Exemplos:

O exemplo mais conhecido é o dos animais do campo que pisaram o cardo, registrado em 2 Reis 14.9.

Com esta fábula, Jeoás, rei de Israel, responde ao repto de guerra que lhe havia feito Amazias, rei de Judá. Jeoás compara-se ao robusto cedro do Líbano e humilha seu orgulhoso contendor, igualando-o a um débil cardo, desfazendo toda aliança entre os dois e predizendo a ruína de Amazias, com a expressão de que 'os animais do campo pisaram o cardo'. E. Lund e P. C. Nelson, Hermenêutica (São Paulo: Editora Vida, 1981 2), pp. 78s.

i. Enigma: o enigma é uma charada, um mistério que se apresenta em forma alegórica. Muitas vezes a solução correta é difícil e abstrusa. Exemplos:

Juízes 14.14 é um enigma, cuja solução se encontra em Juízes 14.5-8. Existe uma correspondência idêntica entre Provérbios 30.24 e Provérbios 30.25-28.

O próprio contexto bíblico dá a solução do enigma. Portanto, uma boa observação do contexto é indispensável na análise e exposição de enigmas.

j. Símile: a palavra símile deriva de sua forma latina simile e significa semelhante, parecido. Conseqüentemente, o símile é uma comparação de coisas semelhantes, uma analogia. Exemplos:

Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece... (Sl 103.13); ... ainda que os vossos pecados são como a escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã (Is 1.18).

Outros exemplos você encontra em Isaías 55.8-11; 57.20 e Tiago 1.6. Eis algumas observações práticas:

1. Os símiles muitas vezes contêm as palavras assim como, como, são como, é semelhante a.

2. Os símiles dividem-se em duas partes, que se comparam facilmente.

3. Os símiles são fáceis de memorizar.

4. Os símiles geralmente causam um grande impacto.

l. Interrogação: a interrogação é uma pergunta retórica com a qual o orador dirige-se aos ouvintes, e cujo teor principal pode ser polêmico, apologético ou provocativo, a fim de estabelecer uma verdade moral ou espiritual profunda. Exemplos: Gn 18.25; 1 Rs 18.21; Is 53.1; Am 3.3ss.; Mt 10.29; 22.42; Lc 22.48; Rm 8.31-36; 10.14-15; Hb 10.29; e muitos outros.

m. Apóstrofe: a apóstrofe assemelha-se muito à personificação ou prosopopéia. A palavra apóstrofe vem do grego apostrophe (apo = de + strepho = voltar-se). O vocábulo indica que o orador volta-se de seus ouvintes imediatos para dirigir-se a uma pessoa ou coisa ausente ou imaginária. A Enciclopédia Brasileira Mérito nos proporciona a seguinte definição: Figura usada por orador, no discurso; consiste em interrompê-lo subitamente, para dirigir a palavra, ou invocar alguma pessoa ou cousa, presente, ausente, real ou imaginária. O emprego desta figura, na eloqüência, produz grandes efeitos sobre as paixões que o orador procura transmitir aos ouvintes. Quando as palavras são dirigidas a um objeto impessoal, a personificação e a apóstrofe combinam-se, como, por exemplo, em 1 Coríntios 15.55 e em algumas outras passagens que seguem:

Que tens, ó mar, que assim foges? e tu, Jordão, para tornares atrás? Montes, por que saltais como carneiros? e vós colinas, como cordeiros de rebanho? Estremece, ó terra, na presença do Senhor, na presença do Deus de Jacó, o qual converteu a rocha em lençol de água, e o seixo em manancial (Sl 114.5-8); ah, Espada do Senhor, até quando deixarás de repousar? Volta para a tua bainha, descansa e aquieta-te (Jr 47.6).

Uma das apóstrofes mais extraordinárias e conhecidas é o grito do angustiado Davi, por ocasião da morte de seu filho rebelde: Meu filho Absalão, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho! (2 Sm 18.33) As palavras dirigidas ao

caído monarca da Babilônia (Is 14.9-32) constituem uma das apóstrofes mais vigorosas da literatura. E. Lund, P. C. Nelson, op. cit., pp. 88-89.

n. Contraste: o contraste é uma figura de retórica cujas partes principais estão em oposição entre si, para estabelecer, desta maneira, uma lição moral ou espiritual. Exemplos: Davi e Golias; fariseus e coletores públicos; dentro e fora (Ap 22.15).

Verifiquemos ainda um exemplo mais extenso: a parábola do homem rico e Lázaro (Lc 16.19ss.):

a. na terra	um é rico	o outro é pobre
	um é sadio	o outro é doente
	um tem prestígio	o outro é desprezado
	um é coberto de dinheiro	o outro é coberto de chagas
b. na morte	um é enterrado com todas as honras	o outro nem se menciona
c. no além	um vai para o inferno	o outro vai para o seio de Abraão
	um sofre tormentos	o outro é consolado
	um é desolado na miséria eterna	o outro é consolado na alegria eterna

o. Antítese: a tese é uma frase ou afirmação lógica que convence. Mas a antítese é uma tese que contradiz ou nega a afirmação, é uma tese contestada. A palavra antítese origina-se do termo latino antithesis, e significa contrastar ou colocar uma coisa contra outra. Exemplos:

Mt 7.13-14	porta estreita versus porta larga
Mt 7.17-18	árvore com maus frutos versus árvore com bons frutos
Rm 6.23	pecado - morte versus dom gratuito - vida eterna

2 Co 3.6-16 antiga aliança versus nova aliança

Ef 2.8-10 não pelas obras versus pela graça

Jo 1.11-12 não receber versus receber

Eis algumas observações práticas:

1. As antíteses bíblicas muitas vezes começam com a conjunção adversativa mas.

2. As antíteses são facilmente detectadas pela mera observação e análise do texto e do contexto.

p. Clímax: o termo clímax é uma figura de retórica que se origina do vocábulo grego klimax, que significa escala, graduação, progresso. Esta escala pode ser ascendente ou descendente. Exemplos:

Clímax ascendente:

Jo 15.1ss.: a) nenhum fruto (15.4); b) fruto (15.2); c) mais fruto (15.2, 4); d) muito fruto (15.3); e) fruto permanente (15.16).

Clímax descendente:

Sl 1.1: ímpios, pecadores, escarnecedores.

Tg 1.13-15: tentação, pecado, morte.

q. Provérbio: o provérbio é um ditado curto, sentencioso e axiomático, cuja vivacidade está na antítese ou na comparação, que repete constantemente os pensamentos dos sábios de modo a se fixarem na mente. Os provérbios podem ser metafóricos, enigmáticos, parabólicos ou didáticos. Exemplos:

Somente em Provérbios 10-22.16, encontramos aproximadamente 375 provérbios. Outros exemplos encontram-se em Mateus 13.57, Marcos 6.4, Lucas 4.23 e 2 Pedro 2.22. Apresentamos algumas recomendações práticas:

1. Deve-se ter muito cuidado no que respeita à interpretação de provérbios e, em particular, no referente àqueles que não são fáceis de entender e interpretar. Quiçá estejam baseados em fatos e

costumes que se perderam para nós.

2. Dado que os provérbios podem ser símiles, metáforas, parábolas ou alegorias, é bom determinar a que classe pertence o provérbio a ser interpretado. Figuras diferentes podem combinar-se para formar um provérbio. Por exemplo, em Provérbios 1.20-23, a sabedoria é personificada e apresenta-se o provérbio na forma de uma parábola com sua aplicação. Leia também Eclesiastes 9.13-18.

3. Estude o contexto, isto é, os versículos que precedem e seguem o texto, os quais são, a miúdo, a chave da interpretação, como sucede nos casos acima mencionados.

4. Quando houverem fracassado todas as tentativas destinadas a aclarar o significado, é melhor ficar na expectativa até que se receba mais luz sobre o assunto.

5. Não empregue como prova textos, provérbios ou outras Escrituras cujo significado não possa determinar, embora favoreçam a doutrina que você mantém.

6. Aproveite a ajuda que proporcionam os comentaristas eruditos no estudo das Sagradas Escrituras; eles conhecem os idiomas originais e podem proporcionar as conclusões a que chegaram os eruditos sagrados mais famosos.

7. Acima de tudo, ore pedindo a iluminação divina. E. Lund e P. C. Nelson, p. cit., p. 100.

r. Paradoxo: o paradoxo é uma opinião, expressão ou convicção contrária à comum. Exemplos:

É um paradoxo morrer primeiro para viver depois (Jo 12.24; Rm 6.1-4).

É um paradoxo que mortos devam sepultar seus próprios mortos (Mt 8.22).

É um paradoxo aborrecer aos pais para seguir a Jesus (Lc 14.26).

É um paradoxo perder a vida para salvá-la (Mc 8.35).

É um paradoxo ser forte quando se está fraco (2 Co 12.10).

A exegese de passagens difíceis

Por passagens obscuras entendemos textos bíblicos em que surgem palavras que se encontram poucas vezes nas Escrituras, formas literárias estranhas, dificuldades gramaticais ou culturais, versículos desconexos, aparentes contradições, verdades não-explicáveis pela razão humana ou pela experiência.

Na exposição de textos obscuros, seguimos os conselhos de W. L. Liefeld:

A meu ver, a melhor maneira de lidar com passagens obscuras é, antes de tudo, verificar se a obscuridade é do conhecimento da comunidade, ou suficientemente séria para a interpretação da passagem toda, para merecer menção no sermão. Em segundo lugar, se for assim, eu proponho fazer uma breve explicação (do motivo) porque ela é obscura. Por exemplo, o pregador poderia simplesmente dizer que diferenças de cultura ou linguagem, ou a raridade da palavra, tornaram-nos difícil, em nossa cultura e em nosso século, entendê-la perfeitamente. Ele deve fazer isto sem qualquer implicação de que a Bíblia é difícil de entender, mostrando que provavelmente não teríamos dificuldades se tivéssemos todas as informações dos ouvintes originais. Em terceiro lugar, ele deve escolher o sentido mais provável, em seu entender, e explicá-lo, em vez de deixar duas ou três opções. Ele deve ser honesto e reconhecer que há outras interpretações, mas provavelmente ajudará mais a comunidade se decidir por uma e der coerência à passagem toda. Em quarto lugar, provavelmente não será aconselhável conduzir a comunidade por todo o processo de exegese, a não ser que seja um modelo muito claro e útil de estudo bíblico. No geral, quanto mais simples for a apresentação, melhor. ENT, p. 130.

Por passagens contraditórias entendemos textos bíblicos que poderiam ferir as convicções preconcebidas ou tradições doutrinárias e eclesiásticas da maioria do auditório. Um exemplo é a questão da soberania e predestinação de Deus, em Romanos 9-11; outro, a questão da segurança eterna, em Hebreus 6.1-8; 10.26-31; o livre uso de línguas (1 Co 12-14); a questão do tempo preciso do arrebatamento (1 Ts 4.13ss.); ou as implicações teológicas do milênio. Não estamos sugerindo que o pregador não deva possuir suas próprias convicções ou que deva evitar pregar sobre assuntos contraditórios, mas aconselhamos que tenha cautela, tato, tolerância com a opinião predominante do auditório. Seria um escândalo defender a qualquer custo a doutrina da segurança eterna numa igreja luterana tradicional, como também seria falta de ética se o pregador tentasse convencer um auditório calvinista de que o cristão pode perder a salvação. Seria falta de tato num congresso internacional e interdenominacional impor a opinião escatológica particular de uma igreja só. Afinal, todos os evangélicos crêem na segunda vinda de Cristo, embora possam divergir nos pormenores e em suas implicações.

Por passagens sensíveis entendemos os textos bíblicos que tratam de questões de caráter moral ou doutrinário cuja linguagem requer cautela. O apóstolo Paulo, por exemplo, refere-se ao lixo, em Filipenses 3.8, mas nós jamais poderíamos usar uma linguagem de baixo nível para explicar o significado do termo. Semelhantemente, quando nos referimos a certas práticas sexuais erradas (homossexualismo, lesbianismo, masoquismo) precisamos de muita cautela para não ferir o sentimento e a honra pessoal dos ouvintes.

Por passagens culturalmente polêmicas entendemos textos bíblicos que geram polêmicas devido ao preconceito cultural dominante. Todos nós conhecemos os grandes problemas sociais, econômicos, morais e espirituais associados ao alcoolismo. A Bíblia condena qualquer forma de embriaguez e diz que o beberrão não herdará o reino de Deus (1 Co 6.10). Por outro lado, a mesma Bíblia não proíbe

de maneira explícita que se beba um copo de vinho (1 Tm 5.23). Todavia, a questão é extremamente polêmica, e cristãos de culturas e tradições diversas interpretam-na de perspectivas bem diferentes. Outros exemplos seriam as questões do véu e da mulher na igreja.

A MEDITAÇÃO SOBRE O TEXTO DO SERMÃO

A palavra meditação é conhecida desde o século XIV e deriva da forma verbal latina meditari, que significa medir ou medir espiritualmente, avaliar, julgar.

A meditação tenta medir em profundidade um objeto ou uma afirmação, para avaliar, julgar e compreender melhor seu significado e suas implicações.

As palavras portuguesas que mais se aproximam do verbo meditar são ponderar, pensar sobre, matutar, projetar, intentar, estudar, refletir, considerar.

A meditação é a contemplação profunda de um objeto ou de uma afirmação (pode ser um versículo bíblico); é uma forma de oração mental.

A meditação bíblica é a contemplação e reflexão espiritual das Sagradas Escrituras na presença de nosso bendito Salvador: Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração (Lc 2.19). É uma contemplação espiritual da presença do Cristo ressurreto e vivo. O objeto da meditação é Sua Palavra (Js 1.8; Sl 1.1-3; 119.97, 99).

A meditação durante a elaboração da prédica não é primordialmente a busca de novas idéias, mas a recordação de algo já existente pressupondo-se, naturalmente, que de fato existe algo. Se a meditação encontro entre o texto e a vida se realiza apenas durante a elaboração da prédica, o resultado só poderá ser fraco. Sem considerar a sua finalidade para a prédica, a meditação ou é um processo vivo e constante da fé, ou ela não merece ser assim

chamada. O encontro entre o texto tendo em vista a Sagrada Escritura global como texto e a vida é sinônimo de fé. A. Sommerauer, Guia do Pregador, p. 42.

A meditação bíblica é importante para a prédica evangélica, porque trata-se de uma contemplação espiritual em profundidade da Palavra de Deus e de uma reflexão entre o texto e a vida.

Lembre-se: a meditação começa com a oração, é caracterizada pela oração contínua e leva à oração!

Gostaríamos, ainda, de mencionar algumas questões práticas para a meditação no texto do sermão.

A quietude e o silêncio proporcionam uma ajuda imensa e fundamental na meditação. Procure um lugar tranqüilo. Alguns pregadores levantam-se de madrugada, só para meditar sobre o texto da próxima prédica. A ordem externa também ajuda a concentração. Uma mesa desarrumada convida-o a primeiro arrumar as coisas e desvia sua atenção, mas um lugar simples, limpo e tranqüilo ajuda-o a entrar num espírito de meditação. Um terceiro auxílio externo é o tempo. Precisa-se de bastante tempo para a meditação. A meditação não é um exercício mental de apenas cinco minutos. A mente, o coração, nosso íntimo, devem penetrar profundamente na Palavra de Deus. É um processo que exige paciência e tempo.

A concentração mental também é de suma importância na meditação. O silêncio apropriado é indispensável. A reflexão mental e a repetição constante do texto bíblico ajudam-no imensamente na meditação bíblica.

Leia o texto bíblico vagarosamente, palavra por palavra, versículo por versículo, muitas vezes, em espírito de oração, contemplação e adoração Conscientize-se da presença real de Cristo na meditação e identifique-se com o texto bíblico, fazendo perguntas pessoais, tais como:

- O que o texto me diz pessoalmente?

- Onde eu me encontro no texto?

- Como eu teria agido na situação desta pessoa mencionada no texto?

- Qual exemplo devo seguir, qual erro evitar?

Escreva o resultado de sua meditação numa folha de papel. Lápis e papel, portanto, são auxílios indispensáveis na meditação. Anote o que lhe vem à mente enquanto medita sobre o texto bíblico; só depois você avalia e escreve a prédica na forma final.

O alvo da meditação é a frutificação e o enriquecimento do trabalho exegético, com o impulso pessoal para uma boa prédica. Aquilo que nós mesmos apropriamos é mais fácil de ser comunicado. Desta maneira, a meditação bíblica ajuda-nos também na aplicação da Palavra de Deus.

É importante resumir com as seguintes palavras as linhas-mestras do texto sobre o qual meditamos: O texto diz a mim que...

Às vezes, a meditação bíblica indica também a forma da prédica:

- Qual o tema adequado, qual o núcleo do texto?

- Como poderia esboçar o texto?

- Como poderia ilustrar o texto?

- Que materiais áudio-visuais seriam aconselháveis (retratos, fotografias, figuras, fantoches, desenhos animados, quadro-negro, retroprojetor, slides)?

Estas perguntas técnicas não devem ser feitas no início da meditação, para não impedir a aproximação pessoal do pregador da presença de Deus. Mas a meditação nunca deve tornar-se uma mera auto-satisfação, uma experiência puramente individualista. Ela merece ser compartilhada com outros, com nosso próximo, e aí está o alvo da meditação. A meditação bíblica me conduz ao próximo!

A APLICAÇÃO DO TEXTO DO SERMÃO

A meditação e a aplicação estão nitidamente relacionadas. O que nós aprendemos e reconhecemos na meditação bíblica, na presença de Cristo, transmitimos ao ouvinte por meio da aplicação. É exatamente esta a tarefa do pregador: pregar o evangelho de tal modo que fale às situações cotidianas do ouvinte. Não seria justo deixar a aplicação com o ouvinte. Ele precisa ser desafiado e estimulado pelo sermão. É evidente que o ouvinte não é desafiado por causa de nossa retórica polida, experiência marcante ou aplicação perfeita, mas ele honra a ação objetiva do Espírito Santo em convencer do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.7ss.).

Jesus não apenas pregou a mensagem do reino de Deus, mas fez também aplicações pessoais, confrontando o ouvinte de Sua Palavra com uma decisão a ser tomada (Mt 4.17; 11.28-30; 18.15ss.; 19.16; Lc 10.25ss.).

Os santos apóstolos também não se deram por satisfeitos com a mera entrega do sermão. Eles aplicaram o ensino às necessidades do povo, desafiando o ouvinte a tomar uma decisão (At 2.23, 37ss.; Rm 12-14; 1 Co 5.6, 8, 11).

Não existe um esquema definido e fechado para a aplicação das verdades bíblicas na prédica. Antes de pensarmos na execução ou nas necessidades do povo moderno, precisamos refletir sobre as circunstâncias e situações em que o texto a ser estudado surgiu, porque nelas ele geralmente fornece uma aplicação direta ou indireta. Em seguida, fazemos a aplicação pessoal do texto bíblico, para só depois considerarmos as necessidades de nossos ouvintes.

*Veja o gráfico na edição impressa (pg. 82)

Uma aplicação direta é possível em textos bíblicos que oferecem a salvação, chamam para seguir a Cristo, convidam para crer e obedecer, requerem fidelidade para com Deus ou amor pelo

próximo. Encontramos aplicações indiretas em textos que se dirigem a situações específicas e circunstâncias historicamente bem definidas (Gn 12.1ss.; 22.1ss.; Lc 18.18ss.; Mt 5.29s., 39-41; Cl 3.5; 1 Co 11.5).

Vale a pena refletir sobre as necessidades de quem recebe nosso sermão. Liefeld menciona algumas situações concretas que existem em qualquer comunidade:

- Necessidades pessoais (ansiedade, solidão, tristeza, depressão, vazio espiritual, carência de orientação etc.).

- Problemas coletivos (preocupações financeiras, desânimo, conflitos, falta de entusiasmo na igreja, abalo por causa de uma morte recente na comunidade, apreensão diante de um programa de construção etc.).

- Situações sociais ou éticas momentâneas (entre os cristãos ou na sociedade).

- Crises públicas (eleições, atentados, problemas internacionais, desastres etc.).

- Marcos espirituais na vida da igreja.

- Situação espiritual de grupos especiais (crentes novos, anciãos, jovens, aqueles em crise de meia-idade, solteiros, casados, divorciados etc.).

- Carência de edificação e instrução normal. ENT, p. 98.

Quanto à forma específica da aplicação do sermão, mencionaremos brevemente os quatro aspectos essenciais:

A aplicação deve ser textual. Com isso queremos dizer que a boa aplicação surge do texto principal, que é a base de nossa prédica. Se a aplicação não tem nada a ver com o texto bíblico, então não pregamos mais a Palavra de Deus; pregamos apenas nossas experiências subjetivas. A boa aplicação encontra suas raízes no próprio texto bíblico que estamos expondo.

A aplicação deve ser objetiva. Nunca deve ser legalista, mas diretiva; não subjetiva, mas objetiva. O objetivo principal da aplicação é a transparência, a compreensão do texto bíblico. Uma aplicação complexa, muito detalhada e desordenada apenas confunde o ouvinte. A boa aplicação mostra seu objetivo e o modo como o ouvinte pode alcançá-lo. Não adianta enfatizar que o pecador precisa se converter sem mostrar como pode fazê-lo. Não adianta convidar o ouvinte a ter uma vida de consagração sem mostrar, ao mesmo tempo, como vencer os obstáculos para gozar uma vida consagrada e também os meios de consagração: oração, leitura da Bíblia, dedicação, obediência e comunhão.

É melhor fazer poucas aplicações numa mensagem, sendo estas bem definidas, práticas e convincentes, para não deixar nenhuma sombra de dúvida, do que fazer dez ou mais aplicações.

A aplicação deve ser pessoal. Em todas as pregações, o indivíduo merece atenção específica. Isto se torna mais óbvio na aplicação. Nela, dirigimo-nos aos indivíduos, com suas necessidades e seus problemas. A comunidade dos ouvintes é composta de indivíduos: jovens e velhos, homens e mulheres, cristãos maduros e recém-convertidos, aflitos e consolados, perplexos e seguros, esperançosos e desolados, deprimidos e alegres, pobres e ricos, necessitados e satisfeitos.

A questão principal é: como posso aplicar a Palavra de Deus à necessidade de cada um de meus ouvintes? Será impossível atender satisfatoriamente às necessidades de todos. Mas é possível dirigirmo-nos a alguns. Por isso, a aplicação da prédica deve ser pessoal e individual.

A aplicação deve ser pastoral. As aplicações sempre são pastorais, seja a prédica evangelística, missionária, diaconal, didática, temática, expositiva ou exortativa. Na aplicação, deve-se fazer sentir a preocupação pastoral do pregador, o amor do pastor pelas ovelhas.

O verdadeiro pastor não critica, mas ama suas ovelhas; não arma carapuças, mas orienta; não desabafa, mas direciona.

Os apóstolos Paulo e João cuidaram de seus filhos na fé como verdadeiros pais (Fp 2.22; 1 Ts 2.11; 1 Jo 2.1, 12, 14, 18, 28; 3.7, 18; 4.4; 5.21).

Perguntas didáticas sobre a homilética material

1. Qual a tarefa da homilética material?

2. Explique detalhadamente por que a Palavra de Deus é o material básico do sermão.

3. Por que nem todas as passagens bíblicas são igualmente recomendáveis para a escolha de uma mensagem específica?

4. Cite três textos de sermão que você pode usar para um funeral.

5. Indique quatro passagens do Antigo Testamento que combinam com o Natal.

6. Dê algumas passagens que você poderia usar para uma conferência bíblica de quatro noites consecutivas.

7. Você é convidado para pregar no culto de dedicação do novo templo de um bairro. Que passagem escolheria para esta ocasião?

8. Quantos capítulos têm as Escrituras Sagradas?

9. Como as 14.388 palavras gregas e hebraicas da Bíblia podem ajudá-lo na escolha?

10. A quantas pessoas diferentes a Bíblia se refere no Antigo Testamento?

11. Explique por que nossa pregação deve ser textual, escriturística, cristológica e prática.

12. Como definimos a expressão texto do sermão?

13. Qual a extensão do texto do sermão?

14. Quais as maneiras fundamentais e indispensáveis de escolher o texto de um sermão?

15. Além da oração pessoal e da direção do Espírito Santo, o que nos ajuda na escolha do texto propício?

16. Com quanto tempo de antecedência devemos escolher um texto para o sermão?

17. Por que devemos evitar textos difíceis, polêmicos ou de linguagem pomposa?

18. É certo mudar o sermão, uma vez escolhido o texto?

19. Sua igreja passa por um período de crescimento numérico notável. Muitas pessoas são recém-convertidas, mas nem todas romperam com as práticas pecaminosas da vida anterior. Quais os textos do Antigo Testamento que seriam apropriados para corrigir esta situação?

20. O Natal se aproxima e você não deseja pregar outra vez sobre Lucas 2. Quais as alternativas que lhe restam para a escolha do texto natalício, caso você se limite ao Antigo Testamento?

21. Defina e explique a origem e o significado do termo exegese.

22. Por que a exegese bíblica é necessária?

23. Depois de ter consultado alguns comentários, explique por que, em Mateus 13, o semeador semeia à beira do caminho e em solo rochoso. Será que o semeador é negligente ou maltreinado nas técnicas agrícolas?

24. Quais as seis condições que fazem de nossa pregação uma prédica bíblica?

25. Qual o alvo da exegese?

26. Explique a diferença entre exegese científica e exegese limitada.

27. A exegese bíblica é uma atividade acadêmica ou espiritual?

28. Você pode elaborar dez passos didáticos para fazer uma exegese

bíblica?

29. Por que a leitura do texto bíblico em voz alta pode ser uma ajuda na preparação da mensagem?

30. Qual a vantagem de repetir com minhas próprias palavras o texto a respeito do qual vou pregar?

31. De que maneira a observação dos contextos imediato e remoto ajudam-me na exegese?

32. Por que devo prestar atenção nas peculiaridades do texto a ser examinado?

33. Com que tipo de pergunta vou bombardear o texto bíblico, a fim de receber uma compreensão maior?

34. Qual a metodologia adequada para obter uma sólida primeira impressão do texto?

35. Quais os métodos que você usa para esclarecer o texto?

36. Defina uma comparação sinóptica.

37. Que instrumento ou ferramenta você usa para uma sinopse dos evangelhos?

38. Por que devo analisar o livro inteiro que inclui o texto escolhido?

39. Dê uma definição de contexto.

40. Qual a tarefa da exegese lingüístico-gramatical?

41. Na prática, como você procede na exegese lingüístico-gramatical?

42. Analise a palavra apostasia lingüisticamente, usando o NDITNT.

43. Qual a tarefa da exegese histórico-cultural?

44. Como você faz uma exegese histórico-cultural?

45. Qual a tarefa da exegese teológico-pneumatológica?

46. Que metodologia você emprega na exegese teológico-pneumatológica?

47. Qual a função da exegese auxiliar?

48. Indique algumas ferramentas auxiliares para a exegese.

49. O que é um versículo paralelo?

50. Onde se encontram os versículos paralelos na Bíblia?

51. De que maneira os versículos paralelos ajudam-nos na compreensão do texto?

52. Quais os dois tipos de versículos paralelos?

53. Explique com dois exemplos práticos como são utilizados os versículos paralelos.

54. O que é uma chave bíblica?

55. Qual a finalidade prática da chave bíblica?

56. Explique como é usada a chave bíblica.

57. Quais as diferenças entre uma chave bíblica e uma concordância?

58. Como devemos usar uma concordância bíblica?

59. O que é a Bíblia Vida Nova?

60. Relacione algumas vantagens que a Bíblia Vida Nova oferece para a preparação de mensagens bíblicas.

61. Qual a importância e a função dos dicionários para a elaboração de uma prédica?

62. Quais as diferenças básicas entre o NDB e o NDITNT?

63. De acordo com quais critérios usamos os comentários na preparação de uma mensagem bíblica?

64. O que é um atlas bíblico?

65. Quais as vantagens do atlas bíblico?

66. Explique de que maneira concluímos a exegese.

67. Mencione pelo menos quatro formas específicas de exegese.

68. Qual a relação entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento?

69. Mencione algumas passagens tipológicas do Antigo Testamento.

70. Quais as características das passagens tipológicas?

71. Explique detalhadamente por que Melquisedeque (Gn 14) é um tipo de Cristo.

72. Por que o aspecto histórico-cultural merece uma atenção especial na análise de textos do Antigo Testamento?

73. Que perguntas ajudam-nos a compreender melhor os textos históricos do Antigo Testamento?

74. O que significa história da salvação?

75. Como você relaciona as afirmações do Antigo Testamento sobre o anjo do Senhor com a pessoa de Cristo?

a. Primeiramente, com a ajuda de uma concordância bíblica, mencione algumas passagens do Antigo Testamento que se referem ao anjo do Senhor.

b. Depois, explique por que o anjo do Senhor é o próprio Cristo, no Antigo Testamento.

76. O que a rocha de Êxodo 17.6 tem a ver com Cristo (1 Co 10.4)?

77. Com que base relacionamos Salmos 8.4-5 com Cristo?

78. Como você prova que Salmos 16.10 fala da ressurreição de Cristo?

79. O que o Servo do Senhor tem a ver com Cristo, em Isaías 42.1-4, 5-9; 49.1-6, 7-13; 50.4-9, 10ss.; 52.13-53.12?

80. Com que indagações práticas podemos atualizar os textos do Antigo Testamento para nossos dias?

81. Quais são as lições práticas do Antigo Testamento?

82. Qual o teor principal dos livros poéticos do Antigo Testamento?

83. Quais são as seis formas de paralelismo poético hebraico?

84. O que compreendemos por disposição estrófica?

85. Quais são os livros proféticos do Antigo Testamento?

86. Quais são as características das profecias do Antigo Testamento?

87. Qual a importância das profecias do Antigo Testamento?

88. Explique o porquê das várias dificuldades cronológicas dos textos proféticos do Antigo Testamento.

89. O que é uma profecia progressiva?

90. Qual a diferença entre profecia parcial e cumprimento final?

91. Você pode ilustrar a diferença entre os cumprimentos parcial e final de um texto profético da Bíblia?

92. Mencione três profecias simbólicas.

93. Cite quatro profecias não-cumpridas.

94. O que é perspectiva profética?

95. Quais as 12 recomendações práticas para a exposição de textos proféticos do Antigo Testamento?

96. Qual a diferença entre a exegese do Novo Testamento e a do Antigo Testamento?

97. Como você identifica os textos sinópticos?

98. Qual a problemática dos textos sinópticos?

99. O que é uma comparação sinóptica?

100. Qual o valor de uma harmonia dos evangelhos?

101. Quais são as características principais dos milagres?

102. Em que consiste a problemática dos milagres?

103. Na prática, como devemos interpretar os milagres?

104. Quais os ensinos fundamentais das 21 epístolas neotestamentárias?

105. Quais as três regras exegéticas que observamos na exposição

de textos das epístolas do Novo Testamento?

106. Quais são os principais capítulos proféticos do Novo Testamento?

107. Por que favorecemos a interpretação literal de textos proféticos do Novo Testamento?

108. Em que casos interpretamos simbolicamente os textos proféticos do Novo Testamento?

109. Qual o significado do termo parábola?

110. Dê uma definição precisa e detalhada do termo parábola.

111. Quais as três características literárias das parábolas bíblicas?

112. Mencione as quatro razões pelas quais Jesus falou em parábolas.

113. Quais são os cinco passos metodológicos na exposição de parábolas bíblicas?

114. Por que damos tanta ênfase ao ponto central da parábola?

115. Qual a problemática na exposição de parábolas do Novo Testamento?

116. Dê uma definição de alegoria bíblica.

117. Quais são as características da alegoria bíblica?

118. Cite quatro exemplos de alegoria bíblica.

119. Que recomendações práticas você usa para a exposição correta de uma alegoria bíblica?

120. O que é tipologia?

121. Quais as diferenças básicas entre parábola, alegoria e tipologia?

122. Cite seis tipologias bíblicas.

123. Dê a definição de metáfora.

124. Dê três exemplos de metáfora.

125. Quais as recomendações práticas indispensáveis para a exposição de metáforas?

126. Explique e ilustre o que é uma sinédoque.

127. Defina metonímia e explique sua problemática na pregação.

128. Quais são as características de uma prosopopéia?

129. Dê dois exemplos bíblicos de ironia.

130. Explique e ilustre o termo hipérbole.

131. Quais as características de uma fábula?

132. Cite três exemplos de enigmas bíblicos.

133. Como podemos identificar um símile?

134. Por que é importante observarmos as interrogações quando analisamos um texto bíblico?

135. Explique o que é uma apóstrofe.

136. O que é um contraste?

137. Defina as características de uma antítese bíblica.

138. Qual a diferença entre clímax ascendente e clímax descendente?

139. Dê uma definição bíblica de provérbio.

140. Quais as sete recomendações práticas a serem observadas e aplicadas na exegese de provérbios?

141. Cite quatro exposições de paradoxos na Bíblia.

142. Como lidamos com passagens obscuras?

143. Como você prega a respeito de uma passagem contraditória?

144. Quais os problemas que surgem quando pregamos sobre textos bíblicos que abordam questões sensíveis?

145. Qual o significado do termo meditação?

146. Que importância tem a meditação bíblica para a homilética

evangélica?

147. De que maneira os quatro auxílios externos ajudam na meditação bíblica?

148. Com que tipo de perguntas pessoais posso meditar sobre um texto bíblico?

149 . Qual o alvo da meditação bíblica?

150. O que é aplicação do texto bíblico?

151. Quais as diferenças entre exposição, meditação e aplicação do texto bíblico?

152. De que maneira a meditação e a aplicação relacionam-se e complementam-se?

153. Na prédica, por que a aplicação é tão importante?

154. Quais as possibilidades da aplicação bíblica?

155. Por que a aplicação deve ser textual?

156. Cite as razões por que a aplicação deve ser objetiva.

157. Qual deve ser nossa preocupação na aplicação pessoal?

158. O que entendemos por aplicação pastoral?

159. Quantas aplicações caracterizam uma boa prédica?

160. Qual a diferença entre aplicação e ilustração?

3 A HOMILÉTICA FORMAL

A homilética formal estuda a estrutura do sermão, as três formas principais de sermões, as maneiras de apresentar o sermão, as formas alternativas de pregação e a avaliação do sermão.

A ESTRUTURA DO SERMÃO

A estrutura do sermão merece nossa atenção, nosso esforço laborioso e a devida preparação paciente para causar um "impacto imediato sobre os ouvintes". D. Martin Lloyd-Jones, citado em J. Braga, Como preparar mensagens bíblicas Livros teológicos inteiros foram escritos somente para enfatizar o aspecto formal da homilética. The craft of a sermon, de W. E. Sangster; The preparation of a sermon, de A. W. Blackwood; e Como preparar mensagens bíblicas, de J. Braga.

Na estrutura do sermão, estudamos os princípios da elaboração formal ou esquematização do sermão. Nossa atenção volta-se para o título, a introdução, as proposições, o esboço propriamente dito, as discussões e ilustrações, as aplicações e, finalmente, para a conclusão da prédica. Plínio Moreira da Silva apresenta uma esquematização de sermão, conforme se vê na página seguinte: PMS, p. 79.

TÍTULO

Texto

INTRODUÇÃO

Tese:

ASSUNTO

1º Argumento

2º Argumento

3º Argumento

4º Argumento

CONCLUSÃO

Apelo

a. Título: o título da mensagem especifica o assunto sobre o qual o pregador irá falar. Por exemplo, você prepara uma mensagem

baseada em João 15.1-8. O assunto é a videira verdadeira, mas o título da mensagem será mais específico, e. g., "a vida frutífera do cristão" ou "como o cristão pode ter uma vida frutífera".

A definição do título é um dos últimos itens a serem elaborados na mensagem. Não é aconselhável escolher primeiro o título da mensagem e depois definir o texto, a não ser que seu sermão seja tópico. É mais fácil definir o título depois de feita a exegese, depois de o esboço ter sido elaborado.

A definição do título exige tempo e bastante reflexão:

O título é claro e compreensível? É pertinente ao texto bíblico? Relaciona-se com o esboço? É bem específico ou parece mais um assunto geral? Ele contém alguma contradição? Escandaliza os ouvintes, por ser fantástico, extravagante, rude ou irreverente? É controvertido? Chama a atenção do auditório?

O título pode ser expresso como uma afirmação, interrogação, exclamação ou até como uma citação ou parte de um versículo.

b. Introdução: a "introdução é o processo pelo qual o pregador procura preparar a mente dos ouvintes e prender-lhes o interesse na mensagem que vai proclamar". J. Braga, op. cit., p. 91.

Os objetivos principais da introdução são conquistar a atenção do auditório e despertar seu interesse pelo tema da prédica. Podemos comparar a entrega da mensagem com um vão. As três fases principais são a decolagem, o vão acima das nuvens e a aterrissagem. Sabemos que, tanto em vãos domésticos como em internacionais, a decolagem e a aterrissagem exigem o esforço máximo do piloto. A decolagem é essencial para um vôo bem sucedido. Ela é breve. O piloto faz o máximo possível para atingir a altura correta com sua aeronave. Da mesma forma, a introdução da mensagem exige do pregador concentração, esforço e brevidade, a fim de poder dar continuidade à viagem de maneira tranqüila acima das nuvens, o mais rápido possível. Uma boa introdução, preparada

e memorizada, dá ao pregador segurança, tranqüilidade, firmeza e liberdade na pregação.

c. Proposição: a proposição bíblica é a apresentação, explicação e desenvolvimento das grandes idéias doutrinárias, éticas e espirituais das Sagradas Escrituras, de maneira simples e convincente, que estimule o ouvinte a aceitá-las e aplicá-las em sua vida. Exemplos:

O homem natural não entende nada das coisas de Deus.

Todo homem nasce pecador.

Somos salvos inteiramente pelos méritos de Cristo.

A leitura bíblica é o principal meio que Deus usa para levar o homem à maturidade cristã.

A verdadeira adoração é uma questão de espírito e verdade.

Cristo libertou-nos das trevas e transportou-nos para Seu reino.

O louvor a Deus liberta-nos dos interesses pessoais.

Encontramos o verdadeiro sábado no Cristo liberto que ressuscitou dos mortos.

O suicídio na Bíblia é o resultado do fracasso espiritual.

A vivência diária na santificação comprova a veracidade e sinceridade da fé salvadora.

A proposição é o resultado do árduo trabalho exegético e da meditação bíblica. As proposições desenvolvem-se à medida que analisamos o texto bíblico. As vezes, uma proposição amadurece, cresce, modifica-se e torna-se mais específica com o avanço do trabalho exegético. Na meditação bíblica individual, as proposições (verdades generalizadas e eternas da Bíblia) recebem uma dimensão espiritual, pessoal, atual e estimulante, que ajuda o ouvinte a abraçar a fé e a crescer na santificação. O desenvolvimento da proposição ocorre também com o passar do tempo. Por isso, recomenda-se iniciar a preparação da mensagem dominical já na segunda-feira. A vivência diária, as visitas pastorais, a reflexão, a

pesquisa exegética e as informações do dia-a-dia ajudam no aprimoramento das proposições, de maneira que se tornem castelos concretos da verdade divina no século XX, capazes de transformar a vida do pregador e de sua congregação, pois emanam do realismo bíblico e da exegese aplicada a nossos dias.

As palavras-chave de um texto bíblico ajudam-nos a chegar às proposições. A seguinte série de possíveis palavras-chave não tem limites, e estas servem apenas como assuntos.

abordagens
abusos
acontecimentos
barreiras
bênçãos
benefícios
caminhos
características
causas
compensações
compromissos
compulsão
descobrimentos
descobertas
desejos
desinteresse
detalhes
deveres
dons
doutrinas
dúvidas
expressões
facetas
falhas
fardos
fases
forças
formas
fracassos
meios
melhoramentos
mentiras
providências
provas
ganhos
garantias
generalizações
modos
momentos
motivos
reações
razões
realidades

habilidades necessidades recusas

hábitos negações reflexões

ideais nomes remédios

idéias notas requerimentos

ídolos objeções reservas

julgamentos perigos tipos

justificação períodos tópicos

juiz permutas totalidades

lealdade pontos transigências

leis possibilidades

lições práticas urgências

males problemas vantagens

manifestações processos verdades

marcas profecias virtudes

zelo

"A 'Palavra Chave' geralmente envolve o uso de um 'Verbo Transicional', que é sempre um verbo 'transitivo', que requer um objeto, ou um verbo emparelhado com uma preposição que requer um objeto. Num ou noutro caso, o objeto é a 'Palavra Chave'. Os seguintes 'Verbos Transicionais' são colocados em combinações naturais com 'Palavras Chaves', para demonstrar o seu uso normal.

'Este texto levanta... questões'

'O Senhor faz... promessa'

'O apóstolo comunica... débitos'

'O profeta fala de... razões'

'A situação clama por... respostas'

'A fidelidade leva a... satisfações"' C. W. Koller, op. cit., pp. 51-52

d. Esboço: a elaboração de um bom esboço é uma arte em si. Todavia, os princípios para o esquema de um bom esboço são de caráter técnico, podendo ser estudados e apropriados por qualquer aluno de homilética dedicado.

A preparação sistemática e refletida de um esboço simples, prático e convincente exige tempo, flexibilidade mental e conhecimento psicológico e gramatical por parte do pregador. O esboço surge por meio do estudo exegético. Muitas vezes, ele é extraído do próprio texto bíblico.

O esboço é composto das seções principais de uma mensagem ordenada, dos pontos de destaque da prédica, que formam os passos lógicos de seu desenvolvimento. Ele pode ser composto dos argumentos fundamentais, das respostas básicas ou das exclamações centrais do sermão.

Não é indispensável que cada esboço tenha três pontos principais, embora, na prática, isso muitas vezes corresponda à realidade. O esboço pode ser composto de apenas dois pontos ou até de oito ou nove aspectos principais. O bom senso do pregador, assim como o nível médio dos ouvintes, determinam os pontos do esboço. Não é recomendável ter 19 tópicos num só esboço, nem apresentar seis subesboços no esboço principal do sermão. As subdivisões do esboço-chave da mensagem não devem constituir um novo esboço central. Isso apenas confunde o auditório.

Sugerimos, portanto, um esboço principal composto de dois a cinco

pontos, como regra básica. Se você tiver mais do que isto, será melhor subdividir o tema e apresentá-lo em duas mensagens.

A elaboração de um bom esboço não é uma regra homilética, um dever do pregador, mas uma ajuda homilética para apresentar um sermão ordenado. Um esboço bem ordenado e harmônico ajuda o pregador a obter clareza de idéias. Através do esboço, os tópicos principais da mensagem são colocados em ordem lógica e conseqüente. O esboço bem preparado ajuda também o pregador a obter unidade de pensamento. É muito fácil os pensamentos do pregador saírem da linha, incompatibilizarem-se mutuamente ou até se repetirem.

Finalmente, o esboço previamente estruturado e anotado no manuscrito ajuda o pregador a lembrar-se do conteúdo do sermão, de maneira que ele se torna mais independente de suas anotações.

A grande vantagem de um esboço bem patente para a congregação é que ele esclarece os pontos principais do sermão. Outra vantagem é que o ouvinte lembra-se com mais facilidade das afirmações-chave do texto bíblico, as quais serviram como base para a mensagem. Em muitos casos, o esboço do pregador consegue ser tão simples, claro e convincente que o ouvinte ainda se recorda da prédica após dez anos, quando relê a passagem bíblica. Portanto, um bom esboço tem seu valor didático e espiritual, levando o cristão a crescer em sua fé.

Entretanto, quais são os princípios que devemos aplicar para fazermos um esboço ordenado? Em primeiro lugar, ele deve corresponder ao tema. Não adianta escolher o tema "a videira verdadeira" e, no esboço, referir-se ao significado, à necessidade, à urgência, aos métodos e aos resultados do arrependimento. O esboço deve corresponder ao tema, assim como os frutos correspondem à árvore. Conseqüentemente, o esboço emana do tema, assim como o tema emana do texto bíblico que fundamenta o sermão.

Em segundo lugar, o esboço deve corresponder também ao texto

bíblico. Em muitos casos, o próprio texto bíblico oferece um esboço natural para o sermão.

Em terceiro lugar, os pontos individuais do esboço devem ser totalmente distintos, pois cada argumento é uma parte integrante de toda a estrutura do sermão. Não adianta repetir no terceiro ponto, com palavras semelhantes, o que já foi esclarecido no primeiro. A repetição ou semelhança de pensamentos, afirmações, interrogações, exclamações ou argumentos no esboço é o erro mais comum dos pregadores iniciantes.

Em quarto lugar, o esboço precisa ser ordenado seqüencial e progressivamente. Seqüencialmente, a fim de mostrar coerência lógica de pensamento, e progressivamente, por motivos retóricos e psicológicos. Deixe o argumento mais importante, o ponto alto, para o final da mensagem, visando garantir que o auditório o acompanhe através de toda a prédica.

Em quinto lugar, o esboço tem de apresentar coerência lógica. O esboço ordenado não se contradiz, não complica, não deixa dúvidas; pelo contrário, elimina dúvidas.

Em sexto lugar, o esboço deve ser elaborado harmonicamente. Use três afirmações, três exclamações ou três interrogações, mas nunca misture uma afirmação com uma interrogação ou uma exclamação com uma pergunta.

Em sétimo lugar, o esboço também deve estar gramaticalmente correto e coerente. Comece quatro vezes com o artigo masculino ou com o feminino; ou três vezes com os verbos principais, com substantivos, i. e., sempre na mesma ordem gramatical. Seus pontos encontram-se todos no presente, no passado ou no futuro. Nunca misture os tempos! Agostinho já ensinava: "Distingue tempora et concordabis Scriptura."

Em oitavo lugar, cada ponto do esboço deve conter uma só idéia; do contrário, confundiremos o ouvinte. Cada ponto também deve

esclarecer completamente seu tópico único. Não é recomendável iniciar uma idéia nova sem ter exposto a anterior claramente.

Em nono lugar, o bom esboço emprega o menor número possível de pontos. O excesso de pontos comprova a superelaboração da prédica e não ajuda o auditório a lembrar-se dos pensamentos-chaves do texto bíblico.

Em décimo lugar, é dever moral do pregador não elaborar um esboço ambíguo ou escandaloso.

Finalmente, recomenda-se também que o esboço seja rítmico. Com isto, referimo-nos à rítmica gramatical das palavras. Num esboço de três pontos, por exemplo, você empregaria três palavras principais que terminam com: são, ação, ável, o, a, ismo, tude, ar, er, ir ou dade. Exemplos:

Texto: João 19.17-18

Título: "O lugar chamado Calvário"

Esboço: 1. Era lugar de crucificação.

2. Era lugar de separação.

3. Era lugar de exaltação.

Texto: 1 Timóteo 2.4

Título: "A visão mundial de Deus"

Esboço: 1. É uma visão da humanidade.

2. É uma visão da eternidade.

3. É uma visão da verdade.

e. Discussão: "as divisões principais e as subdivisões não passam do esqueleto do sermão, e servem para indicar as linhas de pensamento a serem seguidas ao apresentá-lo. A discussão é o descobrimento das idéias contidas nas divisões". J. Braga, op. cit., p. 144.

A elaboração e redação do sermão (latim: elocutio) merece

diligência, exatidão e tempo do pregador. Um tema interessante e um bom esboço não são suficientes para garantir um fluxo agradável de pensamentos na mensagem. A questão do estilo é negligenciada por muitos pregadores e, por isso, a mensagem torna-se enfadonha, complexa e desordenada. O estilo fraco do pregador é capaz de destruir suas melhores idéias. Os aspectos a seguir ajudam a melhorar as discussões da prédica.

A boa prédica é caracterizada pela unidade de pensamento vista em todas suas discussões. O tema, o esboço, as subdivisões, o descobrimento, as ilustrações e os exemplos refletem a unidade de pensamento do pregador. Suas idéias não se desviam para nenhum lugar. Parece que o pregador tem um assunto só, apesar de seu esboço de três pontos.

As frases devem ser breves e claras. Orações longas e complexas, geralmente demonstram pouco preparo e falta de estilo. Depois de ter escrito a mensagem pela primeira vez, faça uma revisão total e só trabalhe no estilo. Encurte as frases, subdivida-as. Indague se todos entenderão suas idéias, se as expressões que você usou são claras.

A sintaxe, as palavras, o linguajar e o estilo têm de ser simples. O bom professor ou orador é aquele que é capaz de explicar as coisas mais difíceis com simplicidade. Isso não significa que o pregador não possa empregar uma palavra técnica ou estrangeira, visto que estes termos podem ser traduzidos ou aportuguesados de forma simples. O estilo de Jesus Cristo e o dos maiores pregadores (Spurgeon, Billy Graham, Luis Palau) comprovam que a simplicidade é a arte suprema da homilética.

A vitalidade e a variedade são de importância fundamental para o descobrimento de idéias. O pregador dinâmico é aquele que varia o estilo, o ritmo, o tom e os gestos. Quem fica eternamente esbravejando faz com que o ouvinte feche os ouvidos. A mensagem melancólica faz com que a congregação caia em sono profundo. O

palhaço só faz o auditório rir. A vitalidade e a variedade têm de ser equilibradas, não ofensivas ou agressivas, mas agradáveis e convidativas. A boa retórica está na vitalidade do pregador e na variedade de seu estilo. Lembre-se de que vitalidade não é sinônimo de gritaria.

É de grande ajuda para os ouvintes o fato de o pregador falar a língua do povo. Quando nos referimos à popularidade, não estamos pensando no pregador, mas em sua comunicação. O sertanejo, por exemplo, usa expressões e conceitos totalmente desconhecidos do amazonense ou do paulistano.

Aquilo que nós pregamos deve corresponder à verdade e tão-somente à verdade. Pregamos a Palavra de Deus, que é a verdade (Jo 17.17). Não é lícito apresentar histórias infundadas, imaginárias e exageradas. A verdade não fantasia, não busca sensações, mas testemunha com simplicidade e sinceridade. A verdade não precisa ser colorida ou superlativada.

f. Ilustrações: o significado do termo ilustrar é tornar claro, iluminar, esclarecer mediante um exemplo. A "ilustração é o meio pelo qual se lança luz sobre um sermão através de um exemplo. É a apresentação de uma cena, ou a descrição de uma pessoa ou incidente, com o fim de iluminar o conteúdo de uma mensagem, ajudando o ouvinte a compreender as verdades que o pregador proclama". J. Braga, op. cit., p. 171.

Existem formas variadas de ilustração. Ela pode ser: pessoal, é usada uma experiência pessoal para ilustrar um princípio bíblico; histórica, quando se emprega um incidente histórico para exemplificar uma verdade bíblica; literária, quando um escritor é citado para ilustrar uma verdade moral; técnica, quando se explica um processo técnico, industrial ou agrícola; científica, quando se refere a assuntos biológicos, químicos ou psicológicos; analógica, metafórica, alegórica ou parabólica, quando são empregadas figuras de retórica.

O bom uso da ilustração desperta o interesse, enriquece, convence, comove, desafia, estimula o ouvinte, valoriza e vivifica o sermão, além de relaxar o pregador. É bom lembrar que a ilustração nunca substitui o argumento bíblico fundamentado na Palavra de Deus. A ilustração tem apenas uma função psicológica e didática, para tornar mais claro aquilo que o texto revela.

Recomendações práticas para o bom uso de ilustrações:

1. Pregue a Palavra e não ilustrações.

2. Use no máximo duas ou três ilustrações por sermão.

3. Empregue ilustrações patentes e verídicas.

4. Comente as ilustrações com simplicidade e naturalidade, sem exagero e sem espírito crítico, lembrando-se de que os exemplos bíblicos são as melhores ilustrações.

g. Aplicações: já explicamos detalhadamente a aplicação do texto do sermão: a necessidade, as possibilidades e as formas de aplicação. Enquanto a ilustração esclarece e ilumina a verdade bíblica, na aplicação, o ouvinte é confrontado direta e pessoalmente com o ensino da Bíblia. Através da aplicação, ele é convidado à reflexão, ao posicionamento, à mudança pessoal diante das afirmações das Sagradas Escrituras. Ao aluno que deseja estudar mais profundamente a questão da aplicação, recomendamos a leitura de Como preparar mensagens bíblicas, de J. Braga, cap. 11, pp. 185-207.

h. Conclusão: a boa mensagem merece cuidados especiais em sua conclusão. Esta não é o mero fim, o ponto final da prédica. É o ponto culminante, o que fala mais diretamente ao ouvinte. Numa mensagem evangelística, é marcada pelo convite à salvação. Mas seria um crime espiritual apenas lançar formalmente o convite sem explicá-lo, sem mostrar como aceitá-lo. Lembre-se de que, no apelo, dirigimo-nos à vontade, à consciência e aos sentimentos do ouvinte. O apelo não deve ser forçado ou prolongado, mas simples, discreto e

não ofensivo. Outra maneira de concluir a mensagem, principalmente quando o conteúdo for didático, é fazer uma breve recapitulação. Ao usar este método, o pregador deve ter cuidado para não usar mais do que cinco minutos. Seja como for sua conclusão (evangelística ou didática), a última imagem ou impressão que o pregador deixa para o auditório é a que fica gravada na memória. Para obter informações adicionais, veja PES, pp. 121-131.

AS TRÊS FORMAS PRINCIPAIS DE SERMÃO

Tradicionalmente, as obras homiléticas diferenciam três tipos de sermão: o sermão temático (também chamado de sermão de tópico), cujos argumentos resultam do tema, independentemente do texto; o sermão textual, cujos argumentos principais são tirados do texto bíblico; e o sermão expositivo, cujos argumentos giram em torno da exposição exegética completa do trecho bíblico em pauta.

Atualmente, esta classificação está sendo questionada por ser artificial (ociosa), confusa, inútil, teórica e restritiva, pois qualquer mensagem bíblica é: temática, por ter um tema principal; textual, porque se baseia em um ou alguns textos bíblicos; e também expositiva, visto que expõe as idéias da Palavra de Deus. "Cada sermão, pelo seu texto, pelo seu tema, pela sua tese e pela sua argumentação, torna-se uma peça original, única, específica, que não comporta classificação genérica em particular. É verdadeira perda de tempo o que se tem feito nesse sentido". PMS, p. 43.

Reconhecemos que existem várias maneiras de se classificarem os sermões. Poderíamos agrupar as mensagens conforme seu conteúdo ou assunto principal, sua estrutura, seu método psicológico (indutivo, expositivo) ou ainda sua categoria eclesiástica (evangelísticas, exortativas, doutrinárias, de avivamento, devocionais, inspirativas, consoladoras, nupciais, natalícias, cívicas, fúnebres, festivas etc.).

O sermão temático (tópico)

É aquele cuja divisão é extraída do tema. Em outras palavras, divide-se o tema, não o texto de onde o tema é tirado.

Vantagens do sermão temático:

1. É o de divisão mais fácil. De fato, é o mais simples. É mais fácil dividir um tema do que um texto, visto que este é mais complexo.

2. É o de lógica mais fácil. O sermão temático é o que mais se presta à observação da ordem e da harmonia das partes.

3. Conserva melhor a unidade. A proporção entre o primeiro e o último ponto e a relação de harmonia entre estes e o tema constituem o segredo de sua unidade. Assim, é mais fácil ser mantido até o fim.

4. Presta-se melhor à discussão de temas morais, evangelísticos e ocasionais.

5. Adapta-se melhor à arte da oratória.

Desvantagens desse tipo de sermão:

1. Exige muito controle do pregador para evitar divagações ou generalidades vazias e inexpressivas.

2. Requer um estilo mais apurado e formal do que os outros tipos.

3. Exige mais imaginação e vigor intelectual, visto que se presta mais ao uso de símiles, metáforas e analogias.

4. Exige mais cultura geral e teológica, já que não está limitado à análise do texto.

5. Exige mais conhecimentos da lógica e da dialética, pois tende a discussões apologéticas.

6. Há o perigo de desprezar o uso abundante das Escrituras.

Exemplo:

TEMA: A DÁDIVA SUPREMA DE DEUS

TEXTO: João 3.16

INTRODUÇÃO: As dádivas são muito apreciadas por todos os homens. Esta apreciação chega ao ponto de existirem casas comerciais que exploram a venda de artigos específicos para presentes. De fato, a vida social perderia muito de seu encanto se os amigos e parentes não se presenteassem. Os homens aprenderam ou herdaram isso de Deus. Deus é o autor das dádivas. "Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança" (Tg 1.17). E, entre as dádivas que vêm de Deus, há uma que é suprema, a qual muitos ainda não quiseram receber, embora lhes seja diariamente oferecida.

DIVISÃO:

I. Em que consiste esta dádiva

1. Não consiste apenas em valores materiais ou nas ricas e abundantes coisas criadas por Deus e colocadas à disposição do homem:

a. os animais que lhe servem de alimento, aumentam suas posses ou ajudam no trabalho;

b. os rios, lagos, mares e florestas, de onde extrai a substância, o conforto e os recursos para viver;

c. os minerais (minérios e pedras preciosas), com os quais se enriquece e obtém matéria-prima.

Todas estas coisas são dádivas de Deus, mas não são dádivas supremas.

2. Consiste, na verdade, em uma pessoa: Jesus Cristo, Seu Filho Unigênito.

II. O valor desta dádiva

1. Não há outra maior do que ela, visto que se trata do Filho de

Deus.

a. Quem dá um Filho que ama, dá o melhor que possui.

b. Quem dá um Filho que ama, dá a própria vida.

2. Não há outra melhor do que ela, visto que Deus deu o melhor que possuía no céu e na terra.

3. Não há outra melhor do que ela, visto que Jesus encerra as perfeições divinas e humanas.

III. A finalidade desta dádiva

1. Toda dádiva tem uma finalidade:

a. agradar;

b. honrar;

c. beneficiar;

d. provar o grau de amor ou amizade;

e. demonstrar gratidão;

f. retribuir favores recebidos;

2. A dádiva de Deus aos homens, contudo, tem um propósito supremo:

a. visa demonstrar Seu grande amor pelos homens. "Deus amou o mundo..."; "mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores";

b. visa revelar Sua misericórdia e santo propósito aos homens, "para que não pereçam";

c. visa, finalmente, enriquecer os homens com a posse do tesouro mais precioso da vida a salvação "para que tenham a vida eterna".

IV. A quem é oferecida esta dádiva

1. A quem os homens costumam oferecer seus presentes preciosos:

a. aos melhores amigos;

b. aos homens mais dignos;

c. aos parentes mais queridos.

2. Deus, porém, oferece Sua dádiva suprema:

a. não aos melhores homens do mundo "se vós, sendo maus...";

b. não aos justos "não há justo, nem um só; "... não vim chamar os justos..."

c. mas aos pecadores perdidos "mas chamar os pecadores ao arrependimento"; "porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido"; pois "fiel é a palavra"; e "todos pecaram e carecem da glória de Deus".

O sermão textual

É o sermão cuja divisão baseia-se no texto. Neste caso, divide-se o texto e não o tema. Há três modalidades de sermão textual.

O sermão textual natural ou puro é aquele cujas divisões são feitas de acordo com as declarações originais do texto, tais como se encontram na Bíblia. Em conseqüência, as subdivisões devem ser constituídas preferencialmente da citação de textos.

O sermão textual analítico baseia-se em perguntas feitas ao texto, tais como: Onde? Que? Quem? Por que? Para que? As respostas são dadas pelas declarações ou frases de que o texto é constituído. Neste caso, os pontos principais expressam-se em forma interrogativa.

No sermão textual por inferência, as orações textuais são reduzidas a uma expressão sintética ou palavra que encerra o conteúdo, sendo, portanto, a essência da frase ou declaração. Esta modalidade presta-se à análise de textos que não podem ser divididos naturalmente.

Vantagens do sermão textual:

1. É profundamente bíblico.

2. Exige do pregador um conhecimento profundo das Escrituras.

3. Obriga o pregador a estudar constantemente a Bíblia.

4. É o que mais se presta à doutrinação dos cristãos.

5. É o que mais se adapta ao pregador de cultura mediana, mas com vasto conhecimento das Escrituras e de certos tratados teológicos.

6. É muito apreciado pelo povo.

Exemplo:

TEMA: O PRIVILÉGIO DIVINO DOS CRISTÃOS

TEXTO: 1 Pedro 2.9-10

INTRODUÇÃO: O crente em Jesus Cristo é um ser privilegiado por Deus. Talvez não seja honrado pelo mundo, mas, seja quem for, é sempre honrado por Deus, que o cobre de privilégios divinos e celestiais. Eis aqui alguns desses privilégios, entre muitos:

I. A raça eleita

1. Eleitos ou escolhidos não segundo nossas obras, mas conforme o propósito e a graça de Deus 2 Tm 1.9.

2. Eleitos segundo a presciência de Deus para a vida eterna 1 Pe 1.2; Mt 25.34,46.

3. Eleitos para testemunhar as grandezas de Deus 1 Pe 2.9.

4. Eleitos para serem segundo a imagem de Jesus Rm 8.29.

II. O sacerdócio real

1. Como sacerdotes, podem se aproximar de Deus por meio de Jesus Cristo Hb 4.14-16.

2. São sacerdotes para oferecerem eles mesmos sacrifícios espirituais a Deus 1 Pe 2.5.

3. Os cristãos, como sacerdotes de Deus, têm como sumo sacerdote Jesus Cristo Hb 4.14-15.

III. A nação santa

1. Os cristãos são santos porque alcançaram misericórdia mediante Jesus Cristo 1 Pe 2.10.

2. Os cristãos são santos porque foram separados do mundo e do pecado para a glória de Deus, bem como para Seu serviço Tt 2.14.

3. Os cristãos são santos porque participam da natureza de Deus 1 Pe 1.15-16.

IV. O povo adquirido

1. Cristo resgatou-nos e adquiriu-nos para Si, pagando por nós o preço de nossa redenção At 20.28.

2. Cristo resgatou-nos da maldição e da morte para termos vida eterna e sermos Sua herança Ef 1.18.

3. Cristo adquiriu-nos não com prata e ouro, mas com o preço do sangue imaculado 1 Pe 1.18.

4. Os cristãos são propriedade de Deus, são Seu povo, e não pertencem mais ao mundo 1 Pe 2.20.

CONCLUSÃO: Se temos tais privilégios e honras, vivamos para Deus e, dentro de nossas forças e com Sua graça, realizemos Sua vontade e Seu propósito no mundo; anunciemos as virtudes dAquele que "nos chamou das trevas para Sua luz", do nada para Sua glória, da morte para a salvação, da terra para o céu.

Exemplo de sermão por inferência:

TEMA: O SEGREDO DE VIVER BEM

TEXTO: 1 Pe 3.10-12

INTRODUÇÃO: Viver bem, isto é, em harmonia com o próximo e em paz com todos os outros homens, com amor e respeito, deve ser o ideal de todo o homem honesto. Entretanto, ninguém está mais capacitado para viver essa vida ideal do que o cristão, pois, além de ser ajudado pela graça de Deus, é também orientado pelos

ensinamentos do cristianismo. Neles, vamos encontrar o segredo de viver bem. Consideremos, pois, em que consiste este segredo encontrado nos ensinos cristãos.

I. Consiste em trazer a língua sempre refreada

1. A língua deve ser sempre refreada por causa da sua má tendência de falar o mal Tg 3.3-5.

2. A língua deve ser refreada para que não destrua com o fogo da maledicência a reputação ou o caráter do nosso próximo Tg 3.5-12.

3. O refreamento da língua é sinal de sabedoria, de espiritualidade e de crescimento na graça Pv 15.2,28.

II. Consiste em repudiar a mentira

"E os seus lábios não falem engano".

1. Porque a mentira é do diabo e o que mente é seu filho Jo 8.44; Ef 4.25.

2. Porque o justo aborrece a mentira Pv 13.5; 12.19.

3. Porque o mentiroso não entra no reino do céu Ap 22.11.

4. Porque o mentiroso vive sempre perturbando e não poderá fugir do castigo Pv 13.3, 19.l5.

III. Consiste em ser inimigo do mal e amigo do bem

"Aparte-se do mal e faça o bem."

1. O caminho do mal é do ímpio e perece Pv 4.19, Sl 1.6.

2. O caminho do bem é do cristão e permanece para sempre Is 25.7, Sl 1.6.

3. O crente não deve só fugir do mal, mas sempre pagar o mal com o bem Rm 12.19-20.

4. Praticar o bem e detestar o mal é uma elevada expressão do caráter cristão 1 Pe 2.15.

IV. Consiste em ser amigo da paz

"Busque a paz e siga-a."

1. Porque o cristão tem paz com Deus por Jesus Cristo Rm 12.1.

2. Porque é dever do cristão viver em paz com todos os homens Rm 12.1.

3. Porque o pacificador é filho de Deus e bem-aventurado Mt 5.9.

4. Porque Jesus Cristo é o Príncipe e doador da paz Is 9.6, Jo 14.27.

CONCLUSÃO: Diante do exposto, é nosso dever pôr em prática esses elementos ou normas para vivermos bem, por três motivos:

1. Porque assim agradamos ao Senhor e glorificamos o Seu santo nome.

2. Porque estaremos construindo nossa própria felicidade.

3. Em terceiro e último lugar, porque faremos também a felicidade dos outros.

O sermão expositivo

O sermão expositivo tira da Palavra de Deus os argumentos principais da exegese ou exposição completa de um trecho mais ou menos extenso. O Dr. C. W. Koller, famoso professor de homilética, define o sermão expositivo com estes dois argumentos:

"(1) O 'Sermão Expositivo' consiste da 'Exposição' mais aplicação e persuasão (argumentação e exortação). Uma 'exposição' torna-se um sermão, e o mestre torna-se pregador, no ponto em que é feita uma aplicação ao ouvinte, com vistas a alguma forma de resposta, em termos de fé ou entrega.

(2) O 'Sermão Expositivo' extrai os seus principais pontos, ou o subtítulo dominante de cada ponto principal, do particular parágrafo ou capítulo do livro da Bíblia de que trata". C. W. Koller, op. cit., p. 17.

J. Braga define o sermão expositivo como aquela mensagem "em que uma porção mais ou menos extensa da Escritura é interpretada

em relação a um tema ou assunto. A maior parte do material deste tipo de sermão provém diretamente da passagem, e o esboço consiste em uma série de idéias progressivas que giram em torno de uma idéia principal". J. Braga, op. cit., p. 47.

Características do sermão expositivo:

1. Unidade. Não é um mero comentário de textos bíblicos e, sim, uma análise pormenorizada e lógica do texto sagrado.

2. Presta-se melhor à exposição contínua de um livro bíblico inteiro ou de uma doutrina.

3. É de grande valor para o desenvolvimento do poder espiritual e da cultura teológica do pregador e de sua congregação.

4. Inclina-se mais à interpretação natural das Escrituras do que à alegórica.

5. É o método mais difícil, apreciado pelos que se dedicam à leitura e ao estudo diário e constante da Bíblia.

Exemplos:

TEMA: DOIS TIPOS DE CRISTÃO

TEXTO: Lucas 10.38-42

INTRODUÇÃO: Todos os cristãos são discípulos de Jesus, sendo salvos por Sua divina graça; mas nem todos são iguais. De fato, estudando as atitudes das duas discípulas de Betânia, Marta e Maria, a quem o Senhor amava e em cuja casa gostava de estar, descobrimos nelas dois tipos de cristão. Vejamos, pois, em face do texto, quais são esses tipos.

I. Cristãos mais preocupados com o aspecto material da vida cristã do que com o espiritual v. 40.

1. Marta, não obstante ter sido uma boa crente, representa esse tipo de cristão.

2. Notemos que Marta provavelmente estava preparando uma

refeição para o Senhor e Seus discípulos v. 38.

3. Ou, talvez, após oferecer a refeição, tenha se dedicado a outros trabalhos domésticos, aos quais deu mais importância do que ao aprendizado dos mistérios do reino de Deus, aos pés de Jesus v. 42.

4. Essa atitude arrastou Marta como também acontece com qualquer cristão aos seguintes estados:

Viver preocupado "te preocupas com muitas cousas". Queremos fazer diversos negócios ao mesmo tempo e preocupamo-nos com a possibilidade do prejuízo ou do fracasso.

Viver ansioso "Marta, estás ansiosa". A ansiedade é fruto de alguma preocupação de ordem material ou moral, a falta de confiança na providência de Deus. Ela pode gerar graves distúrbios físicos com conseqüências fatais.

Viver perturbado "Marta, andas perturbada". O cristão que coloca os valores materiais em primeiro plano em sua vida não pode deixar de ter perturbações, porque quase sempre confia mais em sua própria habilidade do que no Senhor, para solucionar seus problemas.

Censurar os cristãos mais espirituais ou chamá-los de fanáticos, porque preocupam-se mais com as coisas do reino de Deus. "Senhor, não te importas de que minha irmã me deixe servir só?"

5. Desse modo, os cristãos que andam assoberbados de serviços e negócios não dispõem de tempo:

para falar com o Senhor em oração;

para ler Sua Palavra e nela meditar;

para dar testemunho do poder salvador de Jesus;

para ir à igreja ou tomar parte das atividades eclesiásticas.

II. Cristãos que se preocupam mais com o aspecto espiritual da vida cristã do que com o material v. 42.

1. Maria sabia que era seu dever ajudar a irmã no serviço doméstico;

entretanto, sentia que maior era o dever de ouvir e aprender de Jesus aquilo que ninguém poderia ensinar melhor do que Ele.

2. Os serviços domésticos, sempre ela os poderia fazer, mas ouvir a Palavra da vida dos lábios de Jesus era raro. Por esse motivo, não queria perder tal oportunidade. Assim deve proceder todo cristão.

3. Não há prejuízo, mas somente lucro em pararmos um pouco as atividades materiais ou nossos negócios a fim de nos dedicarmos ao serviço e interesses do reino de Deus.

4. Os cristãos que submetem seus interesses aos de Jesus sempre:

são espirituais;

são fervorosos;

não têm preocupações obsessivas de ordem material;

são confiantes na providência e no amor de Deus;

têm paz e tranqüilidade de espírito;

têm satisfação e prazer em ser cristãos;

escolhem a melhor parte, que jamais lhes será tirada, e crescem "na graça e no conhecimento de Jesus".

CONCLUSÃO: A que tipo pertencemos nós? Se do tipo de Maria, somos bem-aventurados. Entretanto, não nos devemos orgulhar disso, mas persistir humildemente no mesmo caminho. Se, porém, somos do tipo de Marta, atendamos às advertências carinhosas do Senhor e mudemos de rumo para nossa felicidade e para a glória de Seu nome.

TEMA: A VERDADEIRA ADORAÇÃO E OS VERDADEIROS ADORADORES

TEXTO: João 4.19-24

ESBOÇO: Introdução: A problemática da adoração em nossas igrejas

I. O significado da adoração

1. No grego clássico

2. No Antigo Testamento

3. No Novo Testamento

II. O lugar da adoração (4.20-21)

1. Para os samaritanos: Gerizim

2. Para os judeus: Jerusalém

3. Para os cristãos: não importa o lugar

III. A atitude de adoração (4.21-24)

1. O verdadeiro adorador adora o Pai (4.21,23)

2. O verdadeiro adorador adora em espírito (4.23-24)

3. O verdadeiro adorador adora em verdade (4.23-24)

TEMA: A ORAÇÃO SACERDOTAL DE CRISTO

TEXTO: João 17.1-26

ESBOÇO: Introdução: A importância da vida de oração

1. O nome desta oração (17.1)

2. O valor desta oração (17.1)

3. O motivo desta oração (17.2-3)

4. O tempo desta oração (17.1)

5. O receptor desta oração (17.1, 5, 11, 21, 24, 25)

6. O conteúdo desta oração

A oração de Jesus por Si mesmo (17.1-5)

A oração de Jesus por Seus apóstolos (17.6-19)

A oração de Jesus por Sua Igreja em todo o tempo (17.20-26)

7. O propósito desta oração

A revelação de Sua glória (17.1-5)

A conservação dos Seus (17.6-16)

A santificação dos Seus (17.17-19)

A unificação dos Seus (17.20-23)

A glorificação de Sua pessoa (17.24-26)

8. A conclusão desta oração (17.25-26)

TEMA: NÃO SEJAS INCRÉDULO, MAS CRENTE

TEXTO: João 20.24-29

ESBOÇO: Introdução: Dados biográficos do evangelho de João a respeito de Tomé: Jo 11.16; Jo 14.5; Jo 20.24-29; Jo 21.2.

I. O ceticismo de Tomé (20.24-26)

1. Apesar dos encontros anteriores com Cristo

2. Apesar do testemunho dos apóstolos (20.25)

3. Apesar de oito dias de reflexão (20.26)

4. Superado pela presença real do Cristo ressurrecto (20.26)

5. Superado pela manifestação do Cristo ressurrecto, que

o desafia a colocar seu dedo em Suas mãos (20.27)

6. Superado pela palavra de encorajamento do Cristo

ressurrecto: não seja mais incrédulo, mas crente (20.27)

II. A confissão de Tomé

1. Uma confissão pessoal: "Senhor meu, Deus meu!"

2. Uma confissão do senhorio de Cristo: "Senhor meu ..."

3. Uma confissão da divindade de Cristo: "Senhor meu, Deus meu!"

III. O compromisso de Tomé

1. O grande apóstolo mencionado quatro vezes no evangelho de João.

2. O grande apóstolo que levou o evangelho à Índia.

CONCLUSÃO: Não sejas incrédulo, mas crente.

A APRESENTAÇÃO DO SERMÃO

Existem três métodos típicos de apresentação do sermão: a leitura do sermão, a memorização parcial da mensagem e a pregação sem anotações.

a) Leitura

É muito comum nos meios políticos apresentar um discurso sob forma de peça literária (numa assembléia, na Câmara, no Senado, em solenidades públicas, quando o presidente fala em cadeia nacional de televisão e rádio, nos fóruns, nos comícios políticos etc.).

Vantagens da leitura do sermão:

1. Demonstra a habilidade do pregador para escrever ou redigir. Isto é importante, porque o pregador pode tornar-se escritor ou jornalista e estará capacitado a enfrentar polêmicas na imprensa.

2. Habilita o pregador a ter e desenvolver um estilo sempre correto, perfeito e atraente, visto que se empregam as palavras com bastante cuidado e segurança.

3. Aprimora o conhecimento preciso da língua portuguesa. O pregador pode consultar um dicionário e uma gramática antes do discurso.

4. A argumentação é distribuída em ordem mais lógica e mais convincente.

5. Os componentes do sermão são também distribuídos em ordem lógica e proporcional.

6. Conserva melhor a unidade do sermão.

7. Evita que o pregador vá para o púlpito nervoso e preocupado com o que tem a dizer.

8. Exige menos tempo para dizer o que tem de ser dito.

9. Podem-se citar mais textos bíblicos e com maior precisão.

10. O sermão pode ser reproduzido a qualquer tempo, sem prejuízo de um só pensamento, ou publicado em qualquer ocasião.

11. Fixa a mente do pregador no texto ou tópico-base.

Desvantagens da leitura do sermão:

1. O pregador fica preso à leitura e pode perder o contato com o auditório, não observando com segurança suas reações.

2. O pregador fica prejudicado na arte da gesticulação, fator importante para enfatizar as palavras e manter presa a atenção do auditório.

3. O sermão pode se tornar monótono e de tom acadêmico.

4. Cansa muito o pregador.

5. Exige muito tempo para ser escrito.

6. Tira a espontaneidade, o contato pessoal e a vivacidade.

7. Restringe a liberdade mental do pregador de reformular, adaptar e improvisar na hora.

8. Não é simpático ao povo; o pregador perde o crédito intelectual e o prestígio.

9. Nem todo pregador sabe ler de maneira que impressione e atraia.

b) Memorização parcial

Na memorização parcial, a mensagem é escrita, memorizada, parcialmente decorada (introdução, frases importantes e conclusão) e parcialmente recitada.

Vantagens da memorização parcial do sermão:

1. Possui as mesmas vantagens já estudadas no método anterior.

2. Possui ainda a vantagem de exercitar e desenvolver a memória.

3. Deixa o pregador livre para gesticular e estar em contato direto com seu auditório.

4. Parece mais natural.

5. Impressiona mais e produz melhores efeitos.

Desvantagens da memorização parcial do sermão:

1. O pregador pode esquecer uma palavra ou frase, o que põe em risco todo o sermão, em virtude da perturbação emocional que isso produz no pregador e da má impressão que causa no auditório.

2. Pode levar o orador a generalizar e a fazer dissertações vagas no desenvolver do discurso.

3. O estilo não será tão apurado e elegante como o dos sermões escritos.

4. O pregador pode perder o hábito de escrever bem, visto que tem facilidade para falar livremente.

5. O sermão não pode ser reproduzido com os mesmos pensamentos, idéias, imagens e figuras de retórica da ocasião anterior.

c) Pregação sem anotações (de enunciação livre)

Pregar sem manuscrito nenhum é a arte mais sublime e difícil da homilética. Poucos pregadores dominam essa arte. O famoso orador Cícero (106-43 a. C.), que cativou a capital do Império Romano com sua eloqüente oratória, declarou: "Na alocução, em seguida à voz e à eficácia, vem a fisionomia; e esta é dominada pelos olhos. O poder de expressão do olhar humano é tão grande que, de certa maneira, ele determina a expressão do semblante todo". J. A. Broadus, On The Preparation and Delivery of Sermons (Nova Iorque, 1944) p. 350.

A. W. Blackwood lembra-nos de que a pregação espontânea foi o método de Jesus, dos profetas e apóstolos, que pregavam "de coração para coração e olho para olho". A. W. Blackwood, A Preparação de Sermões (Rio de Janeiro: ASTE/JUERP, 1981) p. 206.

C. H. Spurgeon (1834-1892), o rei dos pregadores, e G. C. Morgan (1863-1942), o maior expositor bíblico do século XX, pregavam

desse modo.

Vantagens da prédica sem anotações:

1. O pregador gasta menos tempo no preparo literário do sermão.

2. O pregador habitua-se a pensar logicamente.

3. O pregador habitua-se a pensar rapidamente.

4. Os textos ficam livres.

5. O contato psicológico entre o pregador e o auditório não sofre solução de continuidade.

6. Dá oportunidade ao pregador de usar ao máximo os recursos naturais de sua imaginação e de sua oratória.

7. O pregador fica livre para expandir seu temperamento entusiasta e ardoroso, podendo tornar-se vibrante, eloqüente e impressionante.

8. O pregador pode dispor de mais tempo no preparo das partes essenciais dos sermões.

9. O pregador fica livre para aproveitar a iluminação e o auxílio do Espírito, bem como para utilizar idéias, palavras e ilustrações que ocorram no momento.

10. Este era o método usado por Jesus e Seus apóstolos.

11. É o método mais popular e consagrado na história da oratória sacra.

Desvantagens do sermão sem anotações:

1. Nem todos os pregadores têm condições de memorizar toda a mensagem. Isto depende muito da capacidade mnemônica do orador.

2. O pregador investe muito tempo na memorização total de sua mensagem, a não ser que fale de improviso.

3. Num caso de falha da memória, o improviso pode tomar conta do sermão.

4. O pregador não pode citar tantos trechos das Escrituras, a não ser que os decore.

5. A possibilidade de gafes aumenta.

6. O nível de ansiedade e nervosismo antes do sermão pode ser maior.

Preparo exigido para a prédica de enunciação livre:

1. O pregador deve exercitar-se em pensar com precisão, rapidez e lógica, de maneira que seus pensamentos sejam claros, simples e de fácil compreensão.

2. Deve cuidar do aperfeiçoamento de sua linguagem e estilo, ora enriquecendo seu vocabulário, ora lendo autores clássicos.

3. Ao planejar o sermão, deve fazê-lo em ordem lógica e bem concatenada, de modo a facilitar o desenvolvimento harmônico e fluente do pensamento.

4. Deve evitar levar notas escritas para o púlpito, além do esboço do sermão.

5. Se possível, é mais conveniente memorizar o esboço, a fim de não ficar escravo das notas e poder falar com maior liberdade de ação.

6. Não deve esquecer o cuidado com a saúde, a fim de ter força e boa disposição física para pregar.

7. No preparo do esboço, o pregador deve pedir sempre o auxílio e a iluminação do Espírito Santo, tanto no arranjo técnico do sermão quanto na própria pregação.

Embora recomendemos ao pregador que seja o mais livre possível em suas pregações e que tenha o contato visual mais íntimo possível com o ouvinte, lembramo-nos do velho bispo Edwin H. Hughes que, aos 76 anos de idade, comentou o pecado mais comum dos pregadores, escrevendo:

"Espontaneidade... Esta tentação surge quando chegamos à meia-idade... É devastação que assola ao meio-dia ... O hábito de escrever

não é apenas mestre que dirige a indústria, é guarda contra o desleixo... Tremo ao recordar que quase sucumbi... Se somos desleixados em nossa preparação, não somos criaturas decentes. Somos seguidores d'Aquele que disse: 'Devo trabalhar"'. E. H. Hughes, I Was Made a Minister (Nova Iorque e Nashville, 1943), pp. 311-314.

A memorização do sermão

A forma de apresentação determina a intensidade da memorização. Todavia, deve-se evitar a fala improvisada (sem estrutura, totalmente espontânea e livre) e escravizada (completamente presa ao manuscrito). A maioria dos pastores usa notas, evitando desta maneira investir horas na memorização total do sermão e diminuindo a tensão nervosa no púlpito:

1. O manuscrito da prédica ajuda na memorização parcial. Principalmente a introdução, as transições básicas, o esquema do sermão, as frases de destaque e a conclusão devem ser cuidadosamente memorizados.

2. O sublinhar das frases fundamentais com cores diferentes também ajuda na memorização.

3. A memorização em voz baixa, talvez no escritório, é outra ajuda.

4. Retirar-se 15 minutos antes da entrega da prédica, para rever a mensagem, é um método muito comum entre os pregadores.

5. Levantar-se cedo, no domingo de manhã, e reler toda a mensagem outra vez é um recurso muito usado por pregadores.

6. Certos pregadores apresentam sua prédica primeiro para a esposa.

7. Sabe-se de alguns pregadores que pregam em voz alta na igreja diante de bancos vazios, ou no gabinete pastoral, como forma de memorização.

8. Escrever toda a mensagem primeiro e depois memorizar várias vezes as partes principais parece ser o método mais prático.

A apresentação pública do sermão

Uma boa apresentação não compensa uma prédica regular, mas uma apresentação pública fraca diminui o testemunho e o brilho da boa prédica. Portanto, uma boa apresentação pública da prédica é idônea e indispensável à nossa vocação ministerial.

1. A primeira regra da boa apresentação é uma cuidadosa memorização da mensagem. O ouvinte não quer assistir a um discurso lido, ele quer ouvir uma mensagem!

2. Nosso falar deve ser agradável, claro e dinâmico, sem teatralidade, brincadeiras, monotonia e gritaria, mas antes ter naturalidade e ser simpático com o auditório.

3. Nossa apresentação é total, isto é, envolve gestos, atitudes e aparência. Somos embaixadores de Cristo com todo nosso ser. Então, todo nosso ser, e não apenas o falar, deve fazer transparecer a majestade, a glória e a sinceridade divinas, porque a Palavra de Deus nos promete: "Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim..." (Lc 10.16).

A AVALIAÇÃO DO SERMÃO

As obras mais conhecidas de homilética pouco se preocupam com a avaliação do sermão. H. W. Robinson, que escreveu o excelente livro A Pregação Bíblica, oferece no apêndice 3 um formulário para a avaliação do sermão (pp. 143-144). O Rev. Plínio Moreira da Silva, que durante 20 anos lecionou na Faculdade Teológica ABECAR, em Mogi das Cruzes, São Paulo, apresenta em sua obra uma valiosa ficha de anotações para a crítica homilética. PMS, pp. 115-117. Em ambos os casos, a avaliação é feita por terceiros e só funciona nos seguintes casos: num seminário teológico, quando a turma de

homilética faz a crítica após o sermão; num encontro de pastores, quando os colegas comentam a prédica do preletor; num exame teológico para ordenação; ou quando a própria esposa do pastor oferece uma avaliação sincera e objetiva.

Uma avaliação séria e objetiva do sermão é necessária para que o pregador se conscientize de suas falhas exegéticas, homiléticas, hermenêuticas, estilísticas, retóricas, gramaticais, psicológicas ou fonéticas.

O pregador culto sempre estará disposto a ouvir, aprender e melhorar seu conhecimento e sua prática homilética. Somente um pregador insensível não admite a necessidade de aperfeiçoamento, polimento e reciclagem de sua homilética. É uma tristeza encontrar pastores parados no nível em que se formaram no seminário. A educação teológica e a homilética faz parte dela é uma responsabilidade contínua e uma necessidade urgente para todos os pregadores.

O alvo principal de qualquer avaliação homilética é o aperfeiçoamento da prédica. O objetivo não é teórico, mas eminentemente prático. A avaliação é uma crítica sincera, feita com amor, para superar problemas homiléticos. Uma boa avaliação é uma espécie de reciclagem teológica, um processo de auto-conscientização sobre a eficácia do ministério no púlpito. A homilética é a coroa da preparação ministerial, porque dedica-se à alma sedenta e envolve-se com o crescimento espiritual do ouvinte. Por isso, a avaliação ajuda o pregador a cumprir sua missão de arauto e a comunicar Cristo com mais fidelidade, dedicação, precisão e clareza.

Existem basicamente dois métodos específicos de avaliação do desempenho homilético do pregador: a avaliação feita por terceiros e a auto-avaliação.

A maioria das avaliações é feita por terceiros: colegas de turma no seminário teológico, colegas de ministério, a própria esposa, às

vezes um amigo, presbítero ou diácono chegado ao pregador.

Avaliar a si mesmo não é uma tarefa fácil, porque alguns tendem a ser otimistas demais, enquanto outros se inferiorizam. Embora a auto-avaliação corra o perigo de ser subjetiva, ela possui seu valor didático, pessoal e estimulante. As formas da auto-avaliação são variadas. Uma delas é verificar a repercussão imediata de sua mensagem no auditório. O pregador sensível percebe se o auditório o acompanha durante a mensagem.

Um segundo método é o de auto-avaliar-se após a mensagem, em casa. O pregador pode rever o seu manuscrito e perguntar-se que frases omitiu, quais os pensamentos que acrescentou. Seria muito bom se ele consertasse os erros de expressão notados no púlpito, para não repeti-los quando pregar outra vez a mesma mensagem.

Uma terceira forma é recapitular, polir e melhorar a mensagem antes de entregá-la pela segunda vez. Sabemos que um carro recém-lançado no mercado apresenta nos primeiros dois anos suas doenças "infantis" que, com o aprimoramento, desaparecem. Da mesma forma, o pregador pode auto-avaliar-se depois do primeiro lançamento do novo sermão e superar os problemas observados, antes de pregar outra vez sobre o mesmo assunto ou trecho.

O uso de toca-fitas constitui outra maneira de auto-avaliação. Depois da prédica, o pregador avalia seu próprio sermão na categoria de ouvinte crítico, podendo até utilizar o formulário de avaliação de Robinson. PB, pp. 143-144.

O pregador mais sofisticado já usa o vídeo como forma de auto-avaliação. A vantagem deste método é revelar também a aparência, os gestos e as expressões do pregador.

CÍRCULO HOMILÉTICO

1º passo: Oração (p. 29)

2º passo: Escolha do texto (pp. 29-30)

3º passo: Exegese do texto (pp. 30-84)

4º passo: Meditação no texto (pp. 79-81)

5º passo: Aplicação do texto (pp. 81-84)

6º passo: Estruturação da mensagem (pp. 89-110)

7º passo: Redação da mensagem (pp. 110-114)

8º passo: Memorização da mensagem (p. 114)

9º passo: Apresentação da mensagem (pp. 114-115)

10º passo: Avaliação da mensagem (pp. 115-116)

Neste círculo, recapitulamos todos os passos do nascimento de uma mensagem, desde a fase inicial até a avaliação, depois da entrega do sermão.

FORMAS ALTERNATIVAS DE PREGAÇÃO

A prédica dominical é de suma importância em nosso ministério de púlpito. Ela merece toda nossa atenção, diligência e concentração. A prédica é a forma mais importante de proclamação do evangelho (Rm 10.17).

Por outro lado, temos de reconhecer que a prédica dominical não é a única forma de anunciar o evangelho, de ensinar a fé cristã. Outras formas de comunicação da mensagem do reino de Deus têm seu devido lugar no plano divino:

o estudo bíblico, em suas várias formas (em classes, como monólogo, como diálogo, como mesa redonda, em grupos);

a evangelização (de crianças, adolescentes, jovens, adultos, profissionais, senhoras, viúvas, famílias etc.);

solenidades (dedicação, batismo, noivado, casamento, funeral).

Seja qual for a forma da pregação, as preparações exegéticas e homiléticas são praticamente idênticas. O que muda é a metodologia da apresentação e a psicologia da pregação, mas nunca o conteúdo

a ser anunciado.

O estudo bíblico

A proclamação evangélica não é apenas evangelística, mas também doutrinária. O apóstolo Paulo recomendou ao jovem pastor Timóteo: "prega a palavra... com toda a ... Doutrina" (2 Tm 4.2). A idéia de que nos cultos de domingo à noite devemos pregar somente sermões evangelísticos, e não mensagens expositivas, é uma contradição ausente das Escrituras Sagradas. Não podemos divorciar a pregação do ensino. O estudo bíblico é próprio para o ensino doutrinário e ético das grandes verdades da fé cristã.

1. O estudo bíblico em classes. A grande vantagem dos estudos bíblicos em classes é que o professor pode ensinar conforme a situação psicológica ou a idade de sua turma. Este é o método que mais usamos na escola dominical.

2. O estudo bíblico em forma de monólogo. O pastor prepara uma mensagem para o culto no meio da semana, sendo que o povo de Deus assiste à predica da mesma forma que no domingo à noite. A única pessoa que fala é o pastor; o auditório permanece passivo.

O estudo bíblico em forma de monólogo serve para o pastor apresentar as grandes doutrinas da fé cristã. Por exemplo, talvez ele comece com seis lições sobre a doutrina da regeneração, depois pregue sobre adoração, justificação, santificação, oração, e, por fim, ofereça um estudo escatológico consecutivo durante dois meses. Uma forma alternativa seria pregar sobre um livro inteiro do Antigo Testamento ou sobre uma carta neotestamentária.

Este tipo de estudo bíblico é o método tradicional e tem a vantagem de formar, no decorrer dos meses, uma congregação forte e bem doutrinada. As vezes, o pregador usa um mapa, uma ilustração, um flanelógrafo, um retroprojetor, slides ou um simples quadro-negro. Mas o teor didático principal está no monólogo.

3. O estudo bíblico em forma de diálogo: todos participam. São

praticados o princípio do sacerdócio de todos os cristãos e a participação de toda a igreja no estudo. O pregador está na posição de professor e instrutor, mas não é o único que fala. Ele prepara a lição de tal maneira que haja diálogo, discussão, mas é ele quem coordena a participação. Antes da contribuição do grupo, ele introduz o assunto ou o texto. Cabe ao professor, também, resumir e esclarecer os problemas, em caso de dúvidas.

As vantagens do diálogo no estudo bíblico são evidentes: há a participação de todos; o ouvinte pode lançar perguntas e pedir esclarecimentos; o professor pode estimular e desafiar o auditório; e a aprendizagem acontece através da reflexão mútua.

Por outro lado, as desvantagens do diálogo no estudo bíblico são: o perigo de desviar-se do assunto principal; a participação pode limitar-se a alguns dentro do grupo, além do perigo do não-doutrinamento.

4. O estudo bíblico na mesa redonda: este método mistura os modelos de monólogo e diálogo. O diálogo limita-se a um grupo pequeno, pré-selecionado e bem preparado. O auditório acompanha silenciosamente o debate da mesa redonda. O professor é o coordenador do debate. No fim do culto, ele faz um resumo de improviso e uma aplicação final para o auditório. Este método é recomendado em congressos, acampamentos, debates convencionais ou quando se trata de um assunto atual de grande repercussão. Na primeira fase, pode ser feito um estudo em classes ou grupos e, na segunda, a sessão plenária com mesa redonda. Numa terceira etapa, o plenário participa da discussão.

5. O estudo bíblico em grupos: esta é a forma predileta em congressos ou acampamentos com universitários ou profissionais. O grupo não é necessariamente composto de classes segundo a idade, mas principalmente conforme o interesse no assunto a ser discutido. As vantagens deste estudo bíblico são: todos participam; é possível trabalhar sistematicamente; a discussão pode ser bastante animada

e edificante, porque cada um dos participantes do grupo contribui com seu ponto de vista e sua experiência. As desvantagens são: o perigo do debate intelectual; a necessidade de muito preparo intelectual e pessoal de todos os participantes.

Cultos evangelísticos

Tácito da Gama Leite Filho define o termo evangelização como "uma expressão profunda que tem o sentido de uma síntese, isto é, a evangelização é altamente concentrada como se fosse um comprimido de evangelho, onde estão calcadas pelo menos três implicações da mais alta importância:

1. A necessidade da salvação em Cristo

2. A possibilidade da salvação em Cristo

3. A exclusividade da salvação em Cristo".

Tácito da Gama Leite Filho, Evangelismo: Missão de Todos Nós (Rio de Janeiro: CPAD, 1981), p. 17.

No culto evangelístico, chamamos o ouvinte à presença real, viva e transformadora de Jesus Cristo. Tentamos, de maneira simples e prática, explicar o plano de salvação para desafiar o ouvinte a se decidir por Cristo; convidamos o pecador a depositar sua fé na pessoa e obra salvífica de nosso bendito Salvador Jesus Cristo.

O culto evangelístico caracteriza-se pelo testemunho de Cristo aos perdidos, pelo convite para que entreguem suas vidas ao senhorio de Cristo, pelo alistamento de vidas preciosas para o serviço de Cristo e sua incorporação na igreja local. A ênfase no culto evangelístico recai sobre o convite à salvação, sobre a possibilidade da conversão pela fé e no hoje da salvação (Hb 3.7-8). Apelamos à razão, à vontade, ao sentimento, à consciência do ser humano diante da santidade de Deus e da necessidade de salvação do pecador perdido.

Wadislau Martins Gomes, preletor no Congresso Brasileiro de Evangelização realizado em Belo Horizonte, em 1983, salienta com

seis teses a importância e a urgência da pregação evangelística:

"1. ... ainda que Deus tenha criado o homem maravilhoso, hoje ele se encontra caído. Assim, não pode haver uma pregação evangélica sem que se proponha a transformação e purificação do homem pela graça de Deus manifesta na obra completa de Jesus Cristo;

2. ... a justiça de Deus é oferecida ao homem em Cristo, pela graça mediante a fé, isto é, verticalmente e de cima para baixo, com conseqüências horizontais, ou seja, na totalidade da vida e de forma substancial;

3. ... a evangelização é uma proclamação verbal e viva de toda a verdade revelada (na Escritura inerrante e infalível), que reconcilia o homem com Deus, consigo mesmo, com o próximo e com o ambiente aqui, agora e na eternidade;

4. ... há uma missão, e uma só, do Senhor Jesus Cristo, já completada na cruz, da qual a igreja é comissionária, atingindo em sua obra salvífica tanto o espiritual quanto o material (que são partes de uma só realidade criada). Não há uma missão da Igreja como se nela residisse ou dela dependesse, mas uma responsabilidade conseqüente;

5. ... a realidade presente não está acondicionada em compartimentos estanques, mas ... todos os segmentos da vida estão e devem estar num contexto espiritual, sejam 'seculares', sejam 'religiosos', sejam da família da fé, sejam do cuidado para com todos os homens; e que tais cuidados devem preocupar-se prioritariamente com o homem interior para produzir reflexos no homem exterior;

6. ... a obra cristã se move por expressão do amor, e não por necessidade. Parte do coração de Deus para a necessidade do homem (e supre tais necessidades), mas nunca é gerada pela necessidade, nem pela ira do homem (profundo senso de injustiça, que em si mesmo não é mau), pois que a ira do homem não produz a

justiça de Deus." Wadislau Martins Gomes, Sal da terra... em terras dos brasis (Brasília: Refúgio Editora, 1985), 13-14.

O destinatário do culto evangelístico é, em primeiro lugar, o homem perdido. O homem sem Jesus está perdido, está sem salvação, está debaixo da condenação eterna e da ira de Deus. Com a mensagem evangelística, não desejamos desqualificar ou desmoralizar o ouvinte que ainda não é cristão, mas precisamos mostrar com amor, paciência e objetividade que, diante da santidade de Deus, o homem natural está perdido. A mensagem evangelística faz transparecer o amor de Deus e do pregador pelas almas perdidas.

O segundo alvo da mensagem evangelística é o "cristão nominal". Ele crê na Bíblia, crê que Jesus Cristo padeceu na cruz do Calvário para a expiação de nossos pecados, mas não vive em união vital com o Salvador Jesus Cristo e não tem certeza da salvação. Ele apenas acompanha a vida da igreja, mas nunca chegou a entregar sua vida publicamente a Jesus Cristo, nunca chegou, existencialmente, a experimentar a conversão bíblica.

Por fim, parece um paradoxo que o indivíduo cristão também seja um dos alvos do culto evangelístico, mas o cristão precisa ser convidado e estimulado a viver na santificação diária, sem a qual ninguém verá o Senhor (Hb 12.14). O cristão precisa ser confrontado com a possibilidade de serviço na igreja e na comunidade onde vive, para melhor cumprir sua função de sal da terra e luz do mundo. O cristão necessita do culto evangelístico para aprender a testemunhar, a apresentar o plano de salvação para seus familiares, amigos e vizinhos.

Ao realizar cultos evangelísticos, tenhamos os seguintes alvos em mente:

a. A decisão por Jesus Cristo. Convidamos o ouvinte para o arrependimento e a fé viva em Jesus Cristo, que, como

conseqüências práticas, trazem a certeza da salvação, a viva esperança, a santificação diária e a obediência concreta ao evangelho (Rm 1.5; 15.8; 16.26).

b. A purificação e a ativação do cristão. Não podemos nos dar por satisfeitos com o momento instantâneo ou emocional da chamada decisão. Na evangelização pragmática, precisamos ir além da decisão e mostrar ao novo convertido a importância da purificação diária (1 Jo 1.9; Mt 6.12). O novo convertido precisa ser estimulado também às boas obras (Ef 2.10) e ao testemunho eficaz (At 1.8; 1 Pe 2.9; 3.15).

c. A confissão pública da decisão. A confissão pública da decisão de seguir a Cristo foi exigida de Zaqueu (Lc 19.5) e de todos os apóstolos (Mt 5.18-22; Mc 1.16-20; Lc 5.1-11; Jo 1.35-51). O caráter público da decisão é de suma importância para mostrar a mudança entre "o passado" e "o presente", "o outrora" e "o agora", "o antigo" e "o novo", terminologia decisiva para a conversão bíblica, nos escritos paulinos (Rm 6.6; Gl 5.24; Cl 2.11; Ef 4.22ss.; Cl 3.9; 1 Co 7.14; Rm 6.17; 7.9; 11.30; 1 Co 12.2; Gl 1.13, 23; 2.6; 4.8, 29; Ef 2.2; 5.8; Cl 1.21; Tt 3.3).

d. A incorporação do cristão na igreja local. A igreja local exerce um papel importante no desenvolvimento espiritual e crescimento prático do novo convertido. Paulo afirma que "em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo" (1 Co 12.13). O novo convertido precisa da igreja local para ser aperfeiçoado e edificado no corpo de Cristo, "até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta,

segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor" (Ef 4.13-16; itálicos meus).

Existem inúmeras maneiras de fazer cultos evangelísticos. Limitamo-nos às formas principais, como os cultos realizados na igreja, ao ar livre, no rádio e na televisão.

a. Na igreja: a pregação evangelística nos cultos da igreja é o método mais utilizado para ganhar almas perdidas para Jesus Cristo. Em muitas igrejas evangélicas, o culto de pregação no domingo à noite é uma espécie de culto evangelístico. Desta maneira, descobrimos e cultivamos a evangelização permanente.

Mas, "considerando-se a natureza do homem citadino e a dificuldade de levá-lo ao templo, a pregação deverá ir ao encontro dele". A. Clarck Scanlon, Cristo na Cidade (Rio de Janeiro: JUERP, 1978) p. 74. Outro problema dos cultos evangelísticos "tradicionais" na igreja é que muitas vezes evangelizamos os já evangelizados.

Por outro lado, é bom ressaltar que um culto evangelístico, ou melhor, uma campanha evangelística bem preparada e planejada por todos os membros da igreja é um meio eficaz de proclamar o evangelho, conquistar a confiança dos amigos do evangelho e levá-los a uma decisão favorável por Cristo.

b. Ao ar livre: Jesus enviou os Seus para que buscassem novos indivíduos nos bairros, nas ruas, onde estivessem (Lc 14.21). A vantagem principal da evangelização ao ar livre é o fato de poder levar o evangelho para o lugar onde as pessoas se encontram. Não devemos esperar os amigos do evangelho entrarem por si mesmos em nossas igrejas. Jesus ensinou: "Ide". Pelo próprio exemplo, Cristo mostrou a importância de comunicar o evangelho para o homem da esquina, do campo etc. Cristo pregou ao ar livre, de dentro de Seu barco (Lc 5.3), no alto de uma montanha (Sermão do Monte; Mt 5) e no discurso do pão do céu, num monte do deserto (Mt 14.15ss.; Jo 6.3ss.). Nosso Senhor Jesus Cristo usou também as casas como lugar

de seus cultos evangelísticos (Lc 5.17-26). Destes exemplos, podemos concluir que Jesus Cristo usou a pregação ao ar livre como método eficaz na comunicação do evangelho do reino de Deus.

Os apóstolos continuaram esta tradição. No dia de Pentecostes, Pedro pregou ao ar livre, para todos os habitantes de Jerusalém (At 2.14ss.). Paulo pregou o evangelho à beira do rio (At 16.13), onde o Senhor abriu o coração de Lídia. Na sofisticada capital cultural e centro filosófico do Império Romano, Atenas, encontramos Paulo pregando ao ar livre no Areópago, onde os atenienses costumavam debater abertamente seus sistemas filosóficos, suas idéias religiosas e questões contemporâneas.

Infelizmente, os cultos ao ar livre do século XX muitas vezes escandalizam a fé cristã, porque os pregadores apresentam o evangelho de maneira superficial e moralista. Com freqüência, os organizadores destes "comícios evangélicos" não sabem como planejar um programa moderno, eficiente e progressista, e têm pouco conhecimento sobre o uso do microfone.

Algumas recomendações podem nos ajudar a usufruir de maneira mais eficaz o enorme potencial dos cultos ao ar livre:

1. Procure um lugar estratégico que se destaque e lhe garanta ampla visibilidade (esquina de rua ou lugar elevado, como a carroceria de um caminhão).

2. Antes da realização do culto ao ar livre, verifique a viabilidade prática do lugar (energia elétrica, espaço, tranqüilidade, segurança, instalações).

3. Limite o tempo máximo do culto em 45 minutos.

4. Planeje um excelente programa musical, com pessoas capacitadas que tenham ensaiado antes de sua apresentação.

5. Inclua três ou quatro testemunhos vivos e desafiantes em seu programa.

6. Prepare uma mensagem simples de 10 a 15 minutos.

7. Use o linguajar do cidadão do século XX e evite a "gíria evangélica".

8. Evite que o moralismo tome conta de sua mensagem.

9. Identifique-se várias vezes e diga qual foi a igreja que organizou o culto.

10. Faça com que sua igreja compareça em massa ao culto, para apoiá-lo, orar, distribuir folhetos e conversar com os visitantes.

11. Use métodos audiovisuais (retroprojetor, flanelógrafo, filmes, slides, vídeo, cartazes etc.).

12. Combine data, horário e local com as autoridades competentes (prefeitura, polícias militar e civil).

c. Pelo rádio: o rádio constitui um dos meios mais eficazes para a comunicação moderna do evangelho de Jesus Cristo, porque penetra em todos os países, incluindo aqueles fechados à fé cristã (nações socialistas totalitaristas, países muçulmanos e tribos distantes, onde o acesso é praticamente impossível).

A pregação pelo rádio precisa de cuidados especiais:

1. Faça uma introdução curta, atual e estimulante.

2. Levante perguntas pessoais e reflexivas: "você sabe?"; "conhece?"; "deseja?"; "você tem?"; "experimentou?"

3. Leve o ouvinte a reconhecer seu estado real de pecador perdido ou cristão frustrado.

4. Pregue de forma simples, usando a língua do povo, mas não seja simplista.

5. Ofereça ajuda pastoral, porque um terço das reações dos ouvintes refere-se a questões sexuais e educacionais, um terço a questões puramente espirituais e um terço a questões diversas.

6. Fale dentro da realidade do ouvinte, empregando frases curtas e lógicas e ilustrações do cotidiano.

7. Apele à consciência, à mente e à vontade do ouvinte.

8. Evite questões teóricas e dúvidas.

9. Mostre os primeiros passos na fé cristã (oração, leitura bíblica, comunhão, vitória sobre tentações, visão missionária, importância e função da igreja local).

10. Fale ao indivíduo, não à massa (ao doente, ao desesperado, ao que está na fábrica, no carro, na cozinha, na sala etc.).

11. Dialogue amigável e objetivamente com o ouvinte, como se ele estivesse sentado à sua frente.

12. Evite o "nós" e o "tu", usando o "eu" e o "você".

d. Pela televisão: a televisão é o método mais atraente, porém, mais difícil, da comunicação evangélica hoje. Os fracassos e escândalos dos pregadores norte-americanos, por exemplo, mostram-nos os perigos e a vulnerabilidade a que eles estão sujeitos. Além das recomendações mencionadas acima para a comunicação pelo rádio, o pregador de televisão deve ser sensibilizado principalmente em relação aos aspectos estéticos. Ele também deve revelar independência do manuscrito, limitar sua pregação entre cinco e sete minutos, além de oferecer livros ou cursos. Não deve pedir dinheiro.

Cultos solenes

Os cultos solenes são acompanhados de atos e formalidades religiosas que dão um caráter especial ao momento. Tais cultos têm uma dimensão festiva, legislativa, serena e santa.

O Antigo Testamento qualifica o repouso ou descanso santo ao Senhor como solene (Êx 31.15; 35.2; Lv 16.21; 23.3, 24, 32, 36, 39; 25.4). Na tradição do Pentateuco, emprega-se o termo solene também para o ano de descanso solene (Lv 25.5) e para a reunião solene (Nm 29.35).

Na época do reinado teocrático, o termo é ampliado para assembléia solene (2 Rs 10.20; Jl 1.14; 2.15; Am 5.21), ajuntamento solene (Is 1.13), reunião solene (Lm 1.4), juramentos solenes (Ez 21.23) e festividades solenes (Sf 3.8; Zc 8.19). A festa da páscoa foi chamada de solenidades ao Senhor (Êx 12.14), bem como a festa anual em Silo (Jz 21.19). Sião era a cidade das solenidades (Is 33.20), e a harpa era usada como instrumento de destaque em tais eventos (Sl 92.3).

Em hebraico, os termos solene e solenidade têm origem na palavra kadosh, que significa santo. Concluímos, pois, que os cultos solenes constituem uma expressão de nossa fé, consagração, reverência e sinceridade ao Senhor. Deus é santo e deseja que nossos cultos festivos e solenes sejam santos, também.

A assembléia é um culto solene em que os membros de uma igreja local reúnem-se legalmente para tratar dos negócios de sua igreja como pessoa jurídica. Na assembléia, a igreja local delibera a respeito de seus trabalhos, planos, admissão, transferência e disciplina de seus membros.

Não queremos entrar nos aspectos jurídicos e legais e nos procedimentos parlamentares, porque isto faz parte da teologia pastoral. Precisamos nos limitar a questões ligadas à homilética. Não é apropriado apresentar uma mensagem de 25 minutos numa assembléia, seja ordinária ou extraordinária. Por outro lado, a pregação da Palavra é uma característica distinta de cada reunião evangélica. Recomendamos, portanto, fazer uma breve leitura bíblica apropriada ou uma pequena meditação de 5 ou 7 minutos, em forma de exortação, estímulo, direção pastoral ou reflexão meditativa, a fim de facilitar o bom andamento e a harmonia da assembléia. Esse mini-sermão tem uma função preventiva e introdutória para a assembléia que se seguirá.

A convenção é o ajuntamento planejado e jurídico de uma associação, união ou aliança de igrejas para coordenar, planejar e

deliberar sobre assuntos de uma região eclesiástica.

A pregação da Palavra de Deus numa convenção é de suma importância. É triste quando esse evento reduz-se a meras questões polêmicas, teóricas e comerciais, não dando mais oportunidade para o estudo, a reflexão e a pregação da Palavra de Deus.

A preparação dos estudos para uma convenção precisa de cuidados especiais. Geralmente, os estudos são temáticos ou consecutivos. Isto permite abordar um tópico de maneira abrangente, usando textos apropriados do Antigo Testamento e do Novo Testamento ou, então, a exposição de um livro bíblico inteiro. As principais dimensões das pregações ou dos estudos bíblicos numa convenção são de caráter catequético e pastoral. Mensagens bem elaboradas e escritas são uma exigência indispensável para pregações em convenções, não só por motivos psicológicos, mas também pelo fato de que muitos daqueles que assistem à convenção irão pedir uma cópia do sermão ou do estudo bíblico.

Em cultos de posse de um obreiro, na ordenação de um ministro, no provisionamento de um pastor leigo ou na licenciatura para o evangelista, a pregação evangélica é caracterizada pela responsabilidade pastoral. Por isso, os textos das epístolas pastorais constituem um valioso tesouro para o pregador. Nestes cultos solenes, a prédica dirige-se ao pastor, como líder, ou à igreja que o recebe. Algumas sugestões para os tópicos seriam:

- a importância, a responsabilidade e a viabilidade prática do pastorado evangélico;

- as qualificações bíblicas para o ministério;

- as responsabilidades da igreja para com seu pastor;

- a vocação ministerial no contexto bíblico e atual.

Estas mensagens serão de grande estímulo para o pastor, os membros e os possíveis futuros obreiros do Senhor.

Os cultos solenes por ocasião do aniversário da igreja são excelentes

oportunidades para desafiar a igreja, lembrar os membros de sua missão no mundo e evangelizar as pessoas que, de outra maneira, não entrariam num templo evangélico.

Cuidados especiais precisam ser tomados no que diz respeito à mensagem principal. Não se deve permitir que ela seja entregue após duas horas de culto de ação de graças, quando todos já estiverem cansados. Recomenda-se também fazer mensagens curtas, com uma duração máxima de 15 minutos.

A dedicação de um templo novo, cheio de visitantes, representantes eclesiásticos, representantes de bairros e autoridades municipais, é uma boa oportunidade para a pregação do evangelho. O perigo de tal solenidade está num programa abarrotado de palavras de saudações e inúmeras apresentações especiais. O formalismo jamais deve substituir a proclamação das boas novas numa maneira construtiva e desafiadora.

A solenidade de dedicação do templo em Jerusalém, relatada em 1 Reis 8, revela a importância da reunião do povo num local para adorar o Deus verdadeiro, ali estabelecer Seu nome e sentir Sua presença real (1 Rs 8.12-21). Além da pregação solene, a oração (1 Rs 8.22-53), a bênção (1 Rs 8.54-61) e os sacrifícios voluntários, como expressão de gratidão (1 Rs 8.62-66), destacam-se como características distintas da dedicação do templo. Todavia, é importante ressaltar que, na dispensação da graça, o Senhor Jesus deseja que nossa vida se constitua em santuário do Deus vivo (1 Co 3.16, 17; 6.19).

Os templos feitos de tijolos e telhas têm uma função temporária, mas são testemunhas do poder de Deus na transformação de vidas preciosas, as quais aceitaram a pregação do evangelho.

Na dedicação de um novo templo, as mensagens devem salientar o plano de Deus para Sua igreja, o testemunho da fidelidade de Deus e a missão evangelizadora da igreja, além de levar a congregação a um compromisso firme de obediência diária a Cristo. Recomenda-se

apresentar mensagens curtas, que não passem de 15 minutos.

Numa solenidade de consagração de crianças, que ocorre preferencialmente na escola dominical, o comunicador do evangelho deve explicar, em poucas palavras, a origem, o conceito, a bênção e a finalidade prática deste rito. Passagens bíblicas específicas (Mt 19.13-15; Mc 10.13-16; Lc 2.22-24; 2.52; 18.15-17) são recomendadas para uma exposição breve. A cerimônia não deve demorar mais de 12 minutos, por causa da fragilidade e dos imprevistos dos bebês.

A ênfase homilética nas pregações batismais recai sobre seu significado bíblico e prático. Nenhum batismo deve ser realizado sem que se esclareçam sua origem, sua função e o testemunho bíblico a respeito dele. Uma sólida pregação doutrinária, baseada num texto bíblico que se refira ao batismo de Cristo, à Sua ordem para batizar, aos exemplos históricos do livro de Atos ou a uma das muitas referências nas epístolas neotestamentárias, é de suma importância para o candidato ao batismo, bem como para a igreja em geral e seu testemunho no mundo. Para um estudo profundo sobre o batismo cristão, recomendamos a leitura da obra clássica de G. R. Beasley-Murray, Baptism in the New Testament (Exeter: s. ed., 1962).

A solenidade de noivado é diferente de cultura para cultura, mas normalmente é realizada no ambiente familiar. O noivado é uma oportunidade para que o pastor ofereça instruções matrimoniais aos noivos e dê um toque evangelístico aos familiares que ainda não conhecem a Cristo. Se os noivos desejam um culto, este deve ser bem alegre, festivo e breve, mas com algumas referências bíblicas sólidas quanto ao compromisso cristão no namoro e no noivado. Cuidado para que o culto de noivado não se torne um substituto do culto matrimonial.

A preparação homilética para o casamento é dupla. O ministro deve preparar a ordem da cerimônia de casamento, que é composta de: entrada solene, música, oração invocatória, mensagem nupcial,

troca de alianças, votos, bênção matrimonial, avisos e oração final. Após ter preparado detalhadamente a parte litúrgica e ter conversado com os noivos quanto à sua ordem, o pastor investe na mensagem nupcial, que deve ser especificamente preparada e dirigida ao casal. A mensagem nupcial possui um teor ético e bíblico, mas não moralista. Ela aponta de maneira simples e objetiva para a definição, a origem, a natureza, a função e a duração do casamento no testemunho bíblico. Numa sociedade pluralista, permissiva e materialista, vale a pena enfatizar que o casamento cristão é um pacto sagrado, uma aliança solene, legal, pública, monogâmica e para toda a vida.

Nem todos os pastores fazem uma pregação nupcial, restringindo-se à cerimônia litúrgica. Encorajamos os pregadores do evangelho a usarem os casamentos como plataforma de instrução bíblica, apresentando uma pregação nupcial de cerca de 15 minutos para apoiar a relevância e a inviolabilidade da lei moral de Deus.

A pregação do evangelho em cultos fúnebres é bastante variável. Algumas famílias desejam um culto fúnebre em casa; outras, na igreja ou no cemitério. Para alguns, o culto fúnebre é memorial; para outros, é um culto de ação de graças. Em casos extremos, o culto fúnebre pode ser restrito aos membros da família. De qualquer forma, o pastor dialoga com os familiares envolvidos e procura um caminho aceitável para todos. As mensagens fúnebres podem ser uma corrente de versículos bíblicos, uma mensagem preparada com alguns pontos, uma mera meditação de caráter pessoal ou leituras bíblicas com poucas explicações pastorais.

O pastor oficiante não pode limitar sua mensagem somente à sepultura, mas tem a missão de pregar a vitória sobre a morte o evangelho da ressurreição e referir-se à esperança bendita dos fiéis (1 Co 15.1-58). Paulo enfatizou: "Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por

intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1 Co 15.55-58).

Perguntas didáticas sobre a homilética formal

1. Qual a tarefa da homilética formal?

2. Quais as partes integrantes da estrutura do sermão que merecem nossa atenção?

3. Dê uma definição curta, clara e específica de título da mensagem.

4. Quais erros devemos evitar na definição de um título apropriado?

5. O que compreendemos por introdução?

6. Quais são os objetivos principais de uma boa introdução?

7. Explique o que é uma proposição.

8. Explique como se desenvolvem as proposições homiléticas.

9. De que maneira chegamos às proposições bíblicas?

10. Por que precisamos de um bom esboço para nossas prédicas?

11. Quando elaboramos o esboço?

12. Defina esboço homilético.

13. Quais as vantagens práticas de um bom esboço?

14. De que maneira um esboço bem traçado ajuda os ouvintes?

15. Cite 11 princípios para a elaboração de um esboço adequado.

16. Quais as diferenças básicas entre a estrutura e o esboço do sermão?

17. Qual a função das discussões da mensagem?

18. Por que a unidade de pensamento é de vital importância para o sermão?

19. Quais conselhos você dá para o trabalho de redação de uma mensagem?

20. O que entendemos por simplicidade de palavras?

21. Qual a função da vitalidade e da elegância na elaboração e entrega de uma prédica?

22. Quais as vantagens do emprego de ilustrações na mensagem?

23. Sobre quais recomendações práticas precisamos ser conscientizados quando usamos boas ilustrações?

24. Quais as diferenças entre ilustração e aplicação?

25. Quanto tempo o pregador deve investir na conclusão?

26. Por que a conclusão é de suma importância para o pregador?

27. Cite as três formas principais de sermão.

28. Dê uma definição objetiva e clara de sermão tópico.

29. Quais são as vantagens do sermão temático?

30. Mencione algumas desvantagens do sermão tópico.

31. Defina o sermão textual.

32. Cite alguns aspectos positivos do sermão textual.

33. Quais são as características do sermão expositivo?

34. Por que o sermão expositivo é o tipo de pregação mais difícil?

35. Cite o nome de três pregadores expositivos cujo exemplo você gostaria de seguir.

36. Que conselhos práticos você daria para uma pessoa que deseja desenvolver a pregação expositiva?

37. Quais são os três métodos típicos de apresentação do sermão?

38. Cite as vantagens da leitura do sermão.

39. Por que muitos pregadores rejeitam a leitura de seus sermões?

40. Explique o que é memorização parcial do sermão.

41. Por que a maioria dos pregadores evangélicos dá preferência à memorização de seus sermões?

42. Defina pregação sem anotações.

43. Cite exemplos históricos de pregação sem anotações.

44. Quais as vantagens da enunciação livre?

45. Qual o maior pecado dos pregadores contemporâneos?

46. Onde você percebe as grandes dificuldades da pregação livre?

47. Quais conselhos você daria a um pregador iniciante sobre como melhorar a memorização de suas mensagens?

48. Como podemos melhorar a apresentação pública de nossas prédicas?

49. Qual o papel da avaliação do sermão?

50. Como o pregador pode avaliar suas mensagens?

51. Quais os dez passos sistemáticos na preparação e entrega de um sermão?

52. Por que a homilética evangélica apresenta e discute em separado as formas alternativas de pregação?

53. Mostre as diferenças fundamentais entre o estudo bíblico em classe, com monólogo, com diálogo, com mesa redonda e em grupo.

54. Quais são as vantagens do estudo bíblico por meio de diálogo?

55. Cite alguns perigos do estudo bíblico em grupo.

56. Que significado especial tem o culto evangelístico para a pregação?

57. Cite alguns elementos distintos do culto evangelístico.

58. Quem são os destinatários do culto evangelístico?

59. Por que apresentamos mensagens evangelísticas?

60. Mencione pelo menos quatro formas de culto evangelístico.

61. Qual o maior problema do culto evangelístico tradicional na igreja?

62. Como você planeja um culto ao ar livre?

63. Por que a pregação pelo rádio é tão diferente das outras pregações?

64. Com quais recomendações precisamos nos familiarizar para a pregação pelo rádio?

65. Quais os grandes perigos e as vantagens da prédica pela televisão?

66. Defina os cultos solenes.

67. Como devemos pregar numa assembléia?

68. Quais são as características homiléticas da prédica numa convenção?

69. Para o pregador, quais são as oportunidades de um culto de posse ou ordenação?

70. Como você pregaria no aniversário de sua igreja?

71. Que regras homiléticas ajudam a prédica apropriada à dedicação de um novo templo?

72. O que você prega na consagração de crianças?

73. Por que a pregação batismal exige preparo especial?

74. Quais os grandes desafios homiléticos de um culto de noivado e de outro de casamento?

75. A preparação de uma mensagem fúnebre exige cuidados especiais. Explique alguns aspectos indispensáveis desta árdua tarefa.